# REVISTA DA SEMANA

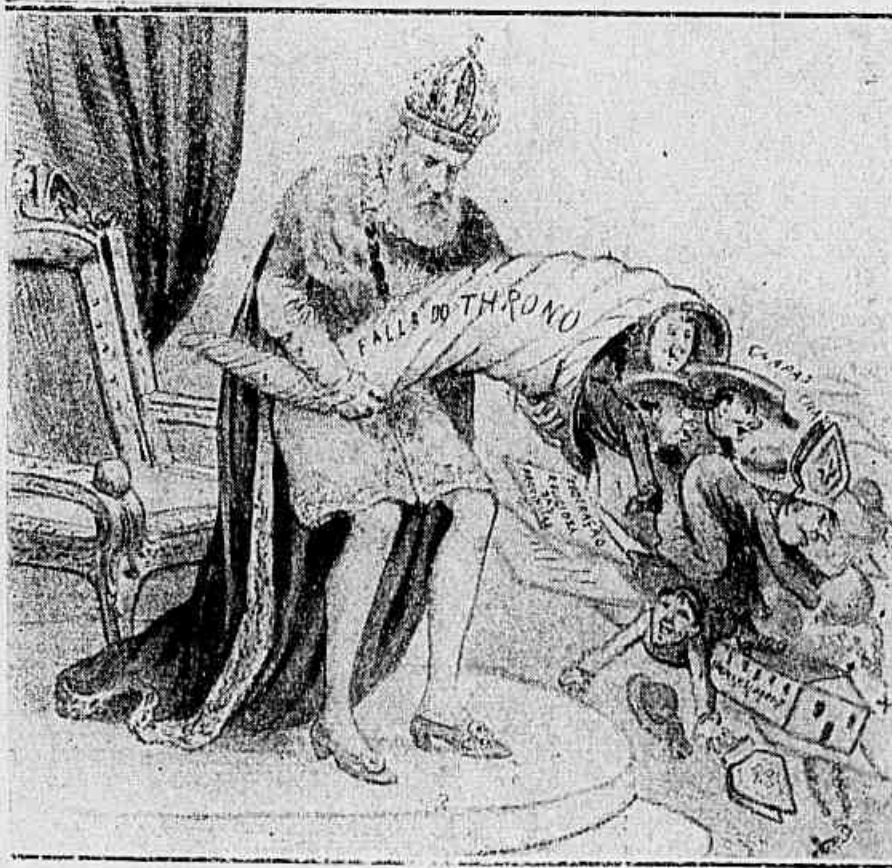
Preço para todo o Brasil
1$000 réis.

ANNO XXII - Num. I
RIO DE JANEIRO
1 de Janeiro de 1921

# Os ultimos dias do Imperio

QUANDO *hoje se lêem os jornaes e revistas do tempo, tem-se a impressão de que a revolução não passou do raio numa tempestade lentamente accumulada e cujos trovões retumbavam ha muito na politica nacional.*

*Os Congressos Liberal e Republicano acabavam de realisar-se quando se declarou a crise do ministerio João Alfredo. Entre as reformas politicas reclamadas pela opinião publica primavam a instituição do systema federativo, no estylo norte-americano, das provincias; a liberdade eleitoral pela instituição do voto secreto — que a Republica ainda não instituiu! — a temporariedade do mandato senatorial, o casamento civil... O programma do Partido Liberal paulista representava, mais do que a democratisação radical do Imperio, a subversão das columnas em que se apoiava o periclitante regimen imperial. Era esse o programma que Ruy Barbosa apoiava com a influencia do seu talento e da sua cultura. Dizia-se que o governo, sendo uma «reliquia abolicionista», devia ser recolhido a um museu. O sentimento liberal clamava contra o predominio da Egreja. No desenho allusivo á ultima falla do throno, Angelo Agostini representava na* Revista Illustrada *o Imperador despejando sobre o paiz, de uma cornucopia, padres e bispos.*

A ultima falla do throno (3 de Maio de 1889)

«Augustos e dignissimos senhores representantes do subsidio: Religião e mais religião é do que o paiz precisa, para assim conquistar, ao menos, um logar no reino dos céus!»

(Angelo Agostini, na «Revista Illustrada»).

A CRISE MINISTERIAL - Queda do conselheiro João Alfredo e chamada ao poder do Visconde de Ouro Preto

(da "Revista Illustrada", de Angelo Agostini).

*Perante a opposição parlamentar, o presidente do Ministerio pedira á Corôa a dissolução da Camara e, como o Imperador lh'a recusara, demittira-se. Era uma situação grave, essa em que se achavam as instituições monarchicas. O ministerio João Alfredo tinha no seu activo acções memoraveis. Fizera a abolição com uma intrepidez incomparavel, rejeitando o projecto das indemnisações e calcando aos pés as leis de excepção pedidas pelos fazendeiros contra os libertos; enchera as arcas do Thesouro negociando um emprestimo em condições nunca vistas: pagara a divida fluctuante; fixara o cambio ao par; extinguira o deficit. Embora decahido da popularidade por alguns actos menos habeis, era um ministerio de força, apoiado em dedicações solidas, envolvido por um resto ainda magnifico de prestigio.*

*A fatalidade crescia sobre o throno. Escreviam-se na imprensa prognosticos desta natureza alarmante: «Desde o dia 31 de Maio, em vez de uma crise governamental, abriu-se em nossa patria, escancaradamente, uma crise de instituições, que ha de ser fatal a esta forma de governo...»*

*A opinião publica cobria de flores a campa do ministerio que libertara uma raça e recebia-se o novo minis-*

O ultimo ministerio do Imperio

«— Já sei, já sei, o Sr. inspira-me toda a confiança. A escolha dos militares foi muito feliz. Conte commigo e... segure-se!...»

(de Angelo Agostini, na «Revista Illustrada»).

Tendo longamente fallado, Jorge Landry esperou a resposta. A sra. de Viesme, porém, não respondeu. Immovel no banco forrado de musgo que lhe proporcionava tão doce repouso, pallida sob a claridade lunar que brincava através das ramarias, permanecia calada, como longinqua e alheia aos vãos murmurios humanos.

— Quer dizer, insistiu o rapaz, um tanto nervoso, que a senhora se zangou com a minha declaração?

Num tom ligeiramente amargo, Helena de Viesme replicou:

— Zangar-me, por que, meu caro? O senhor está no seu papel de homem. Conforme esse papel, tinha o senhor, uma vez a sós com uma mulher viuva, livre de qualquer compromisso e da qual se diz não ser muito feia, que lhe jurar o mais profundo amor. Cumpriu o seu dever. Está desculpado.

Jorge exaltou-se:

— A senhora não me acredita e no emtanto eu sou sincero. Amo-a com uma paixão inexcedivel, absoluta. Ha muitos mezes que lhe pertenço inteiramente. Este inverno, em Paris, affirmei-lhe os meus sentimentos. Nada os poderá alterar. E aqui, em Fontainebleau, só lhe posso repetir a mesma confissão.

Helena, num tom de voz mais doce, retrucou:

— Acredito. Mas um amor só não basta para fazer a felicidade...

— E a senhora não me ama...

— Gosto do senhor, como bom camarada, homem distincto, amigo dedicado...

— E nada mais?

Nada mais.

Seguiu-se um longo silencio.

Casada muito moça com um homem já entrado em annos, Helena começara logo a soffrer, a soffrer sem o menor queixume. O seu pudor intimo padecia enormemente ao contacto daquelle marido grosseiro, jogador, beberrão. Peor ainda: traições, das que se não contam nem se podem dizer, immediatamente quebraram os laços que deviam unir os dois esposos. Helena refugiou-se numa especie de reserva inaccessivel. A sua physionomia não acusava dor, nem odio; mas, por trás dessa fachada impassivel, escondia-se um immenso desconsolo...

Assim decorreram alguns annos. De repente, morreu o sr. de Viesme. Helena ficou livre, com vinte e tres annos. Esperava-se que, após um lucto decente, ella mostraria alguma satisfação em dispor da sua liberdade e, sem se apressar muito, acolheria um dos consoladores já prestes a declararem-se. Nada disso. Continuava a envolvel-a uma grande frieza. Dir-se-hia que, nella, a força de crer e de esperar inteiramente se extinguira. E ás amigas que a interrogavam immediatamente Helena respondia:

— Não tornarei a casar. Não tenho confiança nos homens, por muito bons que sejam ou pareçam. E sinto-me absolutamente incapaz de amar outra vez.

Jorge Landry recebeu, como os outros, uma forte impressão daquella altivez desdenhosa. Sentindo, no emtanto, pela primeira vez, as garras duma paixão deveras empolgante, julgou poder vencer onde tantos outros haviam sido vencidos. A principio, Helena sorriu de tal pretenção. Depois, pouco a pouco, foi nutrindo contra Jorge certa animosidade. Prezava-o, sem duvida, pelas suas boas qualidades, mas entendia que elle attentava contra a sua tranquillidade; e tratava, por isso, de o afastar de si, sem vexame nem humilhação.

Chegou o verão. A sra. de Viesme partiu para uma propriedade de familia, á beira da floresta de Fontainebleau. Vivia alli com um velho tio que lhe servia de pae e protector. Todas as manhãs dava um passeio pelo bosque, gozando com ardor essa bella independencia. Um dia, encontrou na estrada Jorge Landry. Este affirmou que só o acaso os collocara em presença um do outro e que fôra sem segunda intenção que elle alugara uma «villa» naquellas visinhanças. Ella fingiu acreditar. E começaram então entre elles relações um tanto ou quanto especiaes.

Passaram a encontrar-se varias vezes por semana. A satisfação que lhe dava ter um amavel companheiro de passeio fazia com que ella esquecesse o seu amor á liberdade. E ás palavras apaixonadas, que o rapaz murmurava, respondia a sra. de Viesme com ironias, a principio, e, depois, achando graça áquella camaradagem que ella considerava sem o menor perigo...

Naquella noite, porém, Helena sentia-se um

---

terio Ouro Preto escrevendo-se que elle era «um verdadeiro salto das instituições na treva». Um escravocrata diante das difficuldades de organisação do novo governo — que seria o ultimo do Imperio — exclamara: «Libertaram os pretos; agora chamem-os para organisar o ministerio!» Um jornal de caricaturas chamava ao governo Affonso Celso um «becco sem sahida».

Passivelmente, o ministerio commetteu erros que precipitaram a reacção contra o regimen, mas a verdade é que era já difficil, senão impossivel, harmonisar o sentimento republicano americano com a instituição imperial. O visconde de Ouro Preto foi a victima de circumstancias que não preparara e soube resgatar os erros politicos com a dignidade altiva com que defrontou os seus adversarios triumphantes. Cahiu de pé. Os seus detractores accusam-no de haver sido um máo estadista. Porém, innegavelmente, foi um homem dignissimo. Não era um junco flexivel, que o vento do infortunio verga. Era, pelo contrario, um homem, na mais nobre e varonil accepção da palavra.

*pouco menos senhora de si do que habitualmente. Curiosa de admirar os effeitos do luar na orla da floresta, sahira de casa, para uma curta caminhada; logo, porém, aos primeiros passos, vira na sua frente Jorge Landry. Teve um brado energico de desafio e censura:*

*— Andar-me-ha o senhor espiando?*

*— Sou incapaz de semelhante coisa... respondeu elle humildemente. — Foi a belleza e o esplendor desta noite que me inspiraram o desejo irresistivel de a ver. E adivinhei que a senhora não deixaria de querer sentir de perto esta vida moravilhosa da floresta e do luar...*

*— Poeta!*

*— Pelo amor de Deus, não graceje! Repare: sob os nossos passos, exhala-se o perfume lepido da terra. Nenhum rumor perturba este silencio, senão o fremito das folhas, quando as acaricia um sopro mysterioso. O luar innunda-nos de claridades diaphanas e, nesta paz da Natureza, ouvimos distinctamente bater os proprios corações.*

*Tinham entrado sob a obobada das ramarias immoveis. O scenario da noite correspondia de tal modo aos seus sentimentos que para elles e só para elles parecia ter sido criado. Jorge proseguiu:*

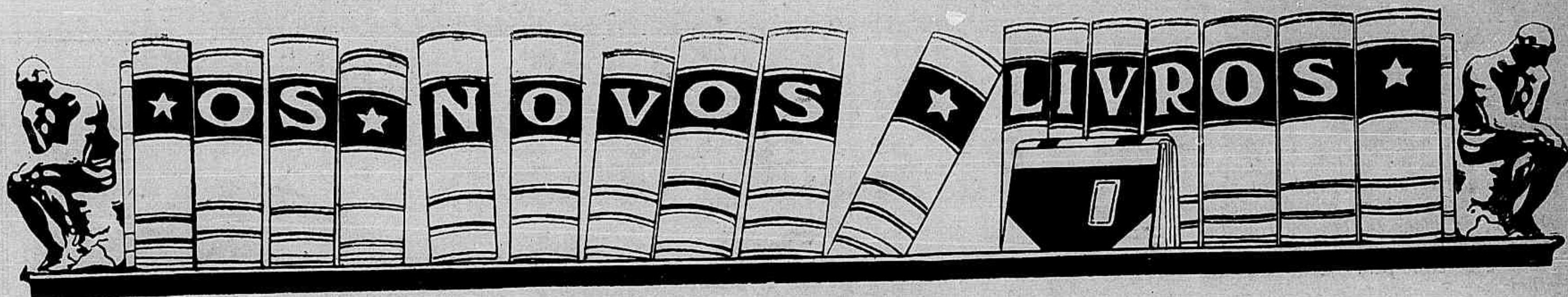
*— Não será este um momento para se fallar de amor?*

*Foi então que elles pararam numa volta do caminho e se sentaram no banco forrado de musgo. Helena tentou, mais uma vez, defender-se. Depois, ficaram calados, immoveis, esmagados pela doçura da noite e a inteira commoção dos seus pensamentos. Todavia, Jorge resolveu tentar ainda:*

*— Emfim, exclamou elle, não me resta a menor esperança?*

*— Perdoe-me, caro amigo, sou incapaz de amar como o senhor desejaria...*

*— A senhora não se conhece a si propria. Não ha coração humano que, um dia, não palpite... A mais esplendida estatua sahida das mãos do homem não passa dum simulacro vão, porque não é um ser que vibre. Mas a senhora, tão harmoniosa, tão perfeita, não se pode equiparar a um bloco de gesso ou de marmore...*

*— E' comtudo, assim é que eu sou. Nada me commove... — Nunca de certo uma mulher revelara tão claramente o segredo de si propria. Mas, impellida por qualquer força extranha e ignota, Helena continuou: — Veja essa floresta que nos cerca. E' bella mas silenciosa como um tumulo. Nunca um canto de passaro se ergue, dentre estes ramos, para a animar, a fazer palpitar. Todos os passaros que aqui viviam foram assassinados pelos barbaros que se chamam caçadores. E' sabido que, ha muitos annos, se não ouve aqui um gorgeio, um arrulho, um simples pipillar. Pois bem: mais ainda do que á estatua de que o senhor fallou, eu me assemelho a esta floresta... Os passaros que cantavam na minha alma foram mortos...*

## Secção Bibliographica da "Revista da Semana"

Por uma combinação entre esta Empresa, a Livraria Francisco Alves e a Sociedade Editora PORTUGAL-BRASIL LIMITADA, serão postas simultaneamente á venda em Portugal e no Brasil as obras de auctores brasileiros e portuguezes, editadas por aquella empreza editora.

### Ultimas edições da Sociedade Editora Portugal-Brasil Limitada

OBRAS DE JULIO DANTAS

**D. João Tenorio** .......... 4$000
**Mulheres** .......... 4$000
**Espadas e Rosas** .......... 4$000
**Como ellas amàm** .......... 3$500
**Um serão nas Larànjeiras** .......... 3$500
**Rosàs de todo o anno** .......... 1$000
**Carlota Joaquina** .......... 1$500
**1023** .......... 1$000

*

Tendo a Sociedade Editora Portugal Brazil adquirido os direitos de propriedade das obras do illustre escriptor portuguez, serão estas postas á venda no Brasil, á medida que forem sendo editadas em Portugal.

Julio Dantas

JOÃO DO RIO

**A mulher e os espelhos**, uma obra que se exgotou em 8 dias! 1 vol. 3$500

CELSO VIEIRA

**O Semeador**, considerada uma das obras primas da litteratura nacional contemporaneo, 1 vol .......... 4$000

E LASSERRE

**Delinquentes Passionaes** .......... 4$000

**Seres e Sombras**, por Oscar Lopes, 1 vol .......... 3$000

**Os cem sonetos brasileiros e portuguezes**

Com um prefacio de Mayer Garção, 1 vol .......... 2$500

**Cartas de mulher**

Collecção das mais sensacionaes cartas de *Iracema*, 1 vol .......... 4$000

**Gente d'Algo**, pelo conde de Sabugosa, com um prologo inedito .......... 5$000

**Cem cartas de Camillo**, por L. Xavier Barbosa, 1 vol. illustrado .......... 5$000

**Sangue Portuguès**, contos historicos, de H. Lopes de Mendonça, que a critica comparou ás *Lendas e Narrativas*, de Herculano .......... 4$000

**A Grande Aventura**, por Antonio Granjo .......... 2$500

**O ultimo Senhor de S. Geão**, por Vicente Arnoso .......... 2$000

**De Roma e suas Conquistas**, por M. da Silva Gaio, secretario da Universidade de Coimbra .......... 4$000

**Da outra banda de Portugal** (quatro annos no Rio de Janeiro) antigo consul geral de Portugal no Rio e actual ministro na Argentina, 1 vol .......... 4$000

**Eça de Queiroz**, por Alberto de Oliveira, 1 vol .......... 4$000

SOUSA COSTA

**Fructo Prohibido**, romance .......... 4$000
**Paginas de sangue** .......... 4$000

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

**Paginas Escolhidas**, 1 vol .......... 3$000

CARLOS MALHEIRO DIAS

**Esperança e a Morte** .......... 4$000
**Verdade Nua** .......... 4$000

Dra. AMELIA CARDIA

**Episodios da guerra** .......... 3$000

MARIO DE ARTAGÃO

(*Da Academia de Letras do Rio Grande do Sul*)

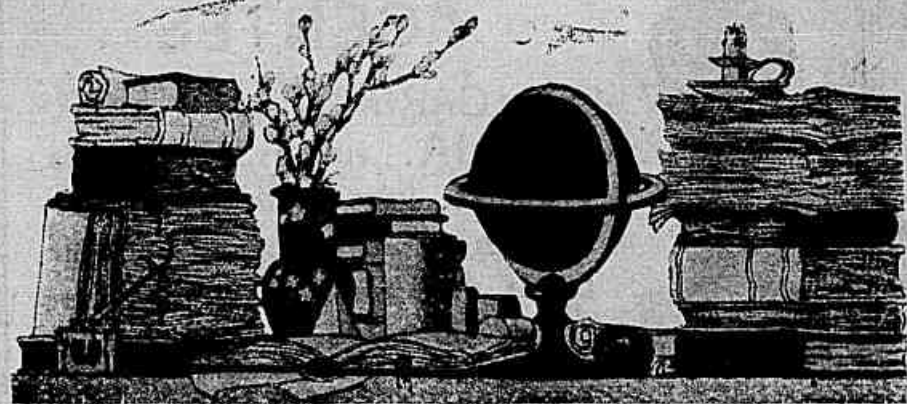
**O Psalterio** (versos) .......... 2$000

JOÃO MADAIL

**Cultura de arroz** .......... 3$000

OS PEDIDOS DEVEM SER ENDEREÇADOS A'

**COMPANHIA EDITORA AMERICANA**

Proprietaria da *Revista da Semana* e *Eu Sei Tudo* — Praça Olavo Bilac, 12, Rio de Janeiro — e aos seus agentes em todo o Brasil, ou á LIVRARIA FRANCISCO ALVES — Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro.

*Jorge murmurou:*

*— Não posso crer nessas palavras, Helena. Consinta que eu a ame. A' força de amor, acordarei os sonhos alados que, na senhora, não morreram, mas apenas se acham adormecidos...*

*Os labios de Helena deixaram escapar uma palavra:*

*— Presumpçoso... — E logo, num tom mais suave e compassivo: — Ser-lhe-hia mais facil despertar a floresta que o meu coração...*

*Jorge, desanimado, baixou a cabeça. E eis que, no silencio, subitamente, uma nota de puro crystal se fez ouvir... Helena e Jorge, surprehendidos, ergueram a fronte, olharam-se. Outra nota mais leve, mais fluida, mais limpida, vibrou. Seguiu-se um trinado... Na ramaria, cantava um rouxinol.*

*Era de certo o unico passaro daquella floresta immensa. Donde viera? Por que razão ninguem, antes, o ouvira? Por que cantava, naquella noi-*

te? Mas, realmente, que importava isso? A verdade é que naquella immensidade sempre mudo um rouxinol cantava.

— Ouça! exclamou Jorge, victorioso — A senhora desafiou-me, ahi tem. O meu amor acordou a floresta!

Helena não respondeu. Mas emquanto os trinados do passaro subiam na limpidez dos ares, as duas sombras banhadas de luar olharam-se: elle com olhos de extase, ella com inesperada doçura. Depois, os dedos se lhes entrelaçaram e as suas almas commungaram no mesmo amor emfim partilhado e acceito, pela divina graça do canto do rouxinol.

ROGER RÉGIS

**Na Alsacia libertada**

— Porque voltam este anno mais cedo as cegonhas?
Porque já não teem medo das aguias, meu filho.

(Do *Echo de Paris*)



**OS QUE PENSAM**

*O homem verdadeiramente forte é aquelle que alcança uma victoria contra os seus proprios instinctos.*

MAHOMET.

*

*Os grandes corações não podem ser felizes; falta-lhes a felicidade dos outros.*

A. CHENIER.





*Uma alma elevada colloca-se acima da injuria, da injustiça e da zombaria: e seria invulneravel se a compaixão não a fizesse soffrer.*

LA BRUYÉRE.

*

*A calumnia é uma especie de moeda falsa; muita gente que não a emittiria nenhum escrupulo manifesta em lhe dar circulação.*

CONDESSA DIANA.

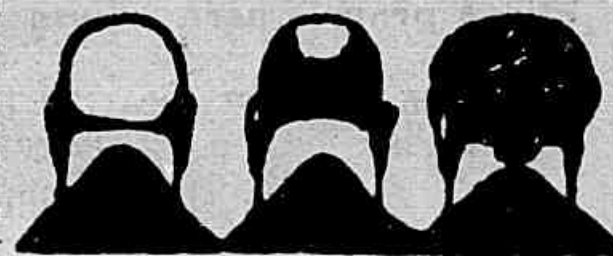
*

*A timidez da velhice compõe-se de tudo o que póde haver de mais doloroso: o soffrimento de não inspirar mais interesse e a altivez de receiar o ridiculo.*

MME. DE STAEL.

*

*Tudo no homem se reduz ao habito, mesmo a virtude.*

METASTASIO.

Vestido de baile, em tulle, sobre seda côr de rosa e bordado de crystal. Creação Paquin.

### As cartas de jogar

*O amor do jogo, sob todas as fórmas, é tão velho como o mundo, e as cartas têm, certamente, uma origem mais remota do que, em geral, se suppõe.*

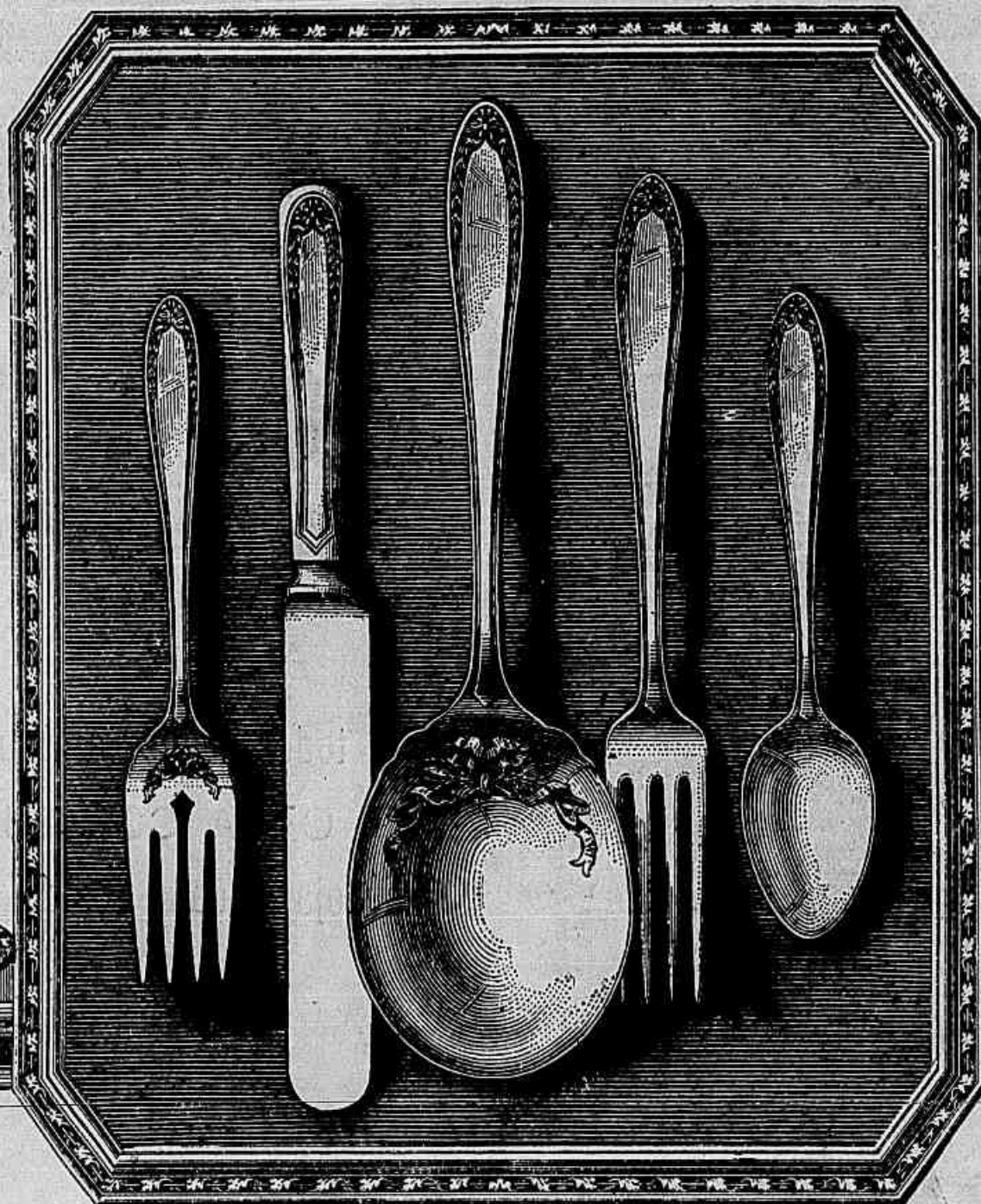
*Os romanos jogavam os dados ; os germanos punham em jogo a propria pessoa, o que perdia tornando-se escravo do outro.*

*Se as cartas foram postas em moda na epoca de Carlos VI, o inventor se inspirou no Hindostão, onde ellas ja eram conhecidas. Foi, comtudo, um francez que as imaginou como actualmente são, porquanto fez n'ellas figurar Carlos Magno entre os quatro reis. Quanto aos valetes, um é Heitor, filho de Priamo, do qual uma velha lenda fazia descenderem os reis de França ; o outro é Lancelot, um dos cavalleiros do rei Arthur ; o terceiro é Ogier,* um preux *de Carlos Magno ; o quarto é o famoso Etienne de Vignole ou Lahire, que contribuiu para consolidar o throno vacillante de Carlos VII.*

*Creando, para um principe demente, uma distracção frivola, o inventor das cartas de jogar evocou a gloria de famosos guerreiros do seu paiz.*

*Quanto ás rainhas, vemos Judith (Judic, no dialecto bretão), que significa* rainha duas vezes, *o que designa Anna de Bretanha, que foi esposa de Carlos VII e de Luiz XII.* Argina *e* Judic *indicam a mesma pessoa: Anna, a boa duqueza, que no seu manto real trouxe á França esse presente maravilhoso que se chamava a Bretanha. Em certos jogos de cartas antigos, a rainha de páus tinha na cabeça uma corôa real e, como soberana da Bretanha, uma corôa ducal sob o braço.*

*Pallas é a deusa da guerra, Rachel a da belleza. Se os páos significavam a guarda da espada, os ouros symbolisavam o ferro da lamina, as espadas o ferro da partasana e as copas a ponta da bésta.*

*A Revolução não admittiu os emblemas que as cartas representavam, porquanto eram uma recordação do antigo regime.*

*Aos reis succederam os genios, depois os sabios ; as rainhas foram substituidas pelas liberdades e pelas virtudes ; os valetes tornaram-se* Egalités. *Em 1793, as cartas traziam, em vez dos soberanos, as effigies de Solon, Catão, Brutus e J. J. Rousseau. A rainha de espadas foi substituida por Pomona, e as outras figuras foram consagradas aos ceifeiros e aos vindimadores.*

*Sob a Restauração, tudo foi novamente alterado. Voltaram os reis, mas todos francezes : Carlos Magno, S. Luiz, Francisco I e Henrique IV. As rainhas se chamavam : Branca de Castella, Margarida de Valois, Jeanne d'Albret ; os valetes : Crillon, Bayard, Rolland e Joinville.*

*Mas, desde o segundo imperio, nas cartas se adoptaram as figuras a que os jogadores de hoje estão habituados. A terceira Republica achou inutil supprimir os reis... de cartas.*

### A raiva

*De 1914 para cá, tem augmentado continuamente o numero de pessoas submettidas ao tratamento antirabico, no Instituto Pasteur, de Paris.*

*«As razões disso, diz uma autoridade scientifica, sem duvida provém da guerra, do grande numero de cães abandonados pelos habitantes das regiões devastadas ou pelas tropas mobilisadas, e a difficuldade de bem se alimentar, em regiões arruinadas, o amigo do homem».*

*Se em 1913 houve apenas 330 victimas tratadas naquelle estabelecimento, em 1916 houve 1388 e no anno ultimo 1.815. Deste numero, 5 morreram, mas dois por terem sido tardiamente tratados ; e assim a proporção dos não curados se limita a 0, 16 %.*

*Foi no Departamento de Seine-et-Oise que maior numero de pessoas foram mordidas : 787.*

## A belleza plastica no cinema

*Cada vez se faz mais questão da belleza plastica nas fitas cinematographicas. Com effeito, uma bella physionomia não deve bastar para o écran. São necessarios movimentos e linhas elegantes e harmoniosos. Ora, isso é impossivel, se o corpo não fôr bello e se a artista fizer questão de seguir as indicações da moda. Felizmente, o collete deixou de exercer a antiga tyrania e a cintura, que se tornou normal, voltou a ser, muitas vezes, perfeitamente bella. O mesmo se não pode dizer das pernas, que são ou demasiado grossas ou um tanto atrophiadas, isso por effeito do calçado apertado ou dos saltos altos de mais, que as mulheres usam actualmente. Na maior parte dellas, desappareceu inteiramente a fórma normal dos tornozelos.*

*O salto alto augmenta o trabalho dos musculos da coxa e diminue o dos musculos do tornozelo, que perde o seu vigor. Basta olharmos as pernas das estatuas antigas e especialmente as da* Nikê de Paionos, *para verificarmos o immenso erro da esthetica moderna.*

*O preconceito dos «pés pequenos» é igualmente um erro grave. Para realizar a perfeição não deve o pé ser pequeno mas estar, assim como as mãos, em relação com o corpo.*

*Só o cultivo das graças do corpo por methodos apropriados e cuidadosamente applicados — conclue o dr. Stroh, autor do artigo que aqui resumimos — poderá proporcionar a belleza plastica digna das puras tradições da esthetica grega.*

## Pseudonymos de theatro

*Foi, ha tempos, julgado em Paris um processo que teve por objecto um pseudonymo de theatro. Favoravel ao general Récamier, descendente de Mme. Récamier, celebre pela sua formosura, que viveu na epocha do Primeiro Imperio francez e da Restauração, a sentença foi contraria a Mlle. Gina Ageorges, que representava sob o nome de Gina Récamié. Ella havia tido o cuidado de supprimir o r final, o que bastava, ao seu vêr, para evitar qualquer equivoco; mas os juizes decidiram que essa leve deformação não indicava menos o intento de possuir um nome illustre.*

*Pouco antes, Mlle Yahne, outra artista, intentava um processo a uma comediante que adoptára um nome semelhante ao seu, eliminado o h. O tribunal condemnou a segunda, que, espirituosamente, modificou o seu pseudonymo d'este modo: Exiane.*

*Em França, a grande maioria dos actores e actrizes representam sob pseudonymo. Cumpre achar um nome que seja curto e euphonico, de modo a impôr-se facilmente á attenção do publico.*

*O pseudonymo, cumpre notar, não tem por origem apenas a euphonia. Procede tambem do preconceito antigo contra o theatro. Quando uma familia se oppõe a que um dos seus representantes figure em scena, o artista muda de nome, o que tem a vantagem de contentar a todos.*

*Vem a proposito lembrarmos os pseudonymos de alguns artistas, lyricos e dramaticos, de Paris, escolhidos entre os que mais applaudidos se tornaram modernamente na grande capital franceza.*

*O tenor Alvarez chama-se Gourron; a cantora Lucienne Bréval é Berthe Schilling; o tenor Franz (da Opera) é Edmond Gautier; a contralto Delna tem, como verdadeiro nome, Ledan; Mme. Vallandri é Andriveau; a acclamada actriz Bartet, da Comédie-Française, chama-se Régnault; Berthe Cerny, De Choudens; Cécile Sorel, Seurre; o actor Grand é Mac Léod; a actriz Barsange é Boutoille; o actor Coste chama-se de Caqueray. O famoso comico Baron tem, verdadeiramente, como nome o de Bouchené; a graciosa Lavallière (Variétés) era Huot; Colombey é Tardiveau; Moricey, Poussin. Ninguem ignora que a celebre actriz Réjane se chamava Réju; Marthe Brandés é Brunschwig; Casssine é Duval; Cheirel, Leriche; Dorziat, Sigridt. O actor Dumény chamava-se Richomme; o desopilante comico Germain é Poinet; o actor comico Lamy (Palais-Royal) é Castarède; Maury, Pitre; Frédal, Leveau; emfim Dorival, Groscœur.*

*Quanto aos directores dos theatros parisienses, sabe-se que Porel se chama Parfouru; Samuel, Louveau; Abel Deval, Boularan; Fontanes, Frigot.*

*A lista seria longa... e fastidiosa. Como se póde observar n'essa enumeração, alguns artistas, adoptando um pseudonymo, tiveram principalmente em mira tornar mais euphonico o nome pelo qual seriam conhecidos.*

## O militarismo prussiano

*O militarismo prussiano, diz um articulista da revista allemã* Das Forum, *não é humano. Só tem tradições más. Tem officiaes superiores e inferiores, sabres, capacetes, uniformes multicores; sabe commandar e bramar; possue o regulamento de instrucção, o juramento á bandeira, o passo de parada. Tem o mau soldo e a hierarchia, os galões dourados e a musica militar (com Deus, pelo Rei e pela Patria) a humilhação, a fanfarronice e os canhões. Tudo isso porém — o commando, a obediencia, a famosa consciencia do dever — não passa duma serie de epithetos diversos para exprimir a sua qualidade unica, a sua brutalidade deshumana, estupida, que avilta o homem e mais o quer aviltar*

*Não é a guerra o crime mais abjecto, o peccado mais monstruoso, a mais baixa degradação do homem; não; a vilania mais infame é o proprio militarismo A guerra é o Crime que resume todos os outros crimes: assassinato, roubo, sevicias, mentiras, traição; é feita de bestialidade e baixeza; envolve todos os vicios. Mas, por muito sanguinaria, horrorosa que se torne, dalgum modo pode ser grandiosa pelo exaltamento das paixões. O militarismo não é grande nunca, nem mesmo no vicio, porque*

*desconhece a paixão. Não é senão a preparação para a guerra. Nos seus dominios, não se assassina, mas ensina-se a assassinar, faz-se o exercicio do assassinato. Aqui, o vicio é schematizado, a brutalidade elevada a systema, a vilania a regulamento. Aqui se põe o crime em conserva, não só afim de que elle esteja prompto para quando necessario, como tambem para se lhe dar todo refinamento possivel. Aqui, não tem a guerra a desculpa ou attenuante da paixão ; é o crime systematicamente puro ; é a violencia fria, calculada, reflectida, para reduzir o homem á condição de bruto e violentar o mundo, segundo a ordem do dia.*

*A revolução veio a pretexto de reformar tudo isso, mas, na realidade, nada mudou. Todos os assassinos estão a postos. Karl Liebknecht morreu, mas Ludendorff ainda está vivo.*

## Os tremores de terra na California

*A California é um dos paizes mais flagellados pelos terremotos. Apurou-se que, nestes ultimos quatro annos, foram alli sentidos 357 abalos sismicos O phenomeno fez-se sentir mais vezes no verão do que no inverno e tambem mais vezes de noite do que de dia. Do que até hoje se tem observado, deve-se concluir que as horas mais perigosas sejam as 11 da noite e as 5 da madrugada ; as menos perigosas são a 1 e as 5 da tarde.*

*A causa de taes catastrophes é ainda pouco conhecida. O dr. Palmer, collaborador da* Scientific Monthly, *de Nova York, opina que os tremores de terra da California,são devidos a deslises de pequenas parcellas da crosta terrestre. Em rigor não se sabe se elles obedecem a manifestações externas ou internas.*

*O professor Holden estudou todos os terremotos sentidos na California de 1769 a 1897. Uma das suas conclusões foi que, na realidade, nenhum grande choque se fizera sentir. Em cem annos, a cidade de S Francisco soffreu apenas quatro verdadeiros terremotos e destes só tres foram reaes catastrophes.*

*Em 1906, foi a cidade destruida. Depois, nas reconstrucções, foram tomadas as possiveis precauções para identicos cataclysmos. Nos encanamentos de agua introduziram-se condições capazes de resistir a um abalo fortissimo; e nos predios adoptou-se um systema de ferro e aço que garantiu a maior parte dellas contra os desmoronamentos.*

*Cumpre não exagerar os perigos dos terremotos. Os habitantes da California não correm, com elles, maior risco. Escriptas embora ha cincoenta annos, são ainda verdadeiros estas linhas do general Hardenburg :*

*«Reflectindo bem os factos, estou convencido de que não se deve ter tanto medo, como geralmente se tem, dos tremores de terra na California. Em verdade, elles são muito menos perigosos que os furacões do Sul ou os remoinhos do Norte.*

### Uma peça sensacional

*A' data dos ultimos jornaes, estava-se montando em Nova York uma peça theatral, destinada, pelos modos, a attrahir todo o publico norte-americano, assim como os estrangeiros de passagem. Essa peça foi já representada em Washington, mas resolveu-se modificar a* mise-en-scéne, *introduzindo-se-lhe muito mais riqueza e sumptuosidade.*

*Intitula-se a obra* Just suppose *(Simples supposição) e conta a historia dum principe que não é ou não parece outro senão o nosso conhecido de infancia, o Principe Encantador. Faz este uma grande e triumphal viagem pelos Estados Unidos. O enthusiasmo das multidões que, a principio, o lisonjeia e diverte, acaba por fatigal-o. Com um fiel ajudante de ordens, o Principe foge ao protocolo e vae-se refugiar na Virginia, em casa dum velho plantador. Tem este uma bella casa rustica, um pomar idyllico e uma filha deliciosa. Cupido intromette-se na aventura. O principe não pode mais arrancar-se aos encantos pastoris do seu refugio. Eis, porém, que chega um cablogramma peremptorio do velho Rei, pae do Principe... O fugitivo, cuja identidade é descoberta, tem que voltar ás pompas do poder. No poetico pomar, em noite de plenilunio, os dois namorados trocam os adeuses mais soluçantes. E o ultimo quadro da peça mostra o principe Encantador, a bordo dum immenso navio de guerra, prestes a largar para a travessia do Oceano.*

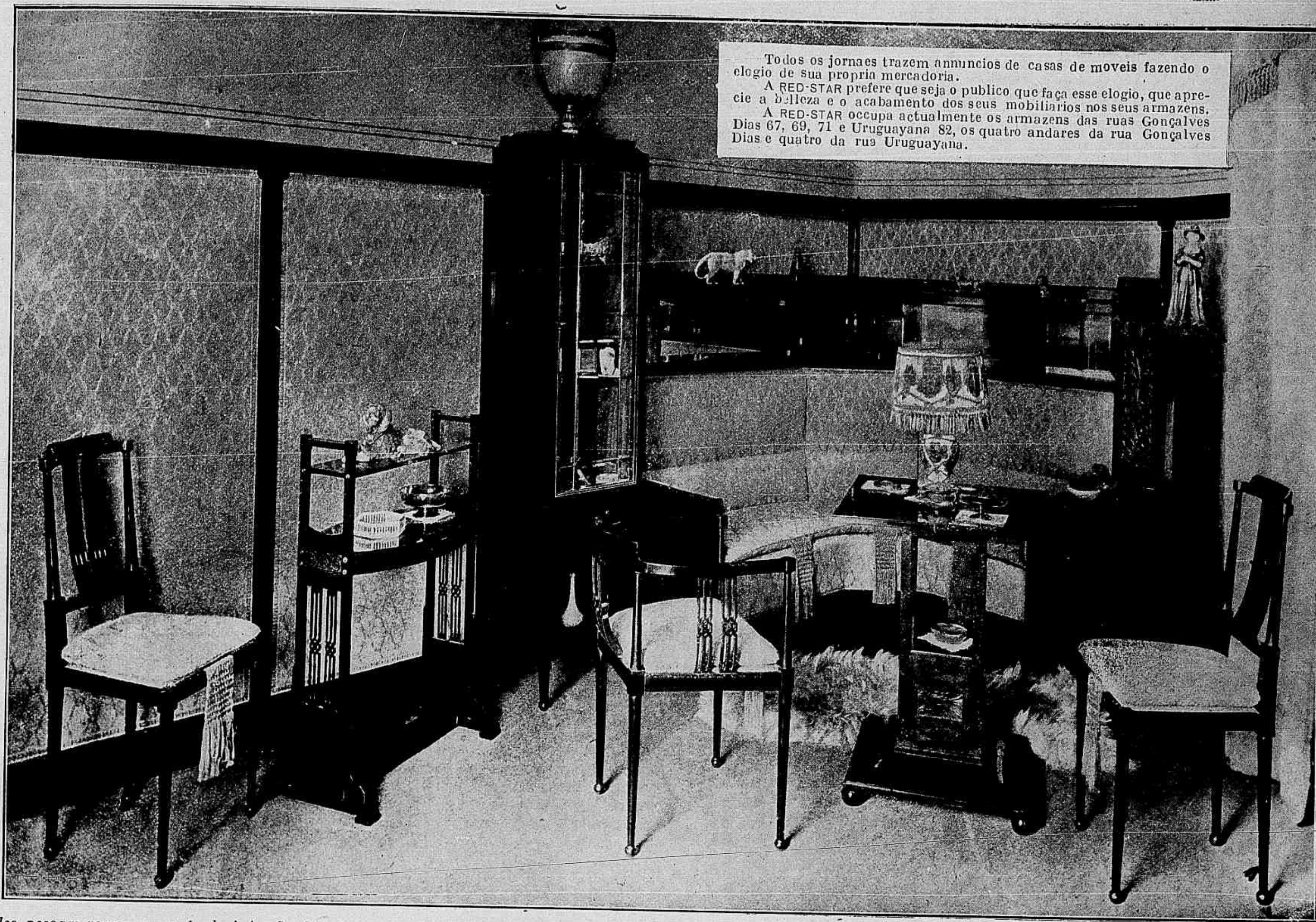
*Para se comprehender o interesse despertado por esta peça, é preciso saber que, por occasião da recente viagem do Principe de Galles aos Estados Unidos, muitas jovens norte-americanas pensaram em conquistar o amor do real visitante e do Atlantico ao Pacifico se criaram innumeras historias de amor, de que elle era o heroe. Dahi nasceu a obra theatral em questão. E, para que não possa passar despercebida a allusão que nella se contém, escolheu-se para desempenhar o papel do protagonista um actor bastante parecido com o herdeiro do throno da Grã-Bretanha.*

*Na America do Norte, é assim !*

### Tratamento do impaludismo

*Annuncia a imprensa italiana que medicos nesse paiz descobriram um methodo de tratamento do impaludismo, methodo que faz admittir a possibilidade de se poder luctar victoriosamente com a terrivel molestia. E é aos raios X que se ficará devendo esse progresso da sciencia medica.*

*Sob a acção dos raios X, o tumor do baço, embora consideravel, diminue e desapparece ; e modifica-se a composição do sangue. Os doentes de impaludismo chronico perdem a côr terrosa, readquirem a energia e podem voltar, sem maior esforço, aos seus trabalhos habituaes.*

*Já em outra epoca se haviam feito experiencias do mesmo genero, mas sem resultados decisivos. Nestas de agora, em vez de se procurar destruir os microorganismos, procurou-se simplesmente, e conseguiu-se, excitar o funccionamento do baço, do tutano e dos ossos. O dr. Pais, de Veneza, conseguiu, por meio duma excitação ligeira e continua, fortalecer bastante aquelles organs para que el-*

*les possam vencer o agente da infecção. E o bom exito de taes tentativas é de molde a fazer acreditar no triumpho completo da medicina contra o impaludismo.*

*A verdade pode esperar. Ella não envelhece e deve ter certeza de que será reconhecida um dia.*

GUYAU.

## Boas-Festas

**A todos os nossos leitores e annunciantes desejamos um novo anno de prosperidade e de ventura. A estes votos unimos os agradecimentos e a retribuição a mais sincera pelos cumprimentos de boas-festas que teem sido endereçados á redacção da REVISTA DA SEMANA.**

## Os sorrisos da historia

*Em viagem, Felippe II foi uma vez surprehendido pela noite e viu-se obrigado a recorrer á hospitalidade de um camponez, a quem pediu muitas cousas que o pobre homem não possuia. E, sem cuidar do prejuizo que causava, o rei fez grandes estragos na misera habitação. O camponio, longe de se sentir lisonjeado pela presença do monarcha, não poude dormir a noite inteira, pois se via arruinado. No dia immediato, Felippe II, antes de se retirar, perguntou-lhe se tinha alguma graça a pedir-lhe.*

*— Senhor, tenho de facto um favor a vos solicitar... Rogo-vos que não vos alojeis mais na minha casa. E' tudo quanto desejo.*

*Essa ingenuidade não desagradou ao soberano hespanhol, que recompensou generosamente a quem lhe déra abrigo.*

Quando Deus creou a luxuriante Natureza do Brasil, foi para que tivessem condigna moldura a Elegancia e a Distincção das formosas Senhoras do nosso paiz — clientes habituaes do
Parc Royal
A Maior e a Melhor Casa do Brasil
PARC ROYAL
CARIOCA
COMPREM NO PARC-ROYAL

Revista da Semana

Director
C. MALHEIRO DIAS

EU SEI TUDO
(Magazine mensal)

ALMANACH
EU SEI TUDO

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

Propriedade da Companhia Editora Americana

SOCIEDADE ANONIMA. Capital realisado 500:000$000

*Praça Olavo Bilac, 12 e 14, e Rua Buenos Aires, 103*

*RIO DE JANEIRO*

Endereço Telegraphico REVISTA

Telephones: Directoria N 112 - Redacção e Administração N 3660

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO

DIRECTOR-GERENTE

**Condições de assignatura**
**Por série de 52 numeros (1 anno) 48$000;**
**6 mezes 25$000.**
**Estrangeiro 65$000**
NUMERO AVULSO *1$000*

**Anno XXII** | Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1921 | **N.º 1** da Nova Série


Clichés de Biel (Porto, 1889) e Nadar (Paris, 1888).

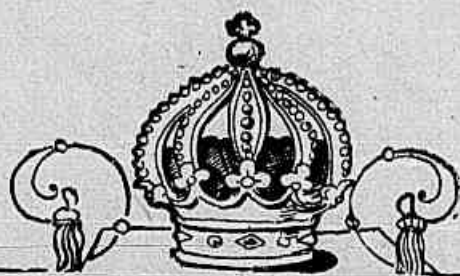
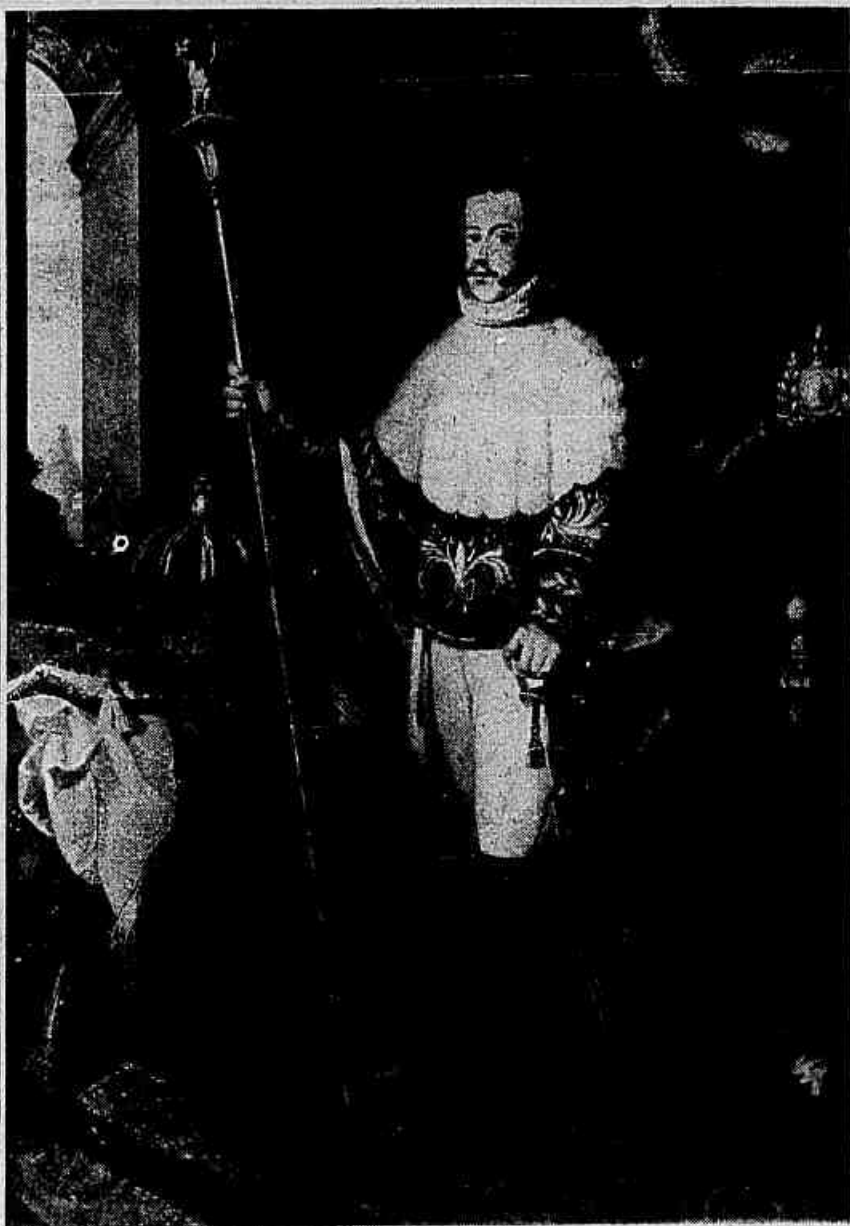
*A commemoração do centenario da Independencia offerece opportunidade feliz para a pratica de um acto de elevação moral, que revelará a consciencia da nossa continuidade historica. O progresso das instituições politicas não exclue o reconhecimento dos serviços dos nossos antepassados, ainda quando as nossas idéas divirjam radicalmente das que elles representaram na sua época. Obraram então conforme o espirito do seu tempo, e é levando em conta o estado de civilisação desse momento que todos teem de ser julgados pela posteridade.*

*D. Pedro I foi grande elemento de exito para a obra da Independencia. O seu concurso foi procurado e considerado decisivo por todos quantos a promoviam, ao menos para facilitar uma operação que sem elle teria, talvez, como nas antigas colonias hespanholas, custado perturbações politicas prolongadas, senão grandes sacrificios de sangue. Os liberaes, que precipitaram o termo do primeiro reinado, consideraram não obstante a monarchia um elemento de cohesão nacional, que era preciso manter, exactamente quando mais facil era substituil-o. O novo soberano, de cinco annos de edade, passou, por isto, a representar uma especie de symbolo do nacionalismo intransigente. As agitações que se produziram durante os nove annos da Regencia encontraram sempre nessa criança a inspiração de uma grande força reparadora. Para esta força, por fim, appellaram definitivamente os exaltados: ao filho de Pedro I anteciparam a maioridade e entregaram o governo da nação, na esperança de verem removidas tantas dissenções irreconciliaveis.*

*A personalidade de D. Pedro II encheu desde então quasi meio seculo da existencia do Brasil. A Historia dirá se elle podia ter feito mais pelo bem do paiz, ou se apenas pôde fazer quanto nos legou ao findar a sua missão; mas já hoje ninguem deixa de reconhecer que elle prestou notaveis serviços á nação, sobretudo no tocante a moralização do poder publico, ao desenvolvimento das lettras e á defesa nacional. Nada, portanto, faz que não mereça pelo menos o apreço que a nação sempre tributou aos outros grandes homens de Estado, a quem o Brasil deveu a posição que occupou no mundo naquelles cincoenta annos de vida politica.*

*Commemorando o centenario da Independencia, vamos, como disse, lembrar a nós mesmos tudo quanto fizemos nesses cem annos de vida, onde a figura de D. Pedro II se destacou em lugar tão conspicuo. Parece-me, pois, que seria acto de justiça nacional promover-lhe a volta dos despojos mortaes, guardados longe d'aqui, de modo que naquella data possam já repousar em jazigo condigno, na terra onde elle nasceu. Seu pai desligou-se de nós por acto voluntario e reassumio nos fastos do seu paiz de origem o papel que o lugar de rei de Portugal lhe restituira. Relembrando embora a acção politica de D. Pedro I entre nós, não poderiamos pretender desligal-o do destino final por elle proprio escolhido. Pedro II, porém, ficou entre os seus compatriotas e foi o representante verdadeiramente nacional dessa dynastia, sob cuja influencia nasceu a nossa Patria, que ella propria por fim ajudou a fundar.*

EPITACIO PESSOA

(Da mensagem de S. Exª. o Sr. Presidente da Republica ao Congresso Nacional, em 3 de Maio de 1920)

D. João VI, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve

D. Pedro I, Imperador do Brasil.

D. Pedro II, Imperador do Brasil.

# D. Pedro II

O estudo da significação historica da personalidade de D. Pedro II, evidentemente, não pode ser ainda feito com segurança e com a tranquillidade de um trabalho scientifico. Qualquer analyse da figura politica do ultimo monarcha brasileiro, que se complete com a apreciação da influencia que as suas idéas, as suas tendencias, o seu temperamento e os seus gestos de chefe de Estado exerceram sobre os destinos deste paiz, durante o seu longo reinado, só poderá apresentar valor real, como contribuição para o estudo historico daquella phase da evolução da nossa nacionalidade, quando pesquizas multiplas tiverem reunido os elementos necessarios á formação de opiniões mais ou menos definitivas sobre os varios aspectos da obra de D. Pedro II.

Em outras palavras, as apreciações syntheticas da figura do grande brasileiro, cujas cinzas illustres a Patria vae acolher com maternal carinho, terão de ser, forçosamente, deficientes e sujeitas a ulterior modificação, emquanto não estiver muito mais adeantada a analyse objectiva do reinado de D. Pedro II. O trabalho paciente do erudito tem de preceder o esforço critico do pensador politico.

A grande obra da reconstituição historica do periodo em que o ultimo imperador foi o centro de gravitação da vida brazileira está sendo realisada por um illustre erudito, cuja invejavel capacidade de trabalho é coroada por uma admiravel subtileza de julgamento e por um raro equilibrio mental. Emquanto não dispuzermos dos fructos da formidavel pesquiza critica desse illustre revelador das origens do Brasil contemporaneo, um esboço, como este que nos pedem, para celebrar a chegada dos restos dos antigos imperantes á terra brasileira, não pode ser mais do que uma ligeira contribuição jornalistica sem pretenções a um estudo definitivo sobre o papel historico de D. Pedro II na formação da nossa estructura politica.

Com esta indispensavel explicação preliminar, tentemos traçar um imperfeito esboço da funcção politica do grande brasileiro.

Quem estuda a figura de D. Pedro II e compara a catastrophe em que, com o seu throno, ruiram as instituições monarchicas, que por perto de quatro seculos haviam sido acceitas como definitivas pela grande maioria do povo brasileiro, com a forte reacção da opinião publica, que hoje culmina na glorificação da sua memoria, não pode escapar á impressão de um contraste apparentemente inexplicavel. Ao cabo de meio seculo de reinado, em que tão grande fôra a sua influencia pessoal que seriamos tentados a encarar o governo do imperio como uma dictadura paternal do chefe do Estado, D. Pedro II é desthronado por um golpe militar e deportado e banido, sem que da parte do povo sobre o qual exercera por meio seculo a sua patriarchal ascendencia houvesse o mais ligeiro gesto de reacção, o mais indistincto movimento de protesto. A' queda do imperio segue-se um periodo de agitação e de graves perturbações politicas, que se prolonga por cerca de uma decada. Entretanto, no meio dessas revoluções e desses multiplos choques politicos, um facto se evidencia com impressionante nitidez: — o povo brasileiro, embora desilludido da realisação das brilhantes promessas dos fundadores da Republica, não cogita em restaurar o regimen identificado com a nobre figura de D. Pedro II.

Consolidadas as novas instituições e, apezar dos erros occasionaes dos governantes e dos inevitaveis effeitos do penoso trabalho da adaptação do paiz a uma ordem politica e administrativa que muito divergia da experiencia historica da nacionalidade, o progresso do Brasil accentuou-se com tal intensidade que, em pouco mais de vinte annos, passamos a occupar, politica e economicamente, no mundo uma situação que bem justificaria o esquecimento da modesta mediania dos dias mediocres do reinado de D. Pedro II. Comtudo é neste momento, em que o Brasil republicano, rico pela expansão da suas actividades productoras, forte pelo augmento e pela maior cultura da sua população, prestigiado pelas mais inequivocas demonstrações de consideração dadas pelas grandes potencias, se affirma como uma das nações destinadas a representar uma missão no mundo, que o povo brasileiro se volta para o passado e reclama dos poderes publicos a revogação das medidas que excluiam a familia imperial da communhão nacional e exige que os restos de D. Pedro II e da sua augusta esposa venham repousar em terra brasileira.

Encontrar uma significação politica, no sentido restricto, partidario e vulgar da expressão, nesse grande movimento nacional de glorificação de D. Pedro II e da sua obra é uma preoccupação pueril e quasi morbida dos sobreviventes de uma phase de intensas paixões, cuja linguagem é para os homens de hoje tão estranha como a intransigente orthodoxia democratica desses fanaticos da epocha heroica da formação do regimen. E' certo que a attitude nacional, que torna um facto a revogação do banimento da familia imperial e a trasladação dos restos de D. Pedro II, tem uma significação politica. Mas trata-se de um movimento politico que não se origina em um mero devaneio romantico, em um simples impulso retrogrado para as instituições imperiaes; o movimento politico, cuja expressão symbolica é a entrada triumphal do corpo de D. Pedro II no Brasil, prende-se á grande crise que vem agitando as camadas mais profundas da alma brasileira e cujas expressões mais superficiaes se patenteam em phenomenos um tanto turbulentos, cuja verdadeira significação só pode ser devidamente apreciada se os encaramos como meros symptomas ephemeros de uma grande corrente nacionalista, que se avoluma de dia para dia e cujo objectivo inconsciente é a affirmação da personalidade nacional em todos as suas modalidades e em todos as suas formas de expressão.

A glorificação de D. Pedro II é a primeira grande manifestação do nacionalismo. Em outras palavras, é a forma symbolica pela qual as forças profundas, que se debatem para integrar num todo caracteristico e individualisado os innumeros traços esparsos da nossa actividade nacional, dão uma expressão concreta a esse ideal de affirmação brasileira. E nessa interpretação da attitude nacional em relação ao ultimo imperador temos a chave para o estudo synthetico da significação historica de D. Pedro II e do seu reinado.

Uma anlyse da personalidade de D. Pedro II, como rei, como politico, como supremo orientador da administração de um vasto paiz em formação, não nos poderia levar a conclusões enthusiasticas sobre o valor do homem a quem o Brasil vae honrar como o maior dos seus filhos. Rei, foi o ultimo imperador tão deficiente que, ao cabo de meio seculo de reinado, foi deposto pelos proprios homens que educara politicamente e não conseguiu encontrar, nem entre os dirigentes, nem entre as massas da população, quem se dispuzesse a fazer um esforço para esmagar a revolução. Reinar meio seculo, para não ter um estadista capaz de organizar uma reacção em sua defesa, nem um batalhão disposto a derramar o seu sangue em um gesto heroico de fidelidade, não pode ser senão uma prova de notavel incapacidade politica.

Como supremo arbitro do Governo, e, portanto, orientador maximo da obra administrativa do Brasil imperial, não foi, tambem, D. Pedro II uma influencia exclusivamente bemfazeja. Sobre a sinceridade dos seus intuitos de promover o progresso material do Brasil e sobre o carinho com que o monarcha seguiu a marcha de nossa expansão economica, não pode subsistir a minima duvida. Mas a acção administractiva de um chefe de Estado não pode ser julgada atravez do prisma psychologico. O ponto de vista subjectivo de D. Pedro II era excellente, mas faltava-lhe uma relação adequada com os problemas concretos da economia brasileira e a sua acção governamental, no tocante ao desenvolvimento material do paiz, era fortemente viciada pelos preconceitos feudaes, que lhe subsistiam na feição democratica do seu caracter, accentuados, talvez, pela educação exclusivamente humanistica que recebera de um bispo.

Entre os paizes que se desenvolveram no seculo passado, o Brasil esteve collocado em uma situação de inferioridade, devido ás circumstancias especiaes da sua evolução politica, que, sob outros pontos de vista, lhe foi particularmente favoravel. Emquanto nos Estados Unidos, na Argentina, no Canadá, o poder politico estava nas mãos de homens que representavam os grandes interesses materiaes, concretisados, principalmente, na agricultura, na pecuaria e nas industrias extractivas, o Brasil permanecia sujeito á tutella patriarchal de um so-

berano, em quem, apezar do sincero desejo de ser um rei moderno, se affirmavam os ideaes das velhas dynastias da Europa, em relação aos problemas economicos do mundo moderno.

D. Pedro II não era, certamente, refractario á construcção de linhas ferreas, nem seria capaz de sentir pelas multiplas manifestações do industrialismo scientifico a hostilidade pitoresca que indispunha com o telegrapho e com o telephone o seu parente, o tragico Francisco José. Mas, se a grande e lucida intelligencia de D. Pedro II o impedia de levar os preconceitos hereditarios contra a modernidade a ponto de se irritar com os progressos technicos, que o seu culto espirito acolhia com enthusiasmo, é indiscutivel que o peso daquelle fardo hereditario se fazia sentir na incapacidade de apreciar o lado economico de todas aquellas applicações industriaes da technica scientifica. D. Pedro II nunca chegou a ter uma noção clara do caracter essencialmente commercial da civilização do seu tempo. Soberano e quasi dictador de um vasto paiz, onde o problema capital era a realisação da enorme riqueza potencial contida na terra, o ultimo imperador deteve e retardou, consideravelmente, o progresso material da Nação pelo seu antogonismo systematico aos interesses particulares de cujo estimulo dependia a rapida expansão economica do paiz.

Foi a surda hostilidade do imperador aos homens de emprehendimento e de iniciativa—que, atravez do seu prisma feudal, o soberano encarava como gente suspeita que queria enriquecer rapidamente—o grande obstaculo ao surto das actividades brasileiras, a barreira de encontro á qual se inutilisaram grandes energias, que, melhor acolhidas e mais sympathicamente apoiadas pelo Estado, teriam dado ao desenvolvimento economico do Brasil imperial uma marcha accelerada, adeantando assim de muitos decennios o nosso progresso. Nesse terreno a influencia da grande personalidade de D. Pedro II ainda persiste, acarretando incalculaveis males a um paiz cuja principal necessidade é a creação de riqueza capitalizada e onde todas as formas de emprehendimento e todas as ambições de engrandecimento devem ser encorajadas pelo Estado.

Mas, não tendo sido um grande rei, nem um administrador clarividente, D. Pedro II conseguiu ser muito mais do que um monarcha admiravel ou um governante emprehendedor. O imperador, em parte por um conjunto feliz de circumstancias historicas e em parte pelos notaveis predicados de caracter e de intelligencia que possuia, foi o elemento coordenador da nacionalidade brasileira, o homem providencial em cujo longo reinado a obra da unificação do Brazil se consolidou por maneira tão completa e tão definitiva que não é possivel conceber uma catastrophe politica em que se fragmente, irreparavelmente, a grande nação que o imperio tornou indestructivel.

O modo como D. Pedro II realisou no seu reinado essa obra de consolidação nacional só poderá ser devidamente apreciado e julgado quando estiver feita a analyse systematica dos factos relativos áquelle periodo, e cuja lacuna apontamos como difficuldade decisiva para qualquer tentativa séria de apreciar a obra politica do imperador. Uma parte desse gigantesco trabalho de affirmação de uma personalidade nacional superior ás particularidades regionaes realisou-a, certamente, D. Pedro II inconscientemente pela simples acção de presença da sua forte personalidade e pela influencia prestigiosa da instituição que personificava. Mas seria grave erro suppor que, ao lado desse papel de centro inconsciente de aggregação nacional, não tenha o imperador agido deliberadamente no sentido de incorporar os elementos regionaes do Brasil numa grande e definitiva synthese nacional.

Examinemos esses dois aspectos da grandiosa funcção, que o destino reservou a D. Pedro II na formação da nacionalidade brasileira.

Se a historia da America Latina não encerrasse sobejas provas de que possuimos incontestavelmente, aptidões politicas superiores ás dos outros povos ibericos deste continente, para liquidar a questão bastaria apontar a genial intuição da geração de 1822 a 1840, resistindo tenazmente á forte e profunda corrente republicana, que, desde então nos arrastava para uma republica federativa, em linhas semelhantes ás que, em 1889, se tornaram a forma definitiva na organisação politica da sociedade brasileira. Não ha mais divergencia de opiniões acerca da influencia centralisadora da monarchia, reprimindo as tendencias desagregadoras dos raros focos de separação regional. Mas não foi apenas pela acção politica da corôa e pela força de attracção de um apparelho administrativo oppressivamente centralisador que o regimen imperial consolidou a unidade nacional. Talvez mais importantes do que as condições politicas e administrativas, estabelecidas pela Constituição de 1824, foram a influencia da personalidade de D. Pedro II e a acção systematica que aquelle grande brasileiro exerceu, sempre, no sentido de crear e de fortalecer uma consciencia nacional.

D. Pedro II foi o primeiro nacionalista nos moldes do verdadeiro nacionalismo, que o Brazil, conscio do seu destino historico, procura hoje cultivar. No meio dos erros, por vezes gravissimos, do illustre monarcha, entre as innumeras manifestações da incomprehensão de varios problemas americanos e brasileiros, ao lado da lamentavel timidez que diminuiu as possibilidades da nossa acção internacional no continente e retardou o surto da nossa expansão economica, ha, atravez de todo o reinado de D. Pedro II, um traço caracteristico e constante, que resgata perante a historia todas as culpas do imperador e justifica a consagração do seu nome illustre, como o symbolo que vae figurar na nossa historia servindo de marco inicial da evolução consciente da personalidade nacional. Em todas as situações, em todas as crises, as attitudes e os gestos de D. Pedro II foram sempre inspirados pela preoccupação profunda e quasi obsedente de manter illesa a dignidade nacional e de fazer sentir, tanto aos estrangeiros como aos brasileiros, que este grande paiz não era uma mera expressão geographica, mas uma nação que incarnava em si os elementos da sua grandeza futura e que não tinha o direito de transigir com quaesquer forças capazes de diminuir a plenitude da sua soberania.

Um facto impressionante na historia do longo periodo que foi o reinado de D. Pedro II é a ausencia de qualquer dos incidentes internacionaes, tão frequentes nas relações das grandes potencias imperialistas com os Estados novos e destituidos de poder militar. O episodio Crisp — resolvido, aliás, do modo mais digno e mais brilhante para o Brasil — não foi uma excepção. Esse caso, que foi quasi pessoal, não alterou a verdade da proposição sobre o respeito dispensado, invariavelmente, ao Brasil pelas grandes potencias, durante o longo reinado de D. Pedro II. Nos ultimos annos desse longo periodo o acatamento ao Brasil era, sem duvida, muito reforçado pela veneração prestada á figura do grande monarcha. Mas esse respeito conquistou-o D. Pedro II pelo zelo inflexivel na defesa da dignidade nacional, desde que assumiu, pelos fins da decada de quarenta, a direcção effectiva dos negocios publicos.

Ao mesmo tempo que, nas nossas relações com as outras potencias, affirmava rigorosamente a nossa personalidade nacional, D. Pedro II, na sua acção domestica, ia organisando socialmente um Brasil caracteristico, individualisado, autonomo e cuja direcção mental e moral tem de gravitar fatalmente para a elite, que começou a formar-se sob a egide do imperador e que, apezar das vicissitudes politicas e economicas dos ultimos trinta annos, ha de emergir da confusão de raças e de correntes sociaes para tornar-se o expoente definitivo da cultura e da capacidade directora da Nação.

A mais notavel demostração da sagacidade politica de D. Pedro II, que sendo um máo politico tinha comtudo a envergadura hereditaria que lhe fazia por vezes ter golpes geniaes de intuição politica, foi a clareza com que o imperador comprehendeu que era preciso formar no Brasil uma classe dirigente sem deixar que o processo selectivo se vinculasse aos methodos, ás tradições e aos elementos ligados pelo passado nobre do periodo colonial. Em outras palavras, D. Pedro II viu que o Brasil podia e precisava ter uma aristocracia, mas que não comportaria nunca uma nobreza no sentido europeo e feudal. Se na ordem externa a obra de D. Pedro II foi a affirmação altiva da nossa personalidade politica, de modo a crear em torno das nossas fronteiras o circulo magico de um prestigio que nos protegeu contra a cobiça de povos mais numerosos, mais fortes e mais agressivos, na ordem interna a acção do imperador polarisou-se em dois grandes objectivos: —tornar cohesa a consciencia nacional, absorvendo na concepção synthetica da Patria commum os particularismos regionaes, e preparar por um processo infatigavel de selecção a elite dirigente do Brasil.

O famoso lapis imperial, que, certamente, commetteu lamentaveis injustiças e que provocou algumas magnificas objurgatorias da eloquencia politica, foi o instrumento precioso desse processo de selecção de homens, a que teremos de regredir se não quizermos deixar o Brasil entregue ao perigo da conquista aventurosa pelas massas de mediocres e de deshonestos a que a falta de um poder de defesa social vae entregando as posições estratregicas na collectividade brasileira.

Nesse triplice aspecto da acção do imperador—preoccupação da dignidade nas relações internacionaes, cuidado na formação de uma personalidade nacional unida e a selecção da elite brasileira—resume-se a significação do papel de D. Pedro II no plano do desenvolvimento historico da nossa nacionalidade. Os trez grandes problemas, que preoccuparam o nobre e grande espirito do ultimo imperador, continuam a ser as tres principaes questões brasileiras na esphera politica.

Defender a integridade da nossa soberania, proteger o nosso patrimonio territorial, impedir que as formas novas e subtis do imperialismo economico nos drenem para o estrangeiro os fructos da nossa terra e do nosso trabalho, affirmar desassombradamente a nossa personalidade nacional em face do cosmopolitismo sentimental e dissolvente, essa é a obra que nos defronta no terreno internacional.

Na politica interna subsistem os dois problemas da organização moral da nacionalidade e da formação de uma elite dirigente.

D. Pedro II deixou definitivamente firmada a nacionalidade brasileira, tal qual ella existia em seu tempo. Mas, nestes trinta annos, a physionomia social e ethnica do Brasil tornou-se muito mais complexa; e os problemas decorrentes dessa complexidade exigem a continuação da obra da unificação nacional de que o imperador nos deixou tão magnifico exemplo.

Resta a questão capital da educação de uma elite, que é a chave do triplice problema a que se consagrou D. Pedro II. Sem uma minoria dirigente a solução de todos os problemas politicos, sociaes e economicos fica de antemão prejudicada. A fallencia universal da utopia democratica do governo das massas pelas massas está prenunciando o renascimento geral das formas de governo aristocraticas, cujo precursor é, paradoxalmente, o regimen dictatorial do soviet moscovita, nascido, surprehendentemente, do ephemero terremoto egualitario em que se submergiu a antiga Russa autocratica. Se a experiencia destes tempos agitados e a pressão das circumstancias, creadas pela crescente complexidade das organizações e das actividades das sociedades modernas, impõem ás minorias pensantes e dirigentes responsabilidades politicas cada vez maiores, é evidente que para a educação e cultura dessas elites e para o aperfeiçoamento dos processos de selecção social devem tender, antes de tudo, as preoccupações do Estado moderno.

Na comprehensão de que naquelles trez assumptos, que tão grande espaço occuparam no espirito de D. Pedro II, está synthetisado o grande problema nacional brasileiro, encontraremos a razão da apotheose com que o Brasil republicano vae receber as cinzas do ultimo dos seus reis. Não se trata de um gesto romantico, de uma volta sentimental ao passado. Estamos diante da affirmação de um credo politico — o dogma da grandeza e da independencia inviolavel do Brazil — que um grande povo affirma altivamente, ao prestar esta suprema homenagem á memoria do brasileiro que personificou, em si, a maior parcella dessa consciencia da nacionalidade forte, unida e rica, que é, hoje, o grande e nobilissimo ideal do Brasil novo.

O Imperador D. Pedro II no seu leito de morte.

AZEVEDO AMARAL.

# Acontecimentos da Semana

1 — O novo ministro da Allemanha entregu as suas credenciaes.
2 — Aspecto da festa veneziana na enseada de Botafogo.
3 e 4 — A sra. Epitacio Pessoa a bordo do "Florida" e aspecto da matinée offerecida pelo secretario de Estado, mr. Colby, á sociedade do Rio.
5 — Ceremonia da collação de grão dos novos engenheiros agronomos.
6 — A ceremonia do sorteio-militar no Quartel General.
7 — O juramento da Bandeira no Tiro 7.
8 — O secretario de Estado mr. Colby na Camara dos Deputados.

# Os Sonetos do Exilio

## Ingratos

*Não maldigo o rigor da iniqua sorte,*
*Por mais atroz que fosse e sem piedade,*
*Arrancando-me o throno e a magestade,*
*Quando a dois passos só estou da morte.*

*Do jogo das paixões minha alma forte*
*Conhece bem a estulta variedade,*
*Què hoje nos dá continua f'licidade*
*E amanhã — nem um bem que nos conforte.*

*Mas a dôr que excrucia e que maltrata,*
*A dôr cruel que o animo deplora,*
*Que fere o coração e prompto mata*

*E' ver na mão cuspir á extrema hora*
*A mesma boca aduladora e ingrata*
*Que tantos beijos n'ella poz outr'ora.*

Pedro II

## A' Imperatriz

*Corda que estala em harpa mal tangida,*
*Assim te vaes, ó doce companheira*
*Da fortuna e do exilio, verdadeira*
*Metade de minha alma estremecida !*

*De augusto e velho tronco haste partida*
*E transplantada á terra Brasileira,*
*Lá te fizeste a sombra hospitaleira,*
*Em que todo infortunio achou guarida.*

*Feriu-te a ingratidão no seu delirio ;*
*Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,*
*Do teu sepuchro vacillante cirio !*

*Como foste feliz ! Dorme o teu somno...*
*Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio ;*
*Filha de reis, ganhaste um grande throno !*

Pedro II

## Terra do Brasil

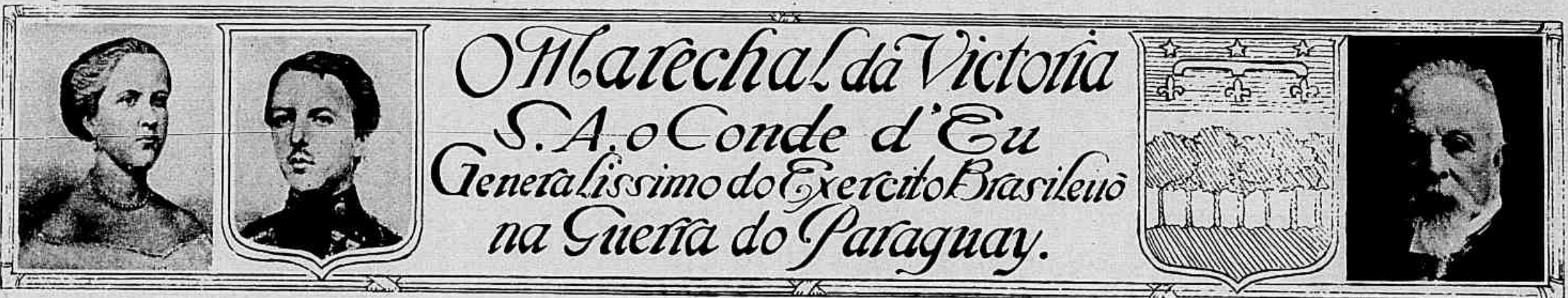
*Espavorida agita-se a creança,*
*De nocturnos phantasmas com receio ;*
*Mas se abrigo lhe dá materno seio*
*Fecha os doridos olhos e descança.*

*Perdida é para mim toda esperança*
*De volver ao Brasil ; de lá me veio*
*Um pugillo de terra : e nesta creio*
*Brando será meu somno e sem tardança...*

*Qual o infante a dormir em peito amigo,*
*Tristes sombras varrendo da memoria,*
*O' doce Patria, sonharei comtigo !*

*E entre visões de paz, de luz, de gloria,*
*Sereno aguardarei no meu jazigo*
*A justiça de Deus na voz da Historia !*

Pedro II

# O Marechal da Victoria
## S. A. o Conde d'Eu
## Generalissimo do Exercito Brasileiro na Guerra do Paraguay.

S. A. a Princeza D. Izabel e o Conde d'Eu por occasião do casamento.
(Lith. Sisson)

Brazão dos Nemours

S. A. em 1912
(Cliché P. Petit.)

HA 31 annos seguiu para o exilio o Sr. Conde d'Eu. Em breve, graças ao decreto que revoga o banimento, voltará ao Brazil numa missão piedosa — acompanhando, a bordo do couraçado S. Paulo, os restos mortaes d'aquelles que foram os nossos imperantes.

Os diarios annunciaram que os veteranos da guerra do Paraguay, reunidos em assembléa, resolveram recebel-o como antigo commandante em chefe do Exercito brasileiro, no ultimo periodo da memoravel campanha.

Gastão d'Orléans, conde d'Eu, neto de Luiz Felippe rei de França e filho do Duque de Nemours e da Duqueza Victoria Augusta de Saxe-Coburgo Gotha, augusto consorte da Princeza D. Izabel, ex-herdeira presumptiva da Corôa Imperial Brasileira, occupa, sem favor, uma das mais brilhantes paginas da historia militar do nosso paiz.

O venerando ancião, que dentro de poucos dias regressará á nossa terra, foi perseguido por máo fado. Em 1848, apenas com seis annos de edade, pois nasceu aos 28 de Abril de 1842, depois da revolução franceza daquelle anno, viu-se banido, com a familia, da Patria que lhe fôra berço.

Sorria-lhe a carreira das armas, que havia sido uma tradição da familia. Cursou, por isso, a Escola Militar de Segovia, na Hespanha, de onde sahiu 2°. tenente de artilharia e engenharia.

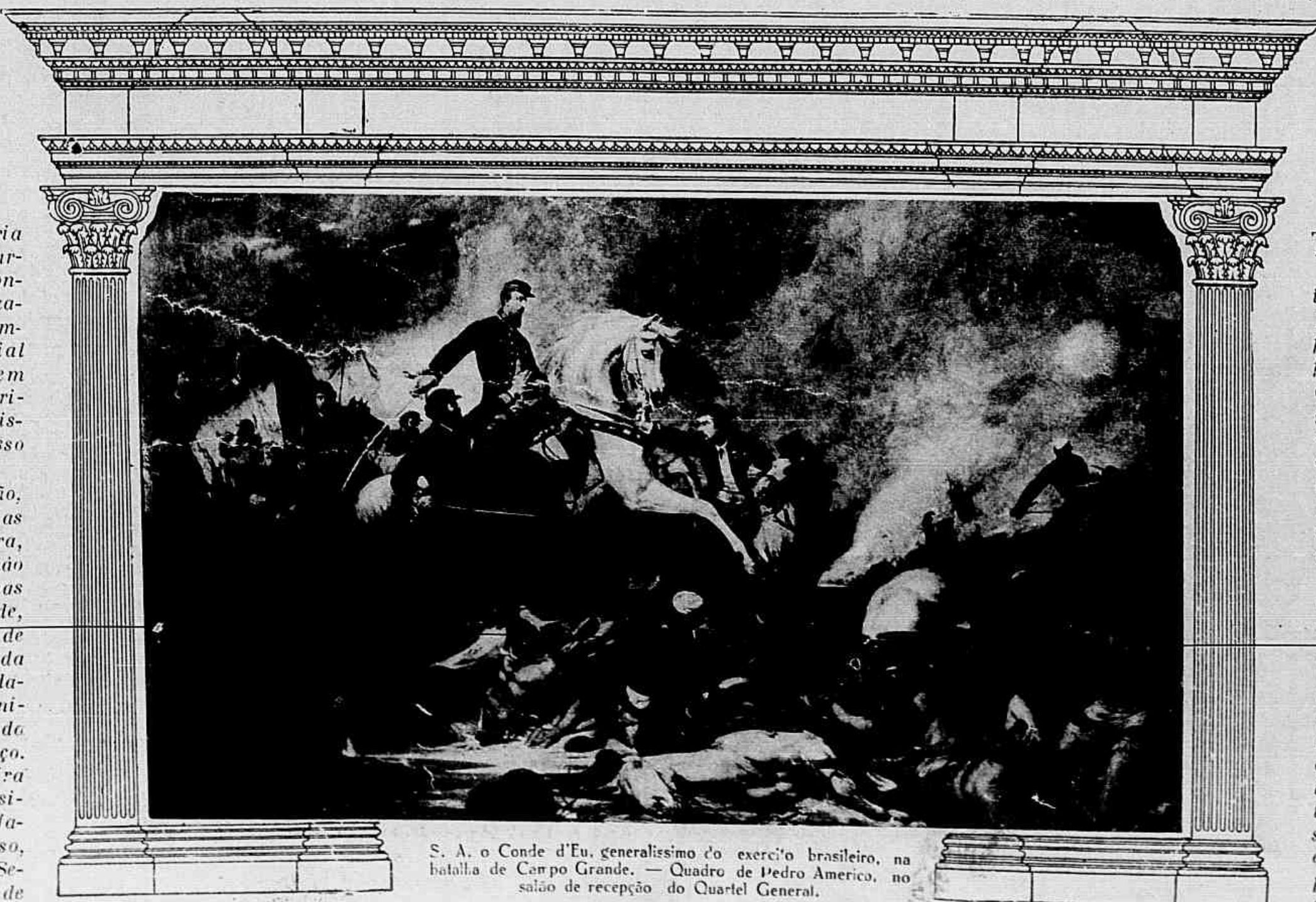
A Hespanha guerreava então, como ainda hoje, com aquelles indomitos filhos das terras desnudas do Rif. O joven tenente partiu para a campanha. Houve-se bem. Regressou condecorado por actos de bravura. Recebera assim o seu baptismo de fogo, luctando contra um inimigo tenaz, atilado e selvagem.

Do seu consorcio com a Redemptora, coube-lhe, pelo contrato matrimonial, segundo as praxes monarchicas, o posto de Marechal do Exercito brasileiro, a que foi elevado por decreto legislativo de 8 de Junho de 1865, apenas com 23 annos de edade.

Não quiz permanecer sem o exercicio da funcção militar. No anno seguinte foi nomeado commandante geral da artilharia e presidente da commissão de melhoramentos do material do Exercito.

Mas o Brasil havia-se empenhado em lucta homerica com o Paraguay. O jovem principe desejou, desde logo, participar da guerra. Seu posto elevado, o mais alto da hierarchia, e sua mocidade impediam que elle fosse ao theatro de operações, para deslocar de um commando importante os velhos generaes, encanecidos no serviço e no fragor dos combates e batalhas. Era mistér soffrear os impulso e os ardores de sua dedicação ao Brasil, de sua justa e merecida ambição militar. Quantas vezes, aos principes, não são impostos, pelas taes razões de Estado, dolorosos sacrificios? O que era conferido, com honra, ao mais humilde dos brasileiros — bater-se pela victoria e a salvação do Brasil — vedava-se ao Marechal Principe Consorte !

A campanha arrastou-se por quatro annos. Erros do commando, deficiencias de effectivos, fraquezas politicas, indomita fereza do inimigo, distancia e vastidão do theatro de operações consumiram, antes da victoria final, innumeras vidas, grandes energias, muito sangue e annos a fio.

Um dia, e em boa hora, os politicos do Imperio corrigiram erro imperdoavel — nomearam Caxias, o maior dos nossos generaes, para o Commando em chefe. Os alliados estavam, havia quasi dous annos, deante do vasto campo entrincheirado de Humaitá, soffrendo a paralysia estrategica do eminente politico e homem de estado general Mitre.

S. A. o Conde d'Eu, generalissimo do exercito brasileiro, na batalha de Campo Grande. — Quadro de Pedro Americo, no salão de recepção do Quartel General.

# O Decreto da transladação e da revogação do banimento

Decreto nº 4.120 de 3 de Setembro de 1920

Revoga os artigos 1º e 2º do decreto nº 78-A, de 21 de Dezembro de 1889 e autoriza a trasladar para o Brasil os despojos mortaes do ex-Imperador D. Pedro II e de sua esposa D. Thereza Christina, abrindo para tal fim os necessarios creditos.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sancciono a seguinte resolução:

Art. 1º Ficam revogados os arts. 1º e 2º do decreto nº 78-A, de 21 de Dezembro de 1889.

Art. 2º Fica o Poder Executivo autorizado a, mediante [illegible] da familia do ex-Imperador D. Pedro II e do Governo de Portugal, trasladar para o Brasil os despojos mortaes do mesmo e os de sua esposa D. Thereza Christina, fazendo-os recolher em mausoléu condigno e para tal fim especialmente construido.

Art. 3º Fica o Governo autorizado a abrir, para tal fim, os necessarios creditos.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1920, 99º da Independencia e 32º da Republica.

[illegible]

"COMO BRASILEIRO SINTO-ME CONFORTADO EM ASSIGNAR O DECRETO DE REPARAÇÃO HISTORICA, TANTO COMO ME SINTO SATISFEITO, COMO REPUBLICANO, DE PODER DAR ESTA DEMONSTRAÇÃO DA SOLIDEZ DO REGIMEN ACTUAL DO BRASIL."

Palavras pronunciadas pelo sr. Presidente da Republica por occasião da assignatura do decreto da revogação do banimento.

## Salvé! (17 Novembro de 1889)

Seis mezes antes da Proclamação da Republica, por occasião do regresso do Imperador, que fôra á Europa a tratamento de saúde, um grupo de alumnos da Escola Militar escalou pela primeira vez o Pão de Assucar, em cujo cimo plantou uma colossal bandeira com a inscripção: «SALVÉ!»

*Barra a fora... A manhã desponta... Guanabara*
*Vae desapparecendo aos poucos... Adiante*
*O mar; além, o exilio; atraz, a patria, a cara*
*Região onde palpita a seiva exuberante!*

*Alli cresceu, alli sonhou elle, ainda infante,*
*No seio amigo e bom do povo que o acclamara;*
*Alli subiu ao throno e n'elle triumphante,*
*A velhice o colheu... mas, subito, repara...*

*E com lagrimas olha a montanha altaneira,*
*D'onde ha pouco se erguia a festival bandeira,*
*Que o saudara ao voltar das extrangeiras plagas!*

*E ao ver o monte nú surgir da nevoa espessa,*
*«Salvé, Patria!» murmura e a alvissima cabeça*
*Abaixa a contemplar a solidão das vagas!...*

Vera de Lima

## Salve! (31 annos depois)

*Longe da patria, em terra extranha, amiga,*
*— Terra de fortes, de alma feita á antiga —*
*Descançaram meus restos derradeiros,*
*saudosos do Brasil, aos brasileiros!*

*Chamam-me agora... a patria não periga...*
*Devo voltar? O affecto assim me obriga!*
*— Cinzas minhas, meus ossos, companheiros*
*Na saudade de trinta e um janeiros,*

*Animae-vos ao som do nobre appello!*
*Abre-se o lar emfim ao meu repouso,*
*— Salvé, pois, ó Brazil glorioso e bello!*

*E o somno, então, cessado o pesadelo,*
*Dormirei no teu seio generoso,*
*A' sombra do pendão verde e amarello!...*

Vera de Lima

Continuado da pagina anterior

*A feição da guerra transmudou-se. Humaitá, a invencivel, cahiu, com a marcha de flanco, o assedio e a passagem de suas baterias pela esquadra. O inimigo, fugindo ao completo envolvimento, reconstitue-se, ao longe, sob a protecção de pantanos e innundações invadiaveis. Caxias concebe a grande manobra do Chaco e a Dezembrada. E' a fuga do dictador para as Cordilheiras; é a entrada triumphal em Assumpção. O velho cabo de guerra, o eternamente victorioso, doente e em avançada edade, teve que regressar á Patria. O inimigo lança mão de seu ultimo recurso. Abriga-se nas cordilheiras; reune tudo o que ainda existe, como elemento homem e material, e cria uma nova resistencia. Tornava-se indispensavel desentocal-o e vencel-o.*

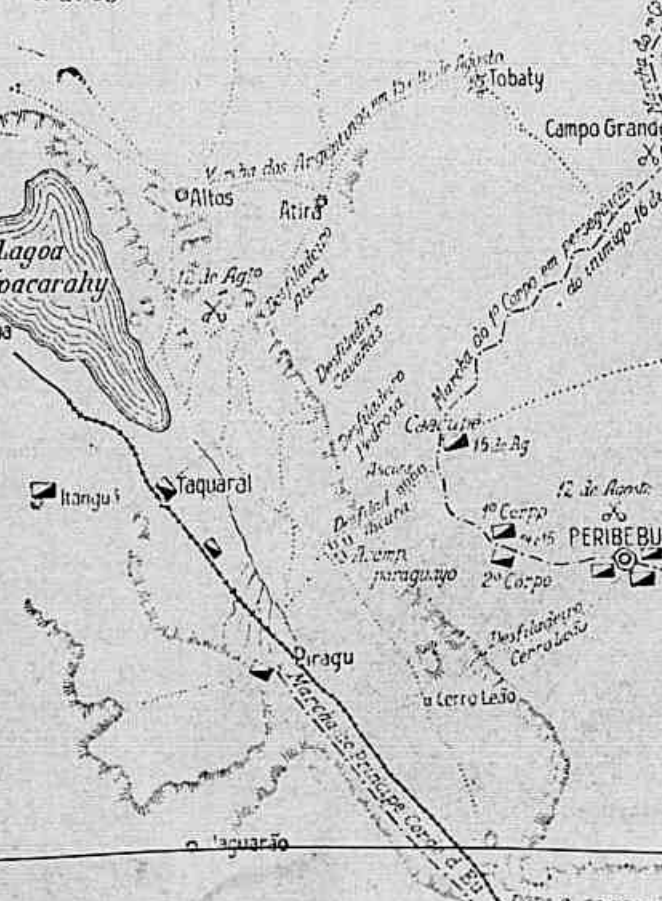
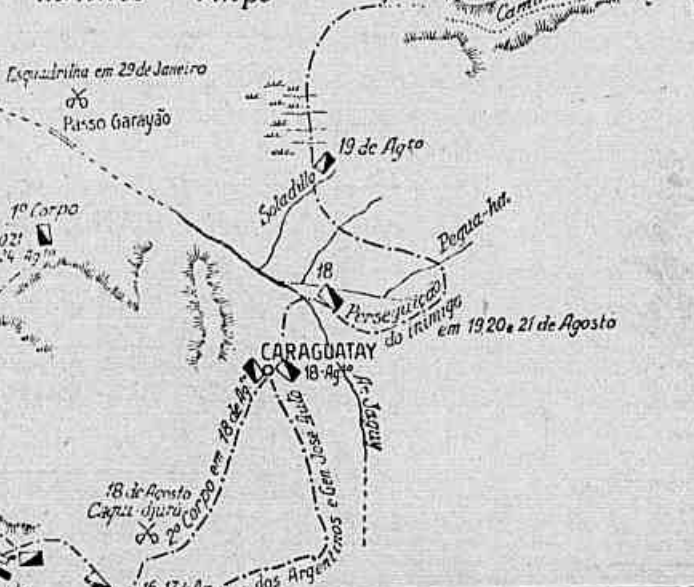
*O governo imperial appella então para o Conde d'Eu. O jovem marechal contava apenas 27 annos. Nomeado em 22 de Maio de 1869, estando no Rio, assume, aos 14 de Abril, em Luque, a algumas leguas de Assumpção, o commando em chefe do Exercito brasileiro, composto então de 26.000 homens.*

*Desde logo, impoz-se a personalidade do jovem principe, obtendo o concurso dos generaes Osorio e Polydoro, duas glorias do Exercito, ainda não curados de ferimentos e molestias contrahidas na guerra. A situação do inimigo, escondido nas serranias do centro do Paraguay, envolto no mysterio e no desconhecido, exigia uma guerra de movimento e combinação.*

*O jovem principe mostra a sagacidade e a calma de um velho conductor de homens. Não se apressa. O Exercito sahira do commando brilhante de um Caxias. Era preciso não desmerecer. Subjugando os impetos da sua mocidade, o novo chefe procura impor-se por medidas de administração e prudencia.*

*Visita os hospitaes e os depositos; remonta o exercito; reorganiza-o; apparelha-o. Emquanto isso, informa-se e traça o seu plano de operações. Desencadeadas estas, é a marcha para a victoria.*

*O inimigo destruiu em parte a estrada de ferro: reconstrue-se. Emquanto trechos della se aprompiam, o exercito avança, protegendo-a e abastecendo-se. Reconhecimentos, em todas as direcções, descobrem o inimigo, acastellado num labyrintho de desfiladeiros, no planalto da cordilheira. Lá estavam os desfiladeiros de Altos, Atirá, Cabanas, Pedrosa, Ascurra, Cerro Leão, Sapucahy e Valenzuela. Para além, o inimigo e o desconhecido.*

*Reconhecimentos successivos fixam a direcção de Peribebuhy. O chefe concebe a manobra. As columnas deslocam-se através das serras, cobertas de mattas, por alcantis e picadas estreitas, tortuosas e abruptas. Procura o envolvimento. Ferem-se combates nos primeiros dias de Agosto. As columnas, vencendo aqui e alli as resistencias inimigas, formam um circulo, quasi fechado, em torno de Peribebuhy. O chefe inimigo foge ao abraço de ferro e fogo, deixando poderosa retaguarda. E' atacada em 12 de Agosto. A victoria foi completa: 700 mortos, 400 feridos, mais de 700 prisioneiros, 19 boccas de fogo, muito armamento e bandeiras são os trophéos da jornada.*

*O avanço do Exercito havia sido muito rapido. O máo tempo e a natureza dos caminhos impediam a chegada dos abastecimentos. Mas o inimigo está proximo — dous dias de marcha. O chefe pede um sacrificio ás suas tropas. Nova marcha envolvente, através de serras e picadas. No dia 16 de Agosto trava-se a batalha do Campo-Grande, com o grosso adversario. Nova victoria, agora com 4.300 perdas para o inimigo, entre mortos, feridos e prisioneiros, e 23 boccas de fogo. O resto foge com o chefe. Desencadeia-se tenaz perseguição, segundo principio da guerra, apesar da fadiga da tropa. Travam-se ainda, em 18 e 21 de Agosto, combates victoriosos, contra a retaguarda do inimigo fugitivo, em Caraguatay e Arroyo Hondo. Em um mez de campanha, de manobras e combates, em que o chefe não descança e varia suas combinações para cada nova situação; em que o chefe, como em Campo-Grande, tem que ser quasi prisioneiro do seu Estado-Maior para não expor mais do que devera a sua vida; o adversario perdera 8.000 homens, 61 boccas de fogo e 19 bandeiras. Reduzido a dous ou tres milhares de homens, foge desabaladamente, pela floresta afóra, em busca das fronteiras.*

*O jovem Principe muda de plano. Transporta-se para Rosario. Desprendem-se columnas volantes. E' um cerco vasto á fera que tudo sacrifica, nos espasmos de sua epilepsia — familia, patria, amigos — ao seu desalmado egoismo.*

*O epilogo, todos conhecem — Cerro-Corá, em 1º. de Março de 1870.*

*Uma correspondencia do Exercito, de 28 de Agosto de 1869, após o combate de Caraguatahy, publicada no Jornal do Commercio, assim julga o Sr. Conde d'Eu como Chefe:*

> *A cavallo desde o romper do dia, claro nas suas ordens, pouco arrebatado quando as acha mal cumpridas, insistente quando as quer ver completas, não se esquiva de nenhum cuidado de vigilancia, nem procura a commodidade.*
>
> *No perigo não se altera, busca-o quando não o acha imminente, e parece querer transmittir esse sentimento de calma mais do que de enthusiasmo aos seus commandados.*
>
> *As lições de occasião não lhe passam despercebidas: elle tem o bom senso, a franqueza de declarar qual a inspiração que tivera e não seguira, qual a idéa e a insinuação que acceitara, e que o futuro demonstrára menos proveitosa. Assim se formam os homens de batalha, assim se tempera a fibra de quem leva os outros á morte ou á victoria.*

*O Exercito brasileiro deve honrar-se em contar o senhor Conde d'Eu entre os seus marechaes; e deve-lhe, sem duvida, inestimaveis serviços.*

GENSERICO DE VASCONCELLOS

GUERRA DO PARAGUAY
Croquis de conjuncto das operações militares nas Cordilheiras, em Agosto de 1869

# PEDRO II e os lápis de seu tempo.

SEGUNDO HERMAN FLEIUSS — SEGUNDO ANGELO AGOSTINI — SEGUNDO RAPHAEL BORDALO — SEGUNDO BORGOMAINERO

SEGUNDO PEREIRA NETTO — SEGUNDO A. FARIA — SEGUNDO BELMIRO — SEGUNDO CHRISPIM AMARAL

## *Paginas da Historia Nacional*

A ACCLAMAÇÃO DE D. PEDRO II (7 de Abril de 1831) (Composição de Debret.)

Na varanda do Paço da Cidade vê-se o pequenino Imperador, em cima de uma cadeira, ao lado das princesas suas irmãs. A' porta do palacio, um archeiro perfilado, com a alabarda. Os officiaes do Senado da Camara, a cavallo, com os seus trajes de gala, em frente da tropa formada, e o povo, ao fundo, enchendo o largo do Paço.

*O decreto imperial de 7 de Abril de 1831, em que Pedro I abdica a corôa em favor do «seu caro e muito amado filho o senhor D. Pedro de Alcantara» é a resultante da nomeação do ministerio dos aristocratas, que a população do Rio exigiu fosse substituido por um ministerio popular. D. Pedro, que os ultimos acontecimentos tinham desorientado e irritado, manteve-se irreductivel ante as admoestações dos juizes de paz, delegados do povo.*

*O seu orgulho preferiu á transigencia a solução violenta da abdicação. Foi a mesma impulsividade do Ypiranga que lhe dictou o decreto da abdicação.*

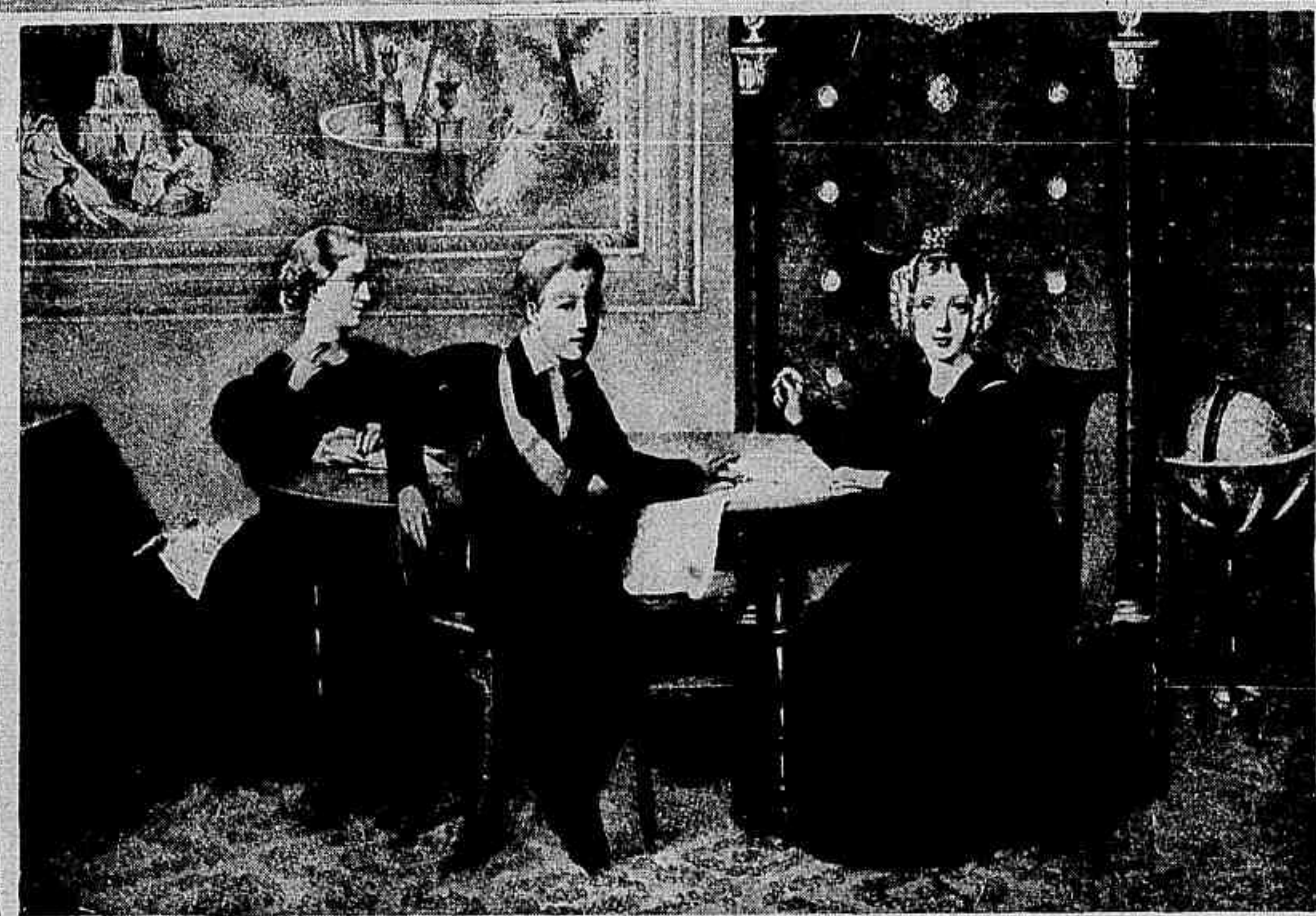
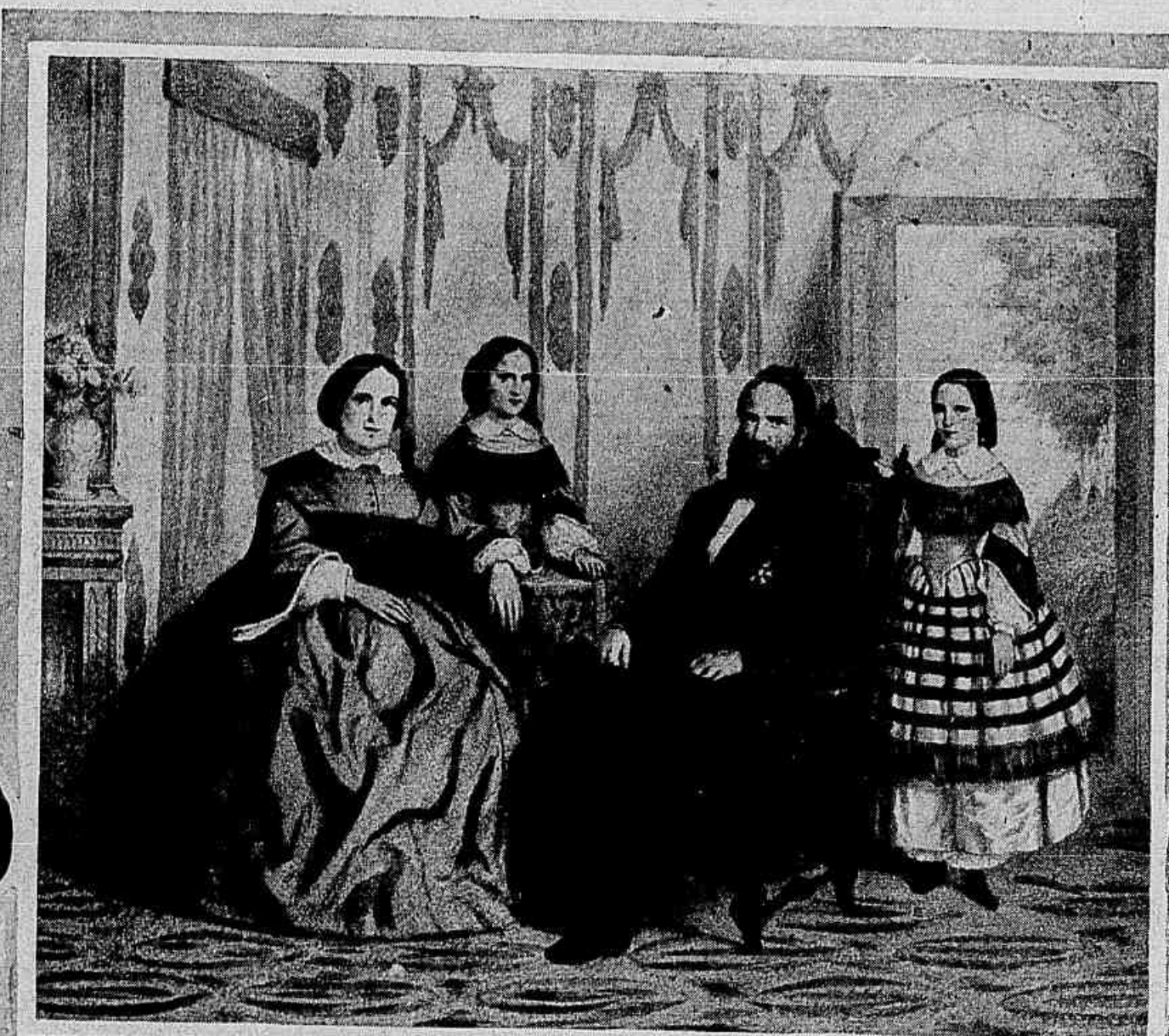
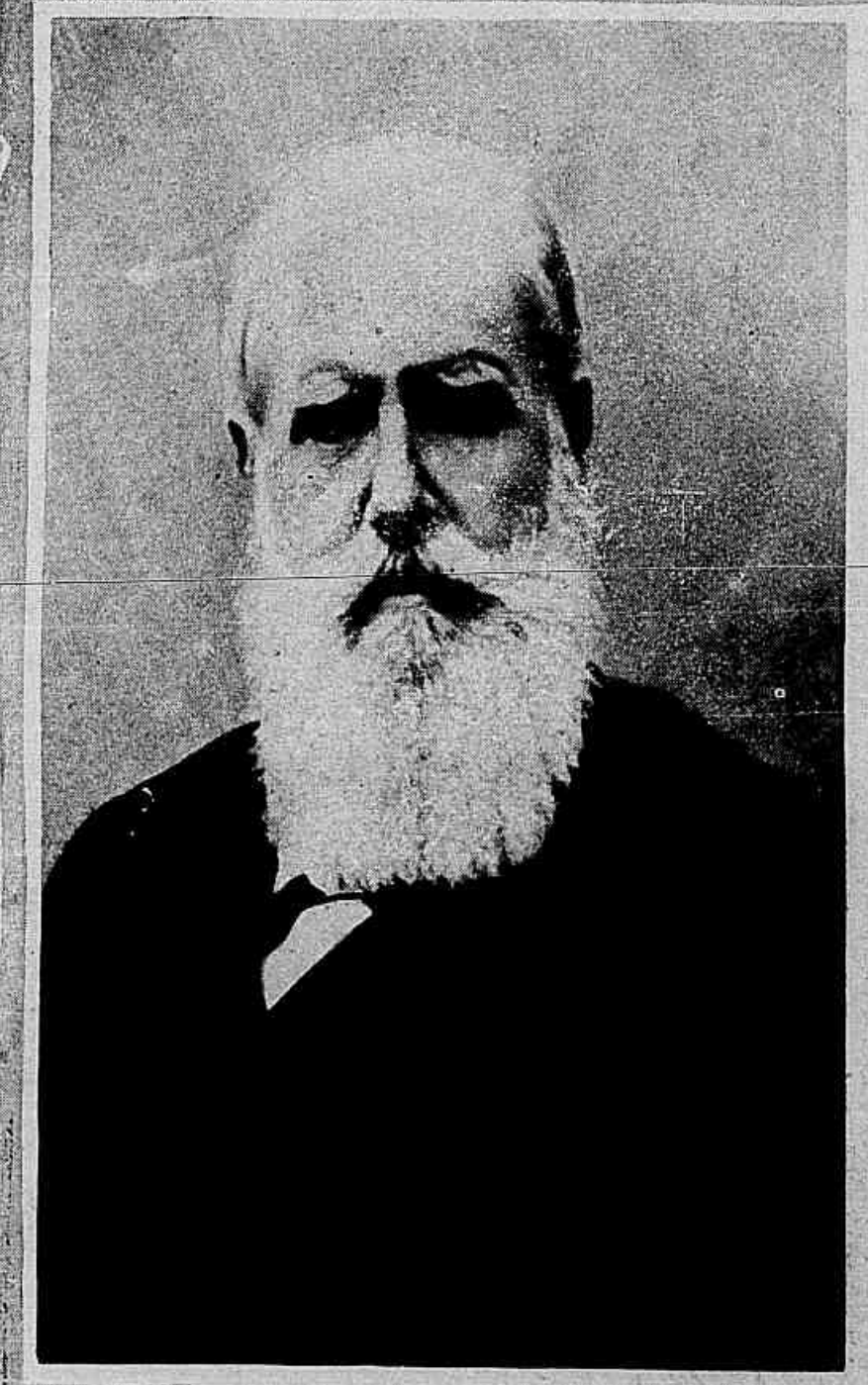
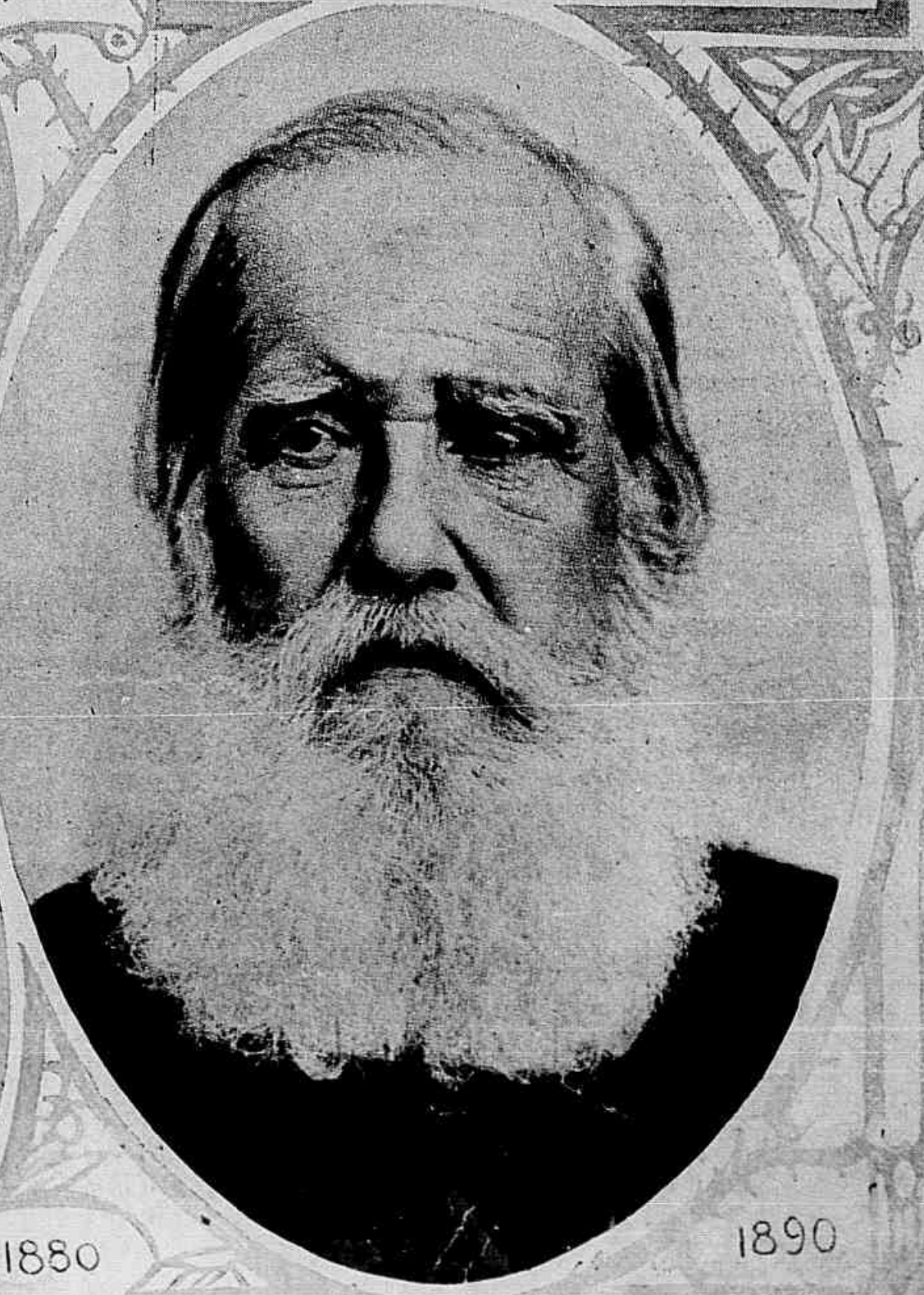
*Nesse mesmo dia, 7 de Abril, D. Pedro, acompanhado da Imperatriz D. Amelia e da Rainha de Portugal, D. Maria da Gloria, recolheu-se a bordo do navio inglez* Warspite. *No dia 9 foi D. Pedro II proclamado Imperador com indescriptivel enthusiasmo. Eis como um contemporaneo descreve o grande acontecimento historico: «Era um espectaculo verdadeiramente commovente assistir ás manifestações de ardente sympathia e de amor do povo para com o pequeno monarcha de cinco annos. Desatrelaram o carro do Estado, sendo o mesmo puxado em triumpho pelos mais influentes cidadãos, no meio das acclamações delirantes da multidão. O joven Imperador, cujos cabellos louros e aspecto exterior denunciavam a origem germanica pelo lado materno, achava-se sentado no thrôno elevado do carro, não como um Zeus destruidor de mundos e desferidor de raios, porém como um Deus de amor. O seu poder todavia não era menor, pois os seus encantos e feitiços, que lhe submettiam todos os corações, eram dos mais irresistiveis: os da innocencia e do amor todo poderoso».*

*Era esta mesma creança acclamada que, cincoenta e oito annos depois, uma revolução desthronava e exilava na pessoa veneravel de um ancião.*

*Este é o mal das realezas; que frequentemente collocam os povos na contingencia cruel de parecerem deshumanos.*

*Depois de quasi meio seculo de reinado, o Imperador habituara-se á mansa dictadura de um patriarcha biblico e, a despeito de tantas eminentes qualidades moraes e intellectuaes, não comprehendera que o seu feudalismo patriarchal constratava com a juventude de uma Patria, avida de realisações e de liberdade. Naquelle mesmo palacio dos antigos vice-reis, hoje convertido em séde do Telegrapho e onde o povo e as tropas o tinham acclamado Imperador, o velho monarcha recebia, cincoenta e oito annos depois, o delegado da revolução triumphante.*

## No proximo numero

PEQUENA HISTORIA DO REINADO DE PEDRO II --- A familia imperial - A minoridade e a regencia - O reinado - As campanhas do Prata, do Uruguay e do Paraguay - A obra da paz.

# A ultima festa da Côrte Imperial
## O Baile da Ilha Fiscal

(Quadro de AURELIO DE FIGUEIREDO).

DESDE alguns dias, isto é desde 31 de Outubro de 1889, o Brasil estava agitado por forte convulsão politica.

A agitação começára desde os primeiros mezes do anno, com os ultimos actos do gabinete João Alfredo.

Affonso Celso, visconde de Ouro Preto, capitaneava o partido liberal, esperando occupar, com a derrota dos conservadores, a presidencia do Conselho.

Ao mesmo tempo os elementos radicaes adquiriam certa preponderancia pois o Sr. Ruy Barbosa, no «Diario de Noticias», reclamava as «reformas com ou sem a Corôa» estabelecendo, para o futuro partido triumphador, o inicio de uma opposição, que chegaria até á Republica, que contava com a parte escravocrata do grande partido conservador, que não perdoára ao Throno a abolição do estado servil nem ao conselheiro João Alfredo, presidente do Conselho, do brilhante e ultimo gabinete conservador, o seu auxilio e dedicado esforço pela gloriosa reforma.

Embora fulgurassem nesse ministerio Ferreira Vianna, Costa Pereira, Antonio Prado, Rodrigo Silva e tantos outros, não ha negar, a opposição ganhava terreno.

Gaspar Silveira Martins vibrava em suas moções contra o Governo; Cesario Alvim viria senador por Minas Geraes e o Exercito sentira-se muito magoado com a restauração da Guarda Nacional, começada a fazer sem o cuidado indispensavel desde que surgira a questão militar.

Dizia-se tambem que as pessoas que rodeavam o Imperador não o traziam bem ao facto da verdadeira situação do paiz e, sobre esses factos, desde Junho a imprensa debatia com certa acrimonia.

D. Manuel Villamil Blanco, ministro do Chile.

Os republicanos tiveram um pequeno desgosto com a dissidencia de Silva Jardim contra a chefia de Quintino Bocayuva, e a dissolução da Camara dos Deputados foi a consequencia da chamada ao poder do ministerio Affonso Celso depois de uma serie de convites a differentes chefes conservadores e, afinal, ao senador Saraiva, da qual se originou a definitiva organisação do gabinete Ouro Preto.

Inutil é dizer que, em toda essa agitação, as luctas da imprensa foram formidaveis; a ideia de federação fôra posta de parte, dizendo-se então que Affonso Celso (Visconde de Ouro Preto) rasgára o programma do partido liberal.

Desde Junho era voz corrente que o maior perigo era o pronunciamento dos Quarteis e que satisfazer-lhes os intuitos devia ser o escopo dos estadistas que tomassem a si as responsabilidades do governo.

O ministerio de 7 de Junho tinha sido organisado com pessoas conhecidas em geral e de boa reputação: Franklin Doria (Barão de Loreto), talento de escol e dedicado á Familia Imperial, assumira a pasta do Imperio; Candido de Oliveira era o ministro da Justiça; Lourenço de Albuquerque tomou a si a pasta da Agricultura, Commercio e Obras Publicas; José Francisco Diana representava o Rio Grande do Sul e recebeu para gerir a pasta dos Negocios Estrangeiros; Affonso Celso ficou com a da Fazenda e, de accordo com o Imperador, chamou para ministros da Guerra o Visconde de Maracajú (Rufino Galvão) e da Marinha o Barão de Ladario (Costa Azevedo), militares conhecidos, este principalmente, pela sua energia e disciplina.

O governo accrescentou ás suas providencias o chamamento do general Floriano Peixoto, que descansava em Alagoas, para o cargo de Ajudante General do Exercito.

Sobre este general a confiança era absoluta; lembro-me perfeitamente de que, ao entrarem no cemiterio os assistentes ao enterro de Francisco Belisario, o notavel estadista conservador que fôra ministro da Fazenda, vendo eu um general para mim desconhecido então, perguntei ao meu collega deputado Affonso Celso Junior quem era o militar a quem elle saudara momentos antes. Assim me respondeu: — «Esse é o general Floriano Peixoto, não o conhece?» — «Não. E' pessoa de toda a confiança do Governo?» retruquei. — «Absoluta. E' sobre elle que se fundam nossas esperanças de disciplina e regularisação dos Negocios da Guerra».

Frontispicio do menu da ceia servida no baile.

De então em diante a agitação politica não teve mais fim até o incidente entre o presidente do Conselho e o official do exercito tenente Pedro Carolino, commandante da Guarda do Thesouro.

Dias depois, chegava ao Rio de Janeiro o couraçado chileno «Almirante Cockrane» sob o commando do almirante Bannen, cuja officialidade foi solemnemente apresentada ao Imperador pelo plenipotenciario da Republica do Chile Villamil Blanco.

* * *

Desde então até o dia 9 de Novembro não se fallou em outra cousa: — chilenos e festas.

Os jornaes referiam os planos da festa colossal que se ia fazer em homenagem á Republica amiga e, por toda parte, aprestavam-se representantes de todas as classes sociaes para obtenção de convites e brilhantismo das homenagens projectadas.

Como por encanto, os graves boatos sobre assumptos militares e agitações politicas cederam o passo ás preoccupações festivas e apenas de relance se fallava no desgosto dos militares, na queixa abafada dos escravocratas, nos esforços politicos e financeiros para conversão do divida externa e, finalmente, no movimento pela «Federação» a que Joaquim Nabuco dava, no Recife, grande incremento e que elle mesmo propuzera em 14 de Setembro de 1885.

Chegou o dia do baile, a principal festa do programma.

Os jornaes vinham repletos de notaveis informações. O povo contemplava as obras de adaptação da Ilha Fiscal para o baile solemne.

Começavam os ensaios da illuminação electrica e, dos armazens de modas ás officinas de armadores e tapeceiros, o trabalho se mostrava tão insano quanto, nas sedes das corporações musicaes, os ensaios para que nada faltasse ao realce da festa.

Logo que começou a noite principiou o deslumbramento popular. Os holophotes dos couraçados chileno e brasileiros cruzavam-se com o que fôra installado na torre do edificio recemconstruido na Ilha Fiscal e a illuminação de variegadas cores salientava o edificio, os navios de guerra e as embarcações que perlustravam o espaço de mar entre a Ilha e a Ponte das Barcas, naquelle tempo chamadas «barcas-ferry», de onde sahia a de maior capacidade para o transporte dos convidados, e que fez o percurso tantas vezes quantas foi isso necessario para das 8 1/2 ás 11 horas da noite

D. Constantino Bannen, commandante do couraçado chileno. «Almirante Cockrane».

levar os convidados ao baile, convivas que excederam em numero a 4 mil pessoas.

A Familia Imperial de 9 1|2 a 10 horas chegou á Ilha. Viam-se alli ou na Ponte das Barcas, chegando ou esperando conducção, todas as figuras de primeira plana do Imperio, especialmente os fidalgos, conselheiros de Estado, ministros, senadores e deputados, altos funccionarios e membros da alta finança, do commercio, da industria e das artes, entremeadas as fardas e as casacas pelos elegantes vestuarios das damas que embellezavam o agrupamento.

A nota impressionante na Ponte das Barcas era a critica que se fazia nos differentes grupos á vetustez de alguns fardamentos e a pouca quantidade de officiaes de terra; notava-se a abundancia de officiaes de marinha, o quasi completo comparecimento do Corpo Diplomatico e o concurso satisfeito dos grandes «leaders» financeiros.

Acudiram tambem á festa com seus novos fardamentos os commandantes e officiaes da Guarda Nacional, que eram vistos com curiosidade por todos, com sympathia pelos que acompanhavam a situação e com má vontade pelos que julgavam errada a corrente que promovera a reorganização da milicia cidadã.

Um ou outro dos convidados clamava contra a despeza a que daria causa tão grande manifestação de apreço; mas essas vozes perdiam-se no côro dos applausos dos que tinham especial intuito não só de prestigiar o Governo como de demonstrar a nossa amizade pela Republica do Chile, que sempre se mostrara dedicado amigo do Brasil.

Quantos nomes me vêm á mente nessa reminiscencia de ha 31 annos!...

Referil-os seria exceder os limites de um artigo como este.

***

A direcção do baile tinha sido incumbida ao barão de Sampaio Vianna, inspector da Alfandega, o qual confiára todo o serviço ao commendador Hasselman, cujo prestigio nas rodas sociaes era grande.

Das danças incumbiu-se um grupo de elegantes da epoca: o barão de Maia Monteiro, Luiz Berquó, Raul Sampaio Vianna, Paula Lima (Miguel), José de Souza Dantas e José Carlos de Figueiredo.

O visconde, depois conde de Figueiredo, era um dos mais enthusiasmados chefes do movimento social; ainda perduram os ecos do grande baile que dera no Cassino Fluminense em retribuição ás homenagens que recebera do Commercio. Nesse grupo figuravam tambem os drs. Julio Ottoni, Basto Cordeiro, Souza e Mello, Chapot-Prevost, Taunay, Varady, Souza Leão, Alberto e Samuel Gracie, James Andrew, o penultimo moço fidalgo nomeado pelo imperador; os jornalistas, sem fallar nos chefes, do Jornal do Commercio, Paiz, Gazeta de Noticias, Cidade do Rio, Diario do Commercio, Tribuna Liberal, Gazeta da Tarde, Novidades e outros. Notavam-se tambem Malvino Reis, Frontin, Raul Pompeia, Coelho Netto, Valentim Magalhães, Pardal Mallet, Luiz de Andrade e tantos outros nomes que tantas saudades trazem!

As senhoras, para só fallar nos seus trajes, revestiam, as que pertenciam á Côrte, os bellos mantos de velludo que davam realce aos ricos tecidos com que se ornavam. O velludo era uniformemente verde e isso distinguia as damas que rodeavam a Imperatriz e a Princeza Imperial. Nas outras a riqueza das joias, o bom gosto das toilettes davam o tom de suprema elegancia que reinava em toda a festa.

Triumphavam as condessas de Carapeebus, Motta Maia, da Estrella, baroneza de Lorêto, de Maia Monteiro, da Estrella e outras muitas.

Toda a gente daquelle tempo deve lembrar-se dos penteados que então se formavam no alto das cabeças femininas descobrindo inteiramente as nucas; os decotes eram modestos, não tinham a ousadia dos de hoje; os vestidos de baile cintavam bem os corpinhos e as saias empregavam muita fazenda, formando atraz, com os arrepanhados lateraes, um aglomerado de rendas, flores e fitas da cintura até a ponta das caudas; os pés desappareciam sob o grande volume das saias.

O luxo exhibido nessa festa correspondia á revolução financeira que começara no ministerio Belisario.

A alta finança gozava das vantagens de um cambio ao par ou acima do par; entrava muito ouro no Brasil e, salvos os desgostos militares, todos acreditavam o Brasil em plena felicidade.

O Imperador, nos ultimos despachos, fizera uma larga distribuição de titulos de nobreza que, com as patentes da Guarda Nacional, animaram a sociedade, o que muito aborrecera as opposições, sendo enorme o numero dos que clamavam contra isso.

Os jornaes do tempo não davam, como hoje, a minuciosa relação das damas e respectivos vestuarios.

Essa suggestiva invenção do dr. Gregorio de Almeida só existia no Diario de Noticias, de onde passou ao Diario do Commercio, de modo que basta dizer que de toda a gente de primeira sociedade só as familias dos opposicionistas, escravocratas ou republicanos, deixaram de comparecer.

A animação dos salões, a alegria que transparecia nos vultos proeminentes do paiz que festejava e do paiz festejado, a regularidade com que se effectuabam todos os serviços do baile, interna e externamente, os grupos que se formavam, desde o grave conciliabulo politico até os graciosos encontros de pessoas que se estimam, pares que dançavam nos salões, indo terminar o passeio na esplanada da Ilha, em frente ao portão principal; alguns mesmo que subiam pelas escadas interiores até os terraços do edificio fazendo difficilmente a ascensão á torre central para gozarem do luar intermittente que durante toda a noite rivalisava com as luzes intensas de que acima fallei; todas essas foram as impressões que podem ser recordadas agora que tantos annos passaram dessa festa memoravel.

Chamou-a a gente adversaria «Festim de Balthazar», mas assim não a poderiamos designar, taes eram a respeitabilidade que emanava da Familia Imperial como a que distinguia as principaes familias que alli se encontravam.

Essa festa poderia ser assignalada como o mais inesperado prenuncio do desfecho que coroou de successo a conspiração latente que explodiu alguns dias mais tarde e que deu em resultado a subversão politica do Brasil com o advento da Republica.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1920.

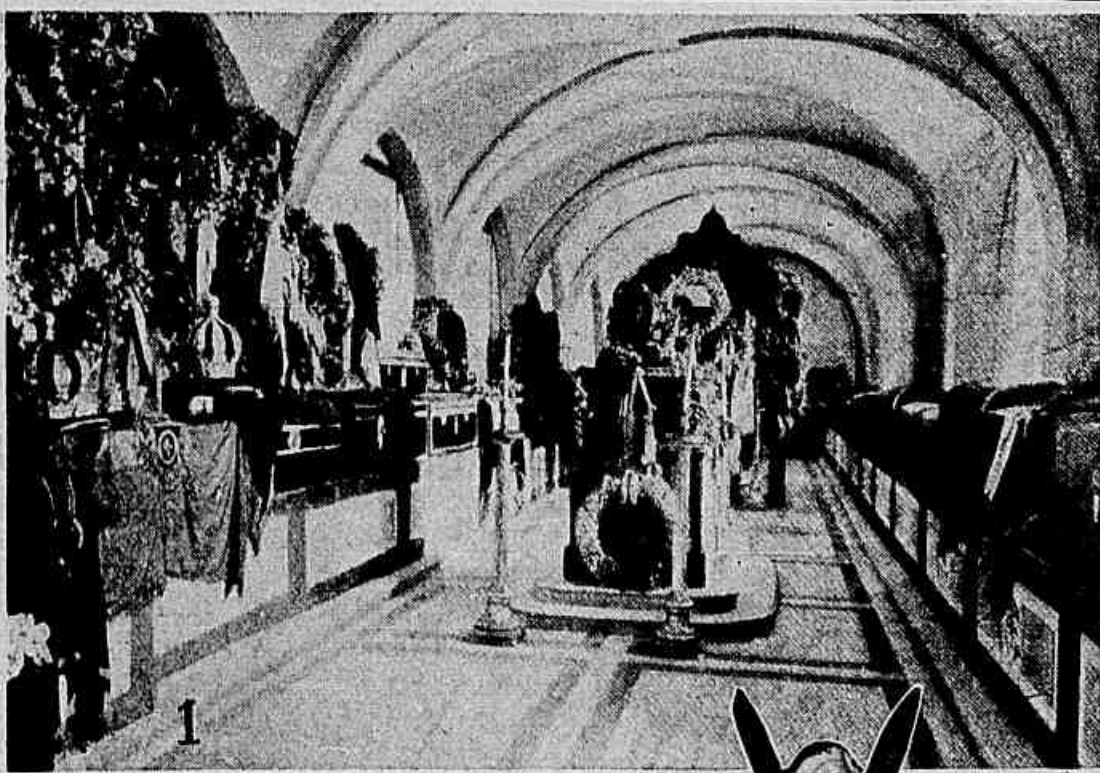
F. MENDES DE ALMEIDA

## O enterro da Imperatriz Leopoldina

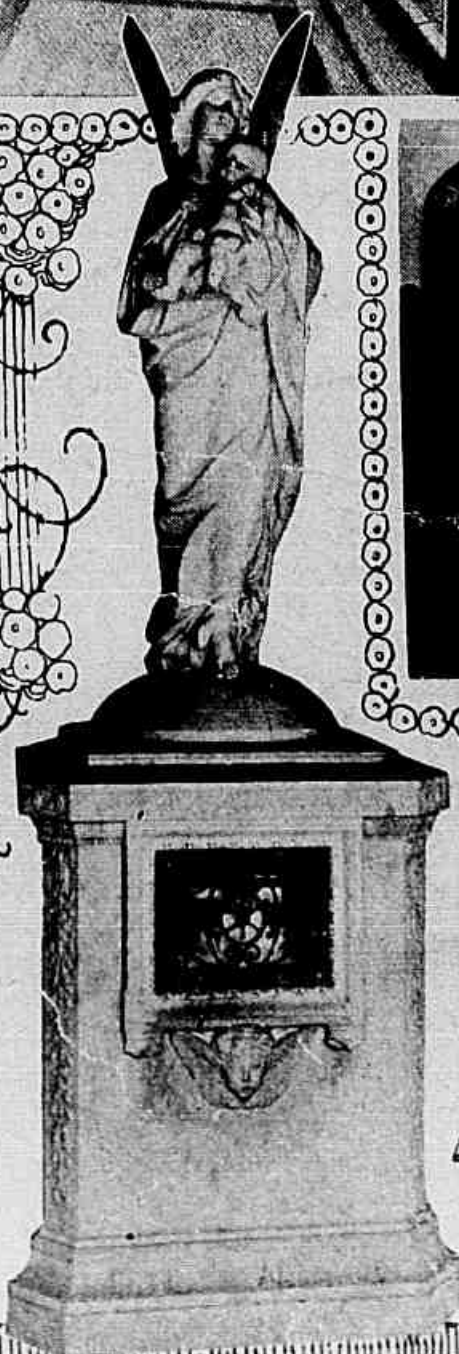
Das tres Imperatrizes que tivemos no regimen imperial, só uma, D. Carolina Leopoldina, Archiduqueza d'Austria, primeira mulher de Pedro I, morreu no Brasil. D. Amelia de Leuchtenberg, filha de Beauharnais, enteado de Napoleão I, segunda esposa de Pedro I, e D. Thereza Christina, Princeza das Duas Sicilias, consorte de Pedro II, falleceram na Europa.

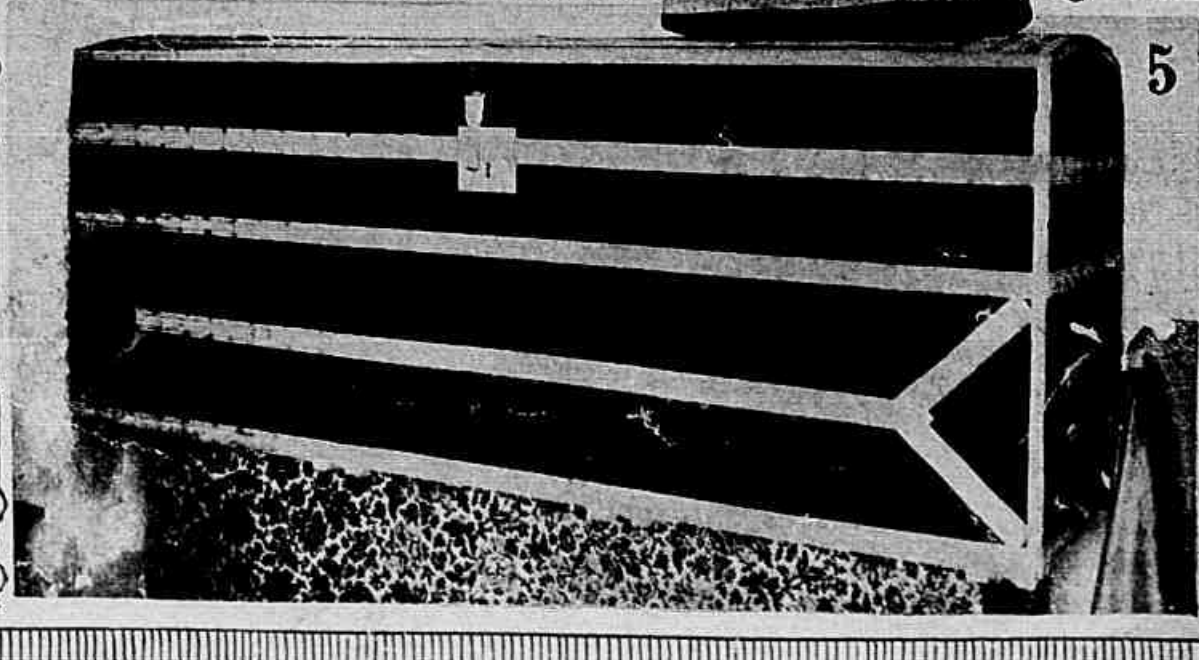
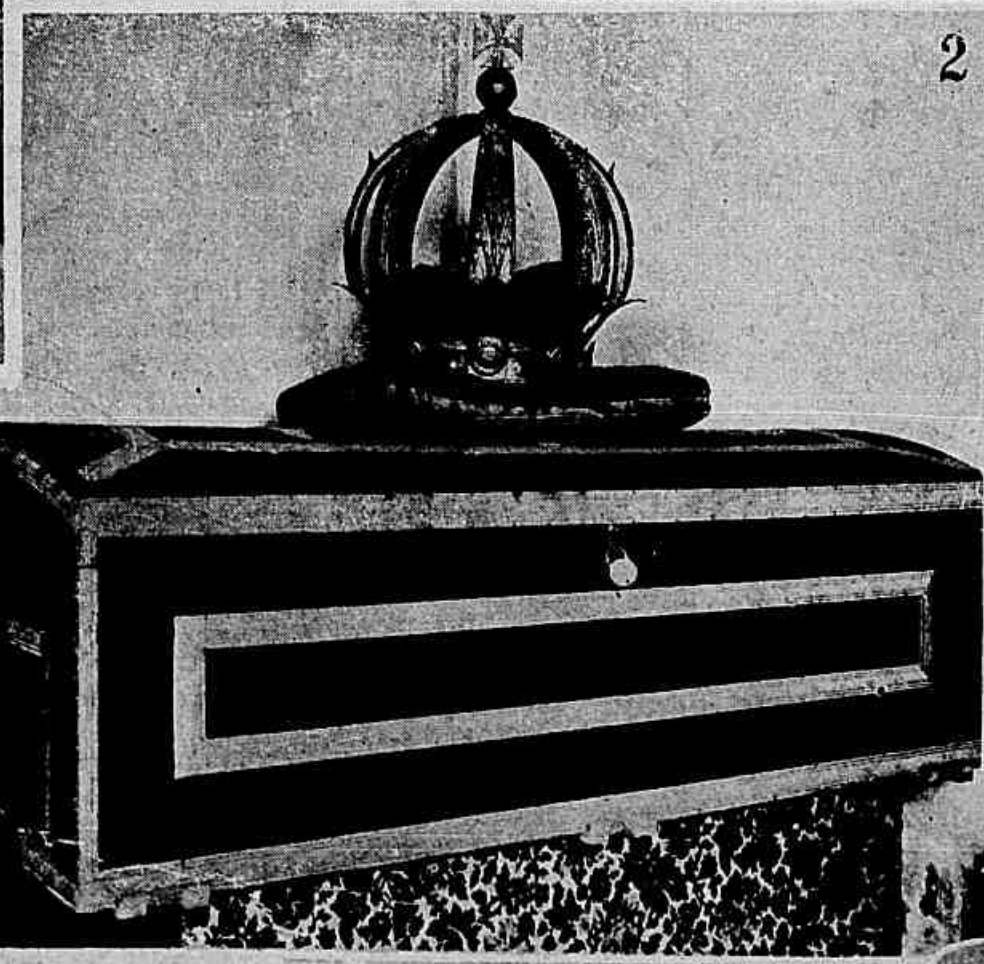
No momento em que o Brasil recebe os despojos mortaes da sua terceira Imperatriz, cognominada *A Mãe dos Brasileiros*, recordemos a ceremonia do funeral da Imperatriz Leopoldina, tal como a descreve um official allemão do regimento de granadeiros:

«As solemnidades foram impressionantes. Todas as egrejas estavam forradas de preto, com catafalcos rodeados de candelabros e tocheiros accesos. Troavam os canhões de minuto em minuto, em signal de pesar. No terceiro dia, o corpo foi transladado para o mosteiro da Ajuda. O *Castrum Doloris* nesta egreja apresentava um aspecto solemne. A' luz vacillante de innumeros cirios, viam-se as armas do Brasil envoltas em crepe e outros symbolos pertencentes ao dominio da morte. A's onze horas da noite chegou o feretro, acompanhado por pessoas com tochas, ao convento da Ajuda, onde se achavam apostos os batalhões de granadeiros allemães com bandeiras e tambores envolvidos em crepes. Era um espectaculo impressionante vêr estampadas nas rudes physionomias uma grande dôr, porém silenciosa, uma immensa tristeza, porém muda. A sua attitude denunciava sentimento solemne e profundo. Pareciam membros de uma grande familia no tumulo recente de sua mãe fallecida. Oito camaristas levaram o caixão, do carro á egreja, sendo o imperial corpo deposto na crypta após tres salvas da infantaria e dos canhões».

## A Familia Imperial dispersa pela Morte

1 — Os feretros do Imperador Pedro II e da Imperatriz D. Thereza Christina no panthéon real de S. Vicente, em Lisboa, onde se guardam os despojos de Pedro I e de D. João VI.

2 — Sarcophago da Imperatriz D. Leopoldina, archi-duquesa d'Austria, filha do Imperador Francisco II, irmã da Imperatriz de França Maria Luiza, fallecida no Rio de Janeiro, no paço de S. Christovão, aos 11 de Dezembro de 1826. (Antigamente no convento da Ajuda e actualmente no de Santo Antonio).

3 — Tumulo dos Principes D. Affonso e D. Pedro, filhos do Imperador D. Pedro II, fallecidos a 11 de Junho de 1847 e 9 de Janeiro de 1850. (Actualmente no convento de Santo Antonio).

4 — Monumento funereo de uma filha de S. A. a Princeza Izabel e do Conde d'Eu, nascida morta. (Convento de Santo Antonio).

5 — Sarcophago da Princeza Imperial D. Paula Marianna, irmã de Pedro II, fallecida no Rio de Janeiro, a 15 de Janeiro de 1833, com 10 annos de idade. (Actualmente no convento de Santo Antonio).

# As Imperatrizes do Brasil

A Imperatriz D. Leopoldina, primeira esposa de Pedro I.

A Imperatriz D. Amelia, Duqueza de Bragança, segunda esposa de Pedro I, e a Princeza D. Maria Amelia.

A Imperatriz D. Thereza Christina, esposa de Pedro II, em 1844.

*Na crença catholica, na Divina Comedia, as almas humanas, desencarnadas, habitam tres circulos, grandes e diversos, paraizo, purgatorio e inferno. Ahi gozam, expiam ou padecem, na medida do bem ou do mal esparzido pelo universo.*

*A Historia parece possuir tambem os mesmos tres circulos: paraizo, com exemplo e louvor nos eleitos; purgatorio, com duvida e afflicção, nos suspeitados; inferno, com escarneo e flagello, nos reprobos.*

*De vez em quando, á voz de qualquer animoso, abre-se a porta infernal da Historia. Um reprobo apparece, para ouvir a revisão do processo de infamia. Assim Lucrecia Borgia já se acha no purgatorio. Outros tem sahido, outros tem passado, outros sahirão, outros hão de passar.*

*Carlota Joaquina será citada perante o supremo tribunal da erudição. Conseguirá transferir-se para o purgatorio, mercê de sentença passada em julgado? Examinando friamente o cumulo das paixões e vehemencias incandescentes dos contemporaneos, se estabelecerá o activo das qualidades masculinas, o passivo dos erros femininos de Carlota Joaquina. Mesmo nos mais puros e systematicos, quão cruel, ás vezes, o horror da consciencia!*

*Carlota Joaquina, mulher, soffreu sobretudo pena barbara: a fealdade. Reflicta n'isto quem separar o joio do trigo da sua vida. Em nossas lettras historicas, já Alberto Rangel procurou fazel-o, com a marqueza de Santos, condemnada a galés perpetuas de reprovação, hoje em liberdade condicional na historia.*

*Joaquim Nabuco, no prefacio de Minha Formação, allega que «a nossa natureza está votada á indulgencia, á doçura, ao enthusiasmo, á sympathia, e cada um póde contar com a benevolencia illimitada de todos... Em nossa historia não haverá nem Inferno, nem sequer Purgatorio». Nem tanto, pois Carlota Joaquina não está, na dita historia, propriamente no paraizo.*

*O Ipiranga recebeu o echo do grito de independencia patria, em 1822. Quasi só tres annos depois, Agosto de 1825, um tratado luso-brasileiro reconheceu nossa separação politica. D. Pedro I «em seu reconhecimento do respeito e amor a seu augusto pae, o Sr. D. João VI, annuia a que Sua Magestade Fidelissima tomasse para sua pessoa o titulo de imperador».*

*D. João VI não fez uso d'elle. Continuou, lusitana e tradicionalmente, rei de Portugal. A Carlota Joaquina approuve receber o tratamento, embóra nominal. Não se esqueceram de lh'o tributar, intimos e partidarios. Teve-os e manteve-os. A politica era o fraco do seu espirito forte, maldosamente posto pela natureza em envolucro despido de qualquer formosura. Rainha do Brazil no Rio de Janeiro, sombra de imperatriz nossa na quinta do Ramalhão.*

*A primeira e real imperatriz brazileira não era Bourbon nem hespanhola como Carlota Joaquina, mas Habsburgo e legitima austriaca.*

*Deixou Vienna, para sempre, em meiados de 1817, esposa por procuração de D. Pedro, primogenito de D. João VI. D. Leopoldina trouxe a sciencia no sequito nupcial. Noiva, dotou o Brazil com a presença de Naterer, o zoologo; de Mickau, o entomologista; de Pohl, o botanico; de Schuch, o mineralogista.*

*Recebeu-a o Rio de Janeiro, com flores e festas; acolheu-a a familia real, com risos e esperanças. Flores, festas, risos, esperanças são acaso cousas duradouras n'este mundo de passagem?*

*Comnosco viveu D. Leopoldina, de 1817 a 1826: de 1817 a 1822, cinco annos, na qualidade de princeza herdeira do throno de Portugal, nossa imperatriz de 1822 em diante; quasi um decennio. Nove annos, durante os quaes D. Leopoldina conheceu affeições e afflicções, a dôr physica de ser mãe e tambem a alegria visivel de o ser, a vantagem do primeiro logar, os prejuizos d'elle, as scintillações e o peso dos mantos imperiaes.*

*Deixara a Europa esperando tornar. Despedira-se dos seus com o desejo natural de revêl-os, de mostrar-lhes descendencia, para prolongal-os e servil-os. O Rio de Janeiro tinha de ser apenas o pied á terre da dynastia que burlára Napoleão, rindo-se de Junot, á la soucape, para não sahir do francez.*

*Quanto calculo e quanta certeza! Quanta illusão e quanto desmentido!*

*D. Leopoldina viveria e morreria no Brazil. Sua familia da Europa desconheceria quasi toda sua familia da America. Assistiria ao nosso nascimento de nação, que receberia todos os berços dos filhos de sua primeira imperatriz. Presenciaria o florescimento e a decadencia do primeiro reinado, espectadora dos enthusiasmos que suscitou e o elevaram na historia e das coleras que gerou e o abateram.*

O desembarque de D. Leopoldina, primeira consorte de Pedro I, no Rio de Janeiro aos 5 de Novembro de 1817.

*Não era bonita. Mulher de familia celta, do grupo rhenano, viennense a mais, não possuia o donaire da viennense, a sua graça, o seu encanto; apenas o seu rosto leitoso, os seus membros alongados.*

*Amavel de genio, eximia cavalleira, amiga de saber, popular, esmolér, não podia e não poude conservar o marido. Ficou com elle e sem elle, que, casado aos dezenove annos, havia de morrer aos trinta e seis, sempre rodeado do attractivo fatal e polygamo das côrtes e da sua fina flor voluptuosa.*

*Nascida em Janeiro de 1798, no mesmo anno que o conjuge, a imperatriz Leopoldina conseguiu grangear popularidade, sobretudo pela esmoleria que, semeada, nem sempre colhe ingratos. Religiosa, devota da igrejinha do outeiro da Gloria, morreu christã, aos 11 de Dezembro de 1826, no vigor de vinte e oito annos e no rigor de sorte inditosa, deixando filhos pequenos no mundo e ao mundo.*

*Dava muito. A mão direita empunhava o sceptro e fechava-se no gesto; a esquerda tinha o habito de abrir-se para esmolar, á biblica, sem sciencia da dextra. Ao fallecer deixou oitenta contos de dividas. Quem muito dá muito deve. A Assembléa Geral ordenou que o Estado lhe resgatasse os compromissos.*

*Grande foi a lembrança da imperatriz Leopoldina. Tão grande que muitos annos depois, visitando D. Pedro II varias colonias, de S. Pedro do Sul, entre ellas S. Leopoldo, velhos colonos austriacos e allemães o esperaram pelas estradas. Ao vel-o, lagrimas silenciosas lhes escorreram pelas faces tostadas por céos de exilio. Só uma palavra repetida lhes acudia aos labios: Leopoldina! Leopoldina! Tanto reconheciam no filho a imagem materna.*

*Morta, não nos deixou a imperatriz Leopoldina. Ha quasi cem annos repousa em terra nossa, a principio no convento da Ajuda, demolido para a construcção da Avenida Central, depois no convento de Santo Antonio, onde jaz e não tem sepultura condigna.*

*E' tempo de concedel-a, collocando-a junto de D. Pedro II, junto do filho, e filho que a honrou. Viuvo de D. Leopoldina, em 1826, aos vinte e oito annos, e pae de sete filhos dos quaes sobreviveu um só varão, D. Pedro II, D. Pedro I quiz recasar. O Marquez de Barbacena andou de cata nupcias na Europa. Por fim obteve noiva, na Baviera, na pessoa napoleonica de D. Amelia de Leutchenberg, filha do principe Eugenio de Beauharnais, enteado de Napoleão.*

*D. Amelia, ao conceder mão de esposa, vinha em flor de dezesete annos. Juntava graça, mocidade, formosura. Para celebrar matrimonio, D. Pedro I creou a linda ordem da Rosa, homenagem justa sobre galante.*

*D. Amelia chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1829. Nove dias duraram as festas do seu casamento. O povo applaudio-o, divertindo-se. Nada ha mais funebre do que povo glacial em festa de poderosos.*

*Tal enlace, taes regosijos deram luz a horizonte politico bem carregado.*

A Imperatriz D. Thereza Christina aos 40 annos.

## A população do Brasil em 1821

| | |
|---|---|
| Rio Grande | 160.000 |
| Santa Catharina | 35.000 |
| Rio de Janeiro (incluindo o districto de Campos) | 320,000 |
| S. Paulo | 270.000 |
| Minas | 600.000 |
| Goyaz | 50.000 |
| Matto-Grosso | 30.000 |
| Espirito Santo | 40.000 |
| Bahia | 400.000 |
| Sergipe | 50.000 |
| Alagoas | 100.000 |
| Pernambuco | 400 000 |
| Parahyba | 100.000 |
| Rio Grande do Norte | 30.000 |
| Ceará | 150 000 |
| Piauhy | 70.000 |
| Maranhão | 120.000 |
| Pará | 110.000 |
| | 3.035.000 |
| Escravos | 2.000.000 |
| | 5.035.000 |

## A população calculada para 1921

| | |
|---|---|
| Alagôas | 990.278 |
| Amazonas | 435.448 |
| Bahia | 3.372.901 |
| Ceará | 1.436.309 |
| Districto Federal | 1.130.080 |
| E. Santo | 479.188 |
| Goyaz | 528.879 |
| Maranhão | 855.050 |
| Matto Grosso | 274.138 |
| Minas Geraes | 5.788.837 |
| Pará | 992.290 |
| Parahyba | 785.344 |
| Paraná | 674.113 |
| Pernambuco | 1.975.441 |
| Piauhy | 548.250 |
| Rio de Janeiro | 1.501.969 |
| Rio G. do Norte | 552.071 |
| Rio G. do Sul | 2.138.831 |
| Santa Catharina | 633.462 |
| S. Paulo | 4.823.100 |
| Sergipe | 535.094 |
| T. do Acre | 104.436 |
| Total | 30.553.509 |

*Não soube ou não poude — porque não saber é muitas vezes apenas não poder — D. Pedro I aproveitar o fluxo de popularidade do desastre da rua do Lavradio, quando virou o carro em que iam o imperador e familia, confundindo-se gravemente D. Pedro I, logo no começo de 1830.*

*Demissão de Barbacena; incidente da fragata Carolina; assassinato paulista de Badaró; viagem gelida do imperador a Minas, recebido a dobres de sinos; noite das garrafadas, tudo foi conduzindo o primeiro reinado á voragem, ao «principio do fim», até a abdicação e o seu decreto, levado, a todo o galope, ao Campo da Acclamação, por Miguel de Frias.*

*D. Pedro I partiu para a Europa, deixando em S. Christovão, todos os filhos, sob a guarda da nação. D. Amelia seguiu-o, após um anno e cinco mezes de estada no Rio de Janeiro. Passou por elle com rapidez, imperatriz que mal se sentou no throno e apenas teve tempo de ser moça e bonita, legando ao imperio e aos condecoraveis a ordem da Rosa.*

*Enviuvando de D. Pedro I, em Queluz, permaneceu em Portugal. Ahi viveu, longos annos, alguns dos quaes ao lado da filha, a princeza D. Maria Amelia, finada, aos vinte e dous annos, na ilha de Madeira.*

*Perdendo a filha, unica e adorada, D. Amelia considerou-se para sempre entre dous luctos. Foi concentrada, esmolér, em Lisboa, parecendo a caridade ter sido virtude inexgottavel transmittida a todas as imperatrizes do Brazil.*

*A' residencia lisboeta de D. Amelia, ás Janellas Verdes, acudiram lacrimosas, muitos annos, copias e copias de miseria, que sahiram silenciosamente consoladas.*

*D. Pedro II, na sua primeira viagem, á Europa, em 1871, visitou a madrasta, quarenta annos após tel-o deixado no Rio de Janeiro. Dous annos depois, Janeiro de 1873, fallecia D. Amelia, sempre em Lisboa, aos sessenta e um annos.*

*Avistara-se com a terceira imperatriz do Brazil, D. Thereza Christina Maria, sangue de Bourbon, berço de Napoles.*

*Nascera a 14 de Março de 1822, mezes antes de nossa Independencia, na capital dos estados dos Duas Sicilias, filha do rei Francisco I e neta de Carlos IV de Hespanha.*

*Cresceu e educou-se no maravilhoso scenario de Napoles, onde o céo, mar e terra apostam disputar bellezas e attrahir homens.*

*Aos vinte e um annos, desposou D. Pedro II e com elle reinou, de 1843 a 1889, quarenta e seis annos, ao termo dos quaes tinha merecido, no consenso unanime dos corações, o nome de «Mãe dos Brazileiros».*

*Juntou a virtude á caridade e jamais se afastou da companhia de ambas. Vigiou as desditas nacionaes, consolou-as, pela dadiva e pela piedade. Exemplo de senhora e de mãe, foi espelho das gerações femininas do velho Brazil. N'elle se miraram sem o vêrem embaciado pelo mais leve sopro.*

*Exilada como D. Amelia, não resistiu como a antecessora, ainda moça e que mal nos conhecera. Envelhecendo, ferida pelo tempo e assassinada pela ingratidão, entregou a grande alma a Deus immenso, na cidade do Porto, a 28 de Dezembro de 1889, menos de dous mezes depois da proclamação da Republica no Rio de Janeiro.*

*Genitora de quatro filhos, a morte arrebatou-lhe tres d'elles, restando-lhe apenas D. Izabel, para consolo de ultimos dias, terminados na tribulação e na saudade.*

« E transportada á terra brazileira
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo o infortunio achou guarida »

*Disse á esposa o proprio D. Pedro II, considerando-a «metade de sua alma entristecida».*

*Examinando a existencia de D. Thereza Christina, folheado o processo do seu longo reinado, a Historia só encontrará n'elle depoimentos de caridade.*

ESCRAGNOLLE DORIA.

## EDÚ CHAVES CONQUISTA O "RECORD" DA DISTANCIA NA AMERICA DO SUL
### RIO-BUENOS AIRES

Sexta-feira, 24 de Dezembro, emquanto o intrepido aviador argentino Hearne permanecee em Sorocaba com avaria no apparelho, Edú Chaves levanta vôo do aerodromo de Guapira, em S. Paulo, no *Curtiss*, «Oriole», de 150 HP, com destino ao Rio, descendo no aerodromo do Campo dos Affonsos, tres horas depois A's 5 h. e 45 m. da manhã do dia seguinte, 25, o aviador iniciava a sua viagem aérea para Buenos Aires, aterrando em Guapira ás 8 e 15 m. No dia 26 venceu em 2 h. e 50 m. os 450 kilometros que o separavam da segunda escala, de Guaratuba, no Paraná. No dia 27 levantou vôo para Porto-Alegre ás 11 h. e 15 m., aterrando na capital do Rio Grande do Sul ás 3 h. e 20 m. da tarde, repartido as 9,50 da manhã de 28, attingindo Montevidéo, ás 3 h. e 53 m. da tarde.

Finalmente, ás 10,50 da manhã de 29, o venturoso aviador partiu para Buenos Aires, conquistando o record da distancia na America do Sul.

## A Festa Escolar do Curso Jacobina no Phenix

As interpretes da opereta "*Les chaussons de la Duchesse Anne*", senhorinhas Maria Helena Carvalho, Léa Vasconcellos, Véra A. Maia, Maria Sylvana O. Pires, Guita Blank, Dail Monteiro, Edla Costa Lima, Maria Amelia Lacombe, Zoé Monteiro, Délita Baptista Pereira, Yolanda S. Vasconcellos, Lucy Sequeira, M. Adelaide Braga, Helena Arthon, Maria de Lourdes Ruy Barbosa, Amalita Vasconcellos, Lisette Young, Hortensia Menezes, Maria do Carmo M. Franco.

## O banho da filha do Sr. Presidente da Republica na praia do Flamengo

## A Visita do Secretario Colby ao Senado

# OS FILMS QUE SE ESPERAM

**A RENUNCIA, por Dorothy Dalton. Producção de Thomas H. Ince; enscenação da Paramount-Artcraft.**

Aquella carta viéra tornar ainda mais doloroso o isolamento em que vivia Miriam Grimmood, casada por conveniencias de familia com lord já muito edoso e maniaco, capaz de passar horas seguidas diante de um taboleiro de xadrez, sem se lembrar da esposa senão para suspeitar todos os seus gestos, seus raros sorrisos e até seus pensamentos. John Heritage, que agora lhe escrevia para communicar sua breve passagem por Londres e annunciar sua visita na noite seguinte, fôra seu namorado nos tempos felizes em que ella via o futuro como uma pagina em branco, onde podia architectar todos os sonhos. Ella propria desdenhára a ventura, que parecia ao alcance de sua mão e agora John era apenas um bom camarada.

Ainda assim ella teria prazer em vel-o, em conversar com elle algumas horas. Lord Robert devia estar ausente na noite seguinte, ella não teria o incommodo de seus olhares sempre suspeitosos. Que mal fazia em receber a visita de John?

Mas lord Robert, que encontrára e lêra a carta, vem repentinamente interromper o innocente colloquio; nada nota que possa censurar e acaba por monopolizar a attenção de John Heritage em uma interminavel partida de xadrez. Abandonada no salão proximo com um romance, Miriam adormece. Quando desperta encontra a sala deserta. O taboleiro de xadrez alli está com uma partida em meio e dous copos vasios... Pouco depois, o velho jardineiro vem dizer-lhe que ouviu lord Robert passar com "outra pessôa" diante do pavilhão e logo depois ruido de lucta no jardim. Miriam sahe com elle a procurar entre as arvores. O jardineiro afasta-se um pouco, recebe um tiro partido das sombras e cahe morto.

A policia acode promptamente e nada encontra. No dia seguinte, John Heritage affirma a Miriam que se despediu de lord Robert, depois de terminada uma partida de xadrez e sem haver bebido. Com quem jogaria então o lord a partida interrompida? Quem teria bebido com elle? E eis que chega uma carta de lord Robert, communicando a John que para deixar sua esposa livre e feliz, resolveu suicidar-se, atirando-se ao lago da propriedade visinha, pertencente a lord Viverly.

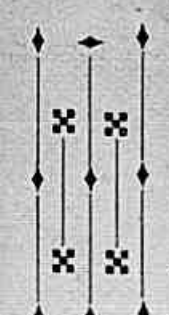
Eis o mysterio, que nos apresenta o novo drama em que Dorothy Dalton é protagonista.

De facto o corpo de lord Robert é encontrado nesse lago e no mesmo dia um vagabundo rouba a John a carta que, divulgada, pode lançar sobre elle e sobre Miriam uma grave e injusta accusação. Pesquizando, John descobre que essa carta foi vendida a Ling Foo, um chinez especialista no jogo de xadrez e que elle conheceu na India como um tratante dos mais perigosos. Esse chinez vive muito na intimidade de lord Viverly, mas John, tendo que retomar seu posto no exercito das Indias não consegue levar avante o inquerito.

A cidade em que elle commanda e onde recebe a visita de sua noiva Ruth Farquhar, é sitiada por uma horda de chinezes. Ling Foo reapparece como parlamentario dos assaltantes e torna-se cada vez mais suspeito aos olhos do John, que consegue arrancar Miriam das mãos de lord Viverly, que se lhe quer impor como marido; e consegue surprehender Ling Foo quando assassina esse seu antigo cumplice pelo mesmo processo empregado com lord Robert, embriagando-o com uma beberragem que o torna um automato em suas mãos e suggerindo-lhe o acto do suicidio.

Algumas scenas do drama passam-se na India e o desenvolvimento do inquerito é feito com minuciosa clareza para que o publico o acompanhe em seus lances mais emocionantes até a confissão do chinez, que permitte o casamento de John, deixando em seu pungente sacrificio Miriam Grimmood.

1 — A confissão de Ling-Foo. 2 — O inquerito sobre o desapparecimento de lord Robert. 3 — Ella ama-o tanto!... Como poderia hesitar em sacrificar-se mais uma vez para que elle seja feliz?... 4 — A proposta intimativa de lord Viverley.

# Semana Elegante

## O sestro de uma princesa gloriosa

*A Familia Imperial costumava ir matar saudades do Brasil deante dos mostruarios do nosso bureau de informações em Paris.*

*O conde d'Eu foi o primeiro que appareceu por lá, incognito, observando as menores cousas.*

*O dr. Delfim Carlos, chefe daquelle prestimoso departamento, achava-se em seu gabinete, muito longe de suppôr a prensença, naquella casa, do illustre esposo de Izabel.*

*Mas, de repente, o sabio Costa Senna, que se encontrava em Paris e que subira ao bureau do Brasil, entrou no gabinete do director e disse-lhe :*

*— Se me não engano, dr. Delfim, estamos com gente illustre aqui...*

*E, logo, esclarecendo :*

*— O conde d'Eu... ou alguem muito parecido.*

*O dr. Delfim Carlos levantou-se e sahiu com o mineralogista. E não foi difficil reconhecer Gastão de Orléans.*

*Ao defrontarem o Conde, este explicava, a umas senhoras, certas particularidades do Brasil.*

*Delfim Carlos e Costa Senna ficaram distantes, observando o grupo. O dialogo era interessante.*

*As damas, que deviam ser francesas, por só se dirigirem ao Conde em francez, interrogavam :*

*— E o sr. conhece bem o paiz?...*

*Gastão de Orléans fitou-as um instante, sorriu expressivamente, para responder :*

*— Sim, sim : conheço-o bem, e muito o amamos em minha casa.*

*Muito sensibilisados, já sem nenhuma duvida sobre a identidade do illustre personagem, os dous brasileiros approximaram-se do conde d'Eu e saudaram-no.*

*Depois, foi uma palestra, cordial, variada, chromatizada, em que se fallou sempre do Brasil. Gastão de Orléans serviu-se de café. Demorou-se para mais de uma hora.*

*Quando S. A. fez as despedidas, resumiu as impressões da visita :*

*— A princesa é que vae gostar muitissimo... Coitada, se passa a vida só a metter o Brasil na cabeça dos netos ! Tambem não admira que a existencia que levamos é de saudades — o pão espiritual do exilio...*

*E o proprio conde d'Eu sorriu da imagem que lhe escapara.*

*Sorriu e desculpou-se :*

*— Não fica bonito a um soldado ser piegas: mas, que querem, um ambiente de trinta annos de nostalgias, trinta annos em que se evoca sempre um paiz que se quer muito e que de tão fechado para nós já se nos afigura um sonho de tristeza e de maguas...*

S. A. I. a Princeza Izabel
Condessa d'Eu

*Gastão de Orléans sorriu mais uma vez — aquelle perenne sorriso de bondade e energia dos principes brasileiros — e partiu.*

*Tres dias passados, o bureau era invadido por dous cavalheiros sympathicos e fortes, tres senhoras — uma bem velhinha e duas novas, a mais moça das quaes de irradiante belleza — e varias creanças louras, fallando todos, jovialmente, o portuguez.*

*Bilac, que se achava de passagem pelo bureau, reconheceu logo Izabel, a* Redemptora, *a velhinha sorridente, de cabellos de neve.*

*Era a Familia Imperial, com excepção de D. Luiz, que fazia, no momento, uma excursão nos Balkans.*

*D. Izabel trouxera comsigo todos os que pudera trazer : D. Pedro, D. Antonio, a formosissima Pia de Bourbon, esposa de D. Luiz, a princeza Elisabeth, mulher de D. Pedro, e a alacre farandula dos netinhos de cachos de ouro.*

*O glorioso cantor do* Caçador de Esmeraldas *dirigiu-se á excelsa exilada e deu-se-lhe a conhecer.*

*— Oh, que felicidade, sr. Bilac !*

*— O prazer é sempre dos brasileiros que podem ter a honra de beijar as mãos de V. A...*

*Bilac olhava-a cheio de emoção, os olhos molhados.*

*— V. A. bem sabe : todos os brasileiros veneram e amam a libertadora dos escravos... todos querem a revogação do banimento da Familia Imperial, que é medida sem mais razão de ser.*

*D. Izabel cuja attenção fôra chamada pelos netos para os quadros de borboletas — as nossas lindas borboletas — teve um longo sorriso de resignada incredulidade, quanto ao acto de revogação do seu exilio :*

*— Dizem que somos perigosos...*

*— O sentimento nacional é de justiça, de reparação.*

*— Pois que me deixem, ao menos, morrer por lá...*

*Com o termino do desterro da* Redemptora *e a glorificação dos ultimos Imperadores, cujos restos mortaes o Brasil vae, emfim, acolher, cresce, entre o nosso povo, que sabe, de facto, amar aquelles que souberam honrar e engrandecer a nação, o desejo de que Izabel regresse á terra em que nasceu e onde redimiu uma raça.*

*Mas o estado de saude da princeza gloriosa não permittirá, talvez, que ella possa fazer a travessia do Atlantico.*

*Sua vontade de morrer no Brasil tem a pertubal-a, agora, o receio de morrer sobre os mares, longe da patria, — o que seria a derradeira iniquidade do destino para com a mais nobre e commovedora das mulheres — aquella que não foi Imperatriz do Brasil por haver preferido ser a emancipadora dos captivos.*

MARQUEZ DE DENIS

# Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS

*No dia* 1 —a sra. Orminda de Miranda Rodrigues ; as senhorinhas Beatriz Veiga, Odette Moniz, Francisca Ferreira Botelho e Iracema Valladão ; a formosa Beatriz Hortensia Bomilcar da Cunha, filhinha do commandante Fenelon Bomilcar da Cunha, professor do Collegio Militar ; o jornalista Pinto Machado ; o commandante Santos Maia ; o illustre e festejado escriptor Oscar Lopes, que tão bello realce adquiriu nas letras e no jornalismo.

*No dia* 2 — o deputado Gomercindo Ribas ; o desembargador Bulhões Pereira ; os drs. Faria Rocha, Eduardo, Paulino Corrêa da Rocha e Helenio de Miranda Moura ; o coronel Cunha Barros.

*No dia* 3 — as senhorinhas Dinorah de Carvalho Pereira Rego e Maria de Andrade Ramos ; os drs. Antonio de Vilhena Soares, Hermogenes Valle de Almeida, Aristarcho da Graça e Sousa e Alvaro Reis ; o coronel José Soledade ; o major Quintino Bocayuva, a galante Maria Leonora, filha do dr. José de Assumpção, que por esse motivo offerecerá uma recepção ás suas amiguinhas.

*No dia* 4 — a sra. Esmeralda Magalhães Pinto ; as senhorinhas Maria Magdalena Cunha e Dulce Ramos ; o ex-presidente Oliveira Valladão ; o barão de Cabo-Verde ; os drs. Silvio Pinheiro dos Santos e Armando de Oliveira ; o coronel Laurindo Antonio de Mello ; o negociante Umberto Antunes.

*No dia* 5 — a sra. Estellinha Antonio Fontes ; os drs. Adolfo Simonsen e Edmundo de Faria Brito ; os srs. Leoncio Emilio Allain e jornalista Affonso de Campos ; o joven e illustre deputado Edmundo da Luz Pinto, figura de notavel e inconfundivel relevo na moderna geração e na assembléa catharinense.

*No dia* 6 — as sras. Placido Barbosa, Arlindo Belfort Duarte, Virginia Campos, Leandro da Costa, Silvia de Guilhobel Paes Leme e almiranta Boiteux ; as senhorinhas Zelruda Rodrigues Gonçalves e Herminia Aarão Reis ; o eminente scientista Juliano Moreira, director do Hospicio Nacional ; o dr. Murillo de Abreu ; o illustre presidente Justiniano de Serpa ; o distincto poeta Balthazar Franklin Tavora ; o brilhante escriptor Virgilio Varzea, a quem as letras patrias devem uma inconfundivel e perduradoura obra, —*marinhas* e paizagens brasileiras, em que ninguem o realçou nunca e em que elle se fez mestre habil.

*No dia* 7 — a sra. Frontin Werneck ; o eminente professor Felicio dos Santos ; o festejado e bello poeta do *Rosario de Illusões*, Belmiro Braga, cujos versos andam ahi em todas as boccas e que são dos mais finos e espontaneos ; o dr. Raul Xavier ; os commandantes Marinho Giumarães e Juvenal Jardim ; o tenente Oswaldo Pederneiras.

∴

Condessa de Baependy — As Damas da Côrte Imperial — Condêssa de Carapebus

UM ENCONTRO

Foi em Pauillac.

O barão de S. Dinis (Antonio Augusto Julio Theotonio de Meneses Severim de Sousa Noronha de Sá da Bandeira e Borges de Dinis), titular portuguez, domiciliado desde creança no Rio de Janeiro e que merecia especial sympathia de D. Pedro II, achava-se naquelle porto francez de regresso de uma excursão aos lagos da Italia e aos Alpes Maritimos. Acompanhava-o sua filha, Linda de S. Dinis, que ia ser matriculada no *Sacré Coeur*, em Paris.

Percorrendo, em carruagem, uma das ruas de Pauillac, o barão defrontou-se, num certo ponto, com duas outras carruagens.

A um signal de alguem, que se encontrava numa das carruagens que se lhe haviam deparado, o titular portuguez apeiou-se, puxando em pós si a filha.

As pessôa das outras carruagens tambem saltaram.

Cumprimentos, amabilidades, beijos na pequena.

E, depois dessas effusões, um homem alto, cabeça e longa barba de algodão, os olhos azues e vivos :

— Mas... que anda a fazer o barão ?

— Venho trazer a filha a um collegio...

— E demora-se ?

— Talvez.

— Pois, meu amigo, nessa edade não lhe aconselho digressões, aqui, por longe do Brasil... Não imagina o susto que levei, em Milão, vendo-me cahido numa cama ! Sr. barão, os velhos, como nós, precisam ficar em casa, para não morrer noutro logar. Eu por mim teria um immenso desgosto se expirasse em terra estranha.

Novas saudações. As carruagens abalaram.

A pequena Linda de S. Dinis indaga, então:

— Meu pae, quem é aquelle bom velho que me affagou tanto e que só fallou no Brasil e em morrer ?

O barão fitou-a. Estava com os olhos molhados.

— Minha filha, aquelle é... é o mais justo dos homens.

— Mas, meu pae, o mais justo, segundo me dizem as irmãs, é o Santo Padre !

— Não, não, minha filha, é aquelle mesmo : é o Imperador do Brasil.

* * *

AMO E LACAIO

Certa vez, soube D. Pedro II que um dos lacaios do Paço estava muito mal.

S. M. fez logo saber da residencia do homem.

— O meu senhor deseja vá alguem lá ? perguntara um camareiro.

— Se V. M. deseja, um dos meus creados poderá ir levar ao doente a grata nova de que V. M. se interessa por seu estado de saude...

O Imperador sorriu.

— Não, meu caro, eu é que quero ir vel-o.

E, mais tarde, conhecida a residencia do lacaio, o Imperador subia a penosa ladeira do Castello.

Encontrando o doente em estado desesperador, S. M. se deixou ficar ao seu lado, assistindo-lhe aos ultimos momentos e pondo-lhe, elle proprio, a vela nas mãos.

* * *

*E' dever patriotico auxiliar as Caixas Escolares.*

*Por que não enviaes um obolo á Caixa Escolar Pedro II, que tem por missão dar merenda, roupa e calçado ás creanças pobres das escolas primarias do 12.º districto ?*

* * *

Uma certa manhã, passeiando, a pé, no Largo do Paço, o Imperador encontrou um velho pedinte negro, que lhe estendeu a mão.

O homem lamuriava :

— Quem pede é um servidor da Patria !

«Derramei sangue pelo Brasil no Paraguay !

«E o governo me deixa na miseria !

O preto não conhecia D. Pedro II.

S. M. approximou-se :

— V. foi voluntario ?

— Sim, senhor.

E, mostrando o peito, mal coberto por um casaco roto :

— Aqui está o passador n. 3. Aqui está a medalha de campanha. O governo, porem, não se incommoda com isto !

D. Pedro II, commovido, perguntou :

— E V. acharia o Imperador capaz de apoiar o desamparo dos servidores da Patria ?

O preto endireitou-se, olhou o soberano — a quem ainda não reconhecera — com ar de desprezo e respondeu logo :

— Se o sr. pergunta isso, é que não conhece o «Velho» !

«O Imperador é homem de grande coração.

«Pudesse elle, e todos nós, que estivemos no Paraguay, não teriamos do que nos queixar !

D. Pedro II pôz uma moeda nas mãos do preto e afastou-se.

No dia seguinte, o ex-voluntario da Patria era aboletado num dos quartos da creadagem do Paço, onde ficou até morrer.

* * *

O Imperador gostava do entrudo, a que se entregou, muitas vezes, em Petropolis.

Apenas... não queria que o molhassem.

D'ahi mandarem muitas pessôas fazer «limões», cheios de violetas, para «batalhar» com S. M.

* * *

E' muito sabido este facto, mas vale recordal-o.

Num dos bailes do Casino Fluminense — hoje Club dos Diarios — o notavel engenheiro Rebouças, gloria da engenharia nacional, viu-se seriamente constrangido.

Era quase preto, os fidalgos mal o olhavam.

A princeza Isabel, que não perdia um só detalhe das cousas que occorriam em torno d'ella, atravessou o salão, com o melhor dos seus sorrisos.

Cortezãos pressurosos foram immediatamente ao seu encontro.

— V. A. vae em busca de alguma cousa ? Carece de alguma cousa ?

D. Isabel fitou-os com desdem.

— Sim, preciso. Vou pedir ao eminente dr. Rebouças que me dê a honra de ser meu par na proxima quadrilha.

* * *

Numa festa em homenagem á Abolição dos Escravos, tomaram parte milhares de creanças das escolas.

D. Isabel, que chegára entre palmas e flôres, chorou.

As creanças não cessavam de applaudil-a e jogar-lhe flôres.

Num repente, a *Redemptora* ergueu uma d'ellas e beijou-a muitas vezes.

José do Patrocinio, que se achava ao seu lado, emocionou-se profundamente e exclamou :

— V. A., que redimiu e libertou uma raça, acaba de fazer um escravo : a mim, pae d'esta creança, que vos beijo, agradecido, as mãos !

* * *

A farda de moço-fidalgo da Casa Imperial. O retrato é de Pedro Seabra, cunhado do Barão de Itaipú

S. S. o *Papa* enviou á princeza Isabel, como recompensa do acto de assignatura da redempção dos captivos, a *Rosa de Ouro*, com que o Vaticano premiava as obras mais meritorias do anno.

Ao receber as insignias que o Summo Pontifice lhe enviára, S. A. disse ao nuncio apostolico :

— Mil corôas que tivesse, monsenhor, perderia com prazer todas, para libertar um escravo !

* * *

O Imperador costumava passeiar, a pé, em Petropolis.

De tarde, as creanças que o viam rodeiavam-no.

S. M. brincava com todas.

E, não poucas vezes, foi visto batendo a mão no hombro das *bás*, recommendando-lhes muita attenção para com os petizes.

* * *

Em certa occasião, D. Pedro II descia uma das alamedas da sua Quinta de São Christóvão.

De longe, enxergou S. M. alguns garotos, que se haviam sungado ao alto dos galhos das arvores, para furtarem fructas.

Sem dizer nada, D. Pedro II voltou sobre os calcanhares.

E um dos seus camareiros perguntou :

— Meu senhor... esqueceu alguma cousa ?

— Não, vou dar volta por alli. Se proseguisse o caminho por este lado, aquelles pequenos, amedrontados, poderiam jogar-se das arvores em baixo, e soffrer um desastre. E' preferivel andarmos um pouco mais.

* * *

D. Pedro II não trazia nunca dinheiro comsigo.

Era o camarista que o acompanhava que se incumbia de trazer no bolso as quantias de que elle precisasse... para as esmolas que espalhava sempre pelo seu caminho.

* * *

Paulo Barbosa da Silva, camarista do Paço, era um homem pesadissimo e obeso.

Quando calhava ficar «de semana» junto de S. M., o bonissimo D. Pedro vinha espera-lo á porta, ajudando-o a descer do carro.

E, para gracejar com o seu camarista, S. M. dizia :

— Pois sim, sr.... vou eu entrar «de semana» !

* * *

*D. Izabel* dava, semanalmente, audiencias publicas.

S. A. ia recebendo as pessôas, por ordem de chegada, segundo a nota que uma de suas aias trazia em mãos.

Foi lá um dia, surgiu, durante a audiencia publica de S. A., um fidalgo apressado, que, abrindo passagem entre o numeroso grupo, se approximou de D. Izabel.

A princeza, muito delicadamente, indagou da aia :

— E' a vez do sr. visconde ?...

— Não, minha Senhora, o sr. visconde foi o ultimo a entrar.

E D. Izabel, que só tinha deante de si pessôas do povo :

— Então, sr. visconde, faça-me a gentileza de aguardar a sua vez...

* * *

Ahi estão alguns topicos — muitos dos quaes ainda não divulgados — que demonstram a conducta social e humana da egregia Familia Imperial do Brasil.

Para os monarchas e seus descendentes, a grande nobreza — a maior — era a do talento ou da honra, a das virtudes ou dos merecimentos, e o direito de prioridade só tinha uma razão, a dos proprios direitos de quem se dirigia ao Paço.

Para louvar ou premiar, a dynnastia brasileira não soube distinguir nunca entre ricos e pobres, brancos ou pretos. Todos eram iguaes nos juizos e coração de SS. MM. e de SS. AA.

M. DE D.

# Semana Theatral

## "A casa do Tio Pedro"

*No Trianon, mais uma peça do sr. Oduvaldo Vianna, autor da comedia* Nossa Terra, *muito applaudida, e de varias farças e operetas que fizeram carreira nos theatros populares.*

Oduvaldo Vianna

*Na* Casa do Tio Pedro, *o sr. O. Vianna, sem de certo pretender fazer uma peça de these, desenvolve um caso em que, dalgum modo, se pode ver o estudo dum problema social. E' a questão do casamento entre pessoas de educações diversas e diversas situações: elle, bacharel, rico, mundano; ella, filha de gente pobre, obscura, suburbana. Realizado o casamento, começa o conflicto. O marido acaba abandonando o lar ; e ella volta a casa dos paes e ao amor, agora compartilhado, do operario que fôra o primeiro a requestal-a e lhe ficara querendo para sempre.*

*A acção da peça está bem delineada ; apenas, em certas passagens, se prolonga mais do que o seu interesse exige. Dos typos, alguns estão realmente bem apanhados, outros «carregados» á feição de personagens de revista. Do balanço dessas qualidades e defeitos resulta, para o bom exito da obra, um saldo consideravel.*

*Desempenho interessante, em que se distinguiram as sras. : Apolonia Pinto, incomparavel de suavidade e ternura nas matronas da velha e boa escola ; Abigail Maia, delicadamente sentimental; Palmyra Silva, e Srs. Ferreira de Souza, «velho» excellente ; Alexandre Azevedo, galã de boa linha moderna ; e o comico Augusto Annibal.*

## "A Pensão da Nicota"

*O sr. Alberto Deodato, um dos autores da opereta* Flor Tapuya *— que figurou na serie «sertaneja», enthusiasticamente apreciada pelo publico do S. Pedro — pretendeu, com a* Pensão da Nicota, *escrever uma comedia de costumes. Ao que o proprio comediographo declarou aos jornaes, figuram na sua peça, copiadas do natural, pessoas com quem elle conviveu, em certas casas de hospedes. Talvez por serem «copias» e não condensações, syntheses de typos, as personagens desta comedia se tornaram tão artificiaes e inverosimeis. Emfim, se a peça do sr. Deodato falhou, parece-nos, como estudo de costumes, vingou como obra destinada a fazer rir. Com effeito, o publico do Carlos Gomes achou engraçada a* Pensão da Nicota *e applaudiu os dois principaes interpretes, sra. Ema de Souza e sr. Francisco Marzullo.*

## "Se a bomba arrebenta..."

*Mais uma revista, a decima, vigesima ou quinquagesima do anno. Quem poderá contal-as ao certo ?*

*Com esta, que é da autoria dos srs. Cardoso de Menezes, Carlos Bettencourt e Rego Barros, se apresentou ao publico uma nova companhia da Empresa José Loureiro. O primeiro acto é para fazer rir, exclusivamente, e o segundo tende tambem a levantar o patriotismo das massas. Ambos attingiram, mais ou menos, o seu fim. Bella e dispendiosa montagem, com scenarios dos srs. Jayme Silva e Mario Tullio. Musica alegre, quasi toda ella, naturalmente, constituida por numeros de opereta ou canções populares em voga.*

*A companhia dispõe de elementos sympathicos, valiosos no seu genero : as sras. Filomena Lima, Zazá Soares, Zezé Cabral, Leda Vieira, Lecticia Flora e os srs. João de Deus, José Martins, Lino Ribeiro e J. Loureiro.*

Filomena Lima — Zezé Cabral — Leda Vieira

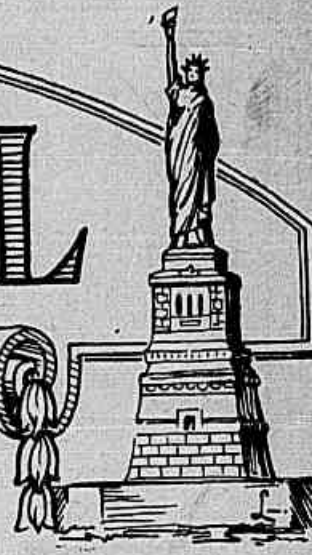
## Companhia Cremilda de Oliveira

*E' esta, inquestionavelmente, uma das mais interessantes companhias de opereta que nos têm visitado. No seu elenco, contam-se não apenas duas ou tres, como de costume, mas oito figuras, pelo menos, que, no theatro portuguez, sem favor devem ser considerados de primeira ordem — as sras. Cremilda de Oliveira, caprichosa sempre, cheia de vivacidade e duma deliciosa mocidade; Maria Abranches, cantora de boa escola; Margarida Martinó, Julieta Soares, Irene Gomes; e srs. Antonio Gomes, comico da velha guarda, que não se rende; Almeida Cruz, cantor de communicativo sentimento; e Vasco Sant'Anna, ainda na primeira mocidade é já merecidamente famoso.*

Cremilda de Oliveira

## Companhia Vilches

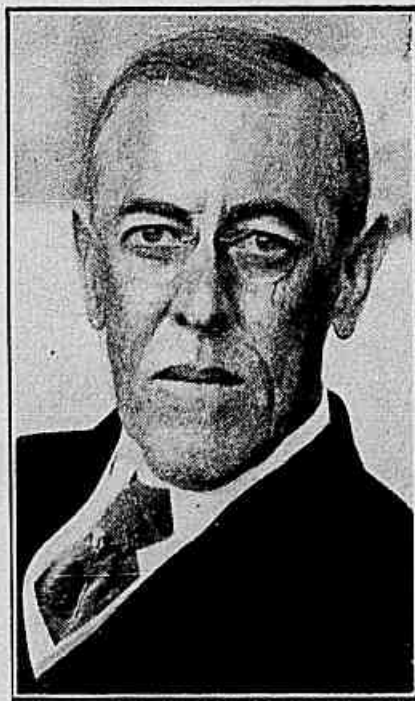
*No Theatro Municipal, a companhia hespanhola Ernesto Vilches deu uma serie de espectaculos que não pode, sem injustiça, deixar de ser assignalada. Apenas se deve lamentar que trouxesse no seu repertorio tão poucas peças hespanholas, quando o moderno repertorio do seu paiz lhe offereceria vastissimo campo de escolha nas obras de Benavente, dos Quintero, de Rusinol, dos autores alegres como Munoz Seca, Carlos Arniches e outros, bem dignos da admiração das platéias estrangeiras. Mas a troupe é excepcionalmente homogenea, destacando-se a bella sra. Irene Lopez Heredia, o sr. Ernesto Vilches, actor variadissimo, e o comico sr. Arbó.*

# O MOMENTO INTERNACIONAL

APPROXIMA-SE de seu fim o longo governo wilsoniano.

O Presidente dos Estados-Unidos, a quem foi adjudicado o premio Nobel da Paz, ficará na historia como precursor do humanitarismo americano na politica feudal da Europa incontricta. Os homens do futuro exhumarão do olvido as satyras, as chacotas grosseiras, as objurgatorias indignadas com que as vencedoras vorazes da Allemanha afugentaram o visionario que surgira como uma sombra importuna durante o festim da victoria, recommendando temperança e profligando a gula imperialista das velhas nações impenitentes.

As ultimas noites do Presidente Wilson na Casa Branca serão ao menos as noites de repouso devidas aos justos, ou as atormentarão os clamores das creancinhas famelicas da Austria, os echos das dezoito guerras que desde a Grande Guerra fizeram rugir homens e canhões na Europa oriental?

Os politicos experientes e utilitarios, desenrolando as bandeiras do nacionalismo, condemnaram o idealismo wilsoniano como uma doutrina mystica e subversiva e acabaram por mutilar o seu sonho pacifista da Liga as Nações numa reprise mais hypocrita da Santa Alliança. E' esse mesmo nacionalismo reaccionario que assiste, porém, indifferente á tragedia nacionalista da Irlanda, que manieta o nacionalismo egypcio, que manda os seus guerreiros submetter o nacionalismo da Syria.

A politica truculenta da guerra creou o mais tremendo paradoxo que jamais appparentou a Historia. Em frente do nacionalismo da Europa occidental levanta-se, inexpugnavel, a potencia anarchica do bolshevismo oriental. A Europa encontra-se dividida em dois continentes por um rio de sangue. A Russia communista e a França republicana parecem separadas por um millenio. Entretanto — espectaculo incrivel! — as duas coexistem no mesmo minuto da Historia! O que maiores aprehensões projecta sobre esse desafio de duas forças, uma tradicional e a outra iconoclasta, é o facto de, até hoje, nesse duello formidavel, ter o chaos vencido sempre o conservantismo.

O Presidente Wilson

Derrotando os exercitos reaccionarios de Wrangel, o bolshevismo venceu indirectamente a triumphadora da Allemanha. E' com o mesmo indignado furor com que a Europa monarchica invectivava o sanguinario Terror francez de 1793 que a França de 1920 condemna o repulsivo Terror bolshevista.

Não pretendemos analysar as causas que prepararam o fascies pathologico da politica européa. Neste momento aterrador, os homens que guiam os destinos das nações parecem impellidos, como automatos, pelas forças cegas das convenções ancestraes. A intelligencia parece ter cedido o sceptro ao instincto. Atropeladamente, contradictoriamente, irrompem ao mesmo tempo as experiencias formidaveis de um mundo novo e os anachronismos espectraes das antigas edades. Na Italia, D'Annunzio é um condotiere da Renascença, fallando a linguagem do seculo XV a uma politica socialista. O povo grego escorraça Venizellos e chama para o thrôno o rei deposto pelas nações mais poderosas da Europa. Os Estados-Unidos, depois de dotarem os alliados com todas as forças mecanicas e financeiras da victoria, repudiam o Tratado de Versailles e desertam da Liga das Nações, concebida por Wilson. A Inglaterra, mãe do Liberalismo, afoga no sangue a revolta da Irlanda, collocada entre o dilemma de pôr em pratica as suas doutrinas liberaes e de compromettler a unidade periclitante do seu Imperio romano, minado já pelos ideaes da independencia.

O rei Constantino da Grecia

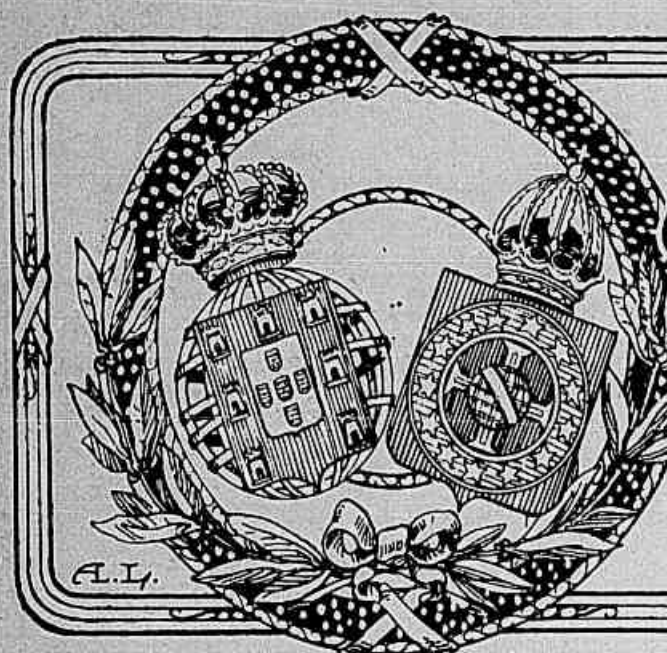
O plebiscito da Grecia, que representa a desobediencia de um povo livre á tutella dos Alliados; a votação do Home-Rule para a Irlanda; o advento do senador Harding á presidencia dos Estados Unidos; a deserção altiva da Argentina e do Chile da Liga das Nações — eis os grandes acontecimentos que dominam o panorama da politica internacional ao terminar o anno de 1920. Todos elles concorrem para enfraquecer a hegemonia do grupo de nações alliadas e para desmoronar a sua politica economica, concebida sob um criterio egoista, incompativel com a universalidade dos phenomenos economicos. E' dessa situação que beneficiou a Allemanha na conferencia de Bruxellas, onde obteve convencer os seus adversarios dos perigos que adviriam de uma politica de esmagamento, a qual privaria a população européa do concurso efficaz de setenta milhões de energias humanas.

* * *

São, aliás, as inviolaveis leis economicas que estão, a estas horas, derruindo as combinações politicas e alterando-as. Quando a Inglaterra annunciou desistir do direito de sequestro sobre os bens allemães, a França viu nessa medida uma infracção ao Tratado de Versailles, que lhe debilitava os seus direitos. A Belgica, porém, á semelhança da Inglaterra, vae renunciar a esse mesmo direito, reconhecendo os prejuizos de uma expoliação que subverte todas as noções juridicas sobre a propriedade privada e abjura das noções em que repousa toda a ordem social. A guerra demonstrou a veracidade dos calculos propheticos de Norman Angel, de que a guerra não pode beneficiar economicamente nem o victorioso nem o vencido.

# THE WOMEN'S DIOCESAN SOCIETY

## Os quadros vivos da festa do dia 22 no "RIO CRICKET"

1 - O primeiro retrato de Gainsborough. 2 - Uma scena da comedia *A bit of Bluff*. 3 - As tres Parcas. 4 - O seu unico par de calças. 5 - A execução de Maria Stuart.

# Exposição de Arte e de Historia dos tres Reinados (1808-1889)

*INAUGURA-SE, segunda-feira, no Club dos Diarios, antigo Casino Fluminense, a exposição de Arte e Historia retrospectivas, abrangendo o periodo monarchico, desde a chegada da Rainha D. Maria I e do Principe Regente D. João — depois rei do Reino Unido de Portugal e Brasil — em 1808, até a deposição de Pedro II, em 1889.*

*Antes de mais nada, é necessario accentuar que este certame de arte e historia não tem uma significação de apotheose do regime deposto pela revolução de 15 de Novembro de 1889. A França republicana guarda nos Invalidos os despojos de Napoleão I, que atrelou a Revolução ao seu carro cesareo de guerreiro coroado, e cultua nos seus museus maravilhosos as pompas de arte das dynastias dos Valois e Bourbon. Os museus são um prolongamento da Historia, vedados á politica. Podem alguns obcecados pretender emprestar á transladação o significado politico de um acto expiatorio. A voz dos sectarios não deverá nunca prevalecer sobre a verdade. E' a Patria e é a Republica que se glorificam com esse acto de equidade. Pelo que respeita á Exposição, todas as tentativas para lhe desvirtuar os intuitos denunciarão um grosseiro erro de visão. Ella é, apenas, o resultado do desejo de varios colleccionadores de ver reunidos, num simulacro, infelizmente ephemero, de Museu Nacional, os exemplares artisticos e historicos das suas collecções. Os patriotas que a promovem são os precursores, os propagandistas, os abnegados apostolos do culto da Arte e da Tradição, e infundiria pena verificar o desinteresse official por um certame desta natureza, que representa o mais honroso attestado da civilisação nacional.*

Pequena «console» em estylo Imperio, de mogno, com applicações de bronze cinzelado e dourado a fogo. A «console» é internamente sustentada por uma figura de bronze, admiravelmente modelada e cinzelada. Pertenceu ao mobiliario do palacio Guanabara e proveiu, possivelmente, da Imperatriz D. Amelia, neta da Imperatriz Josephina. Ao centro, entre dois capiteis corynthios, o busto de Napoleão. — Collecção do sr. Rego Barros.

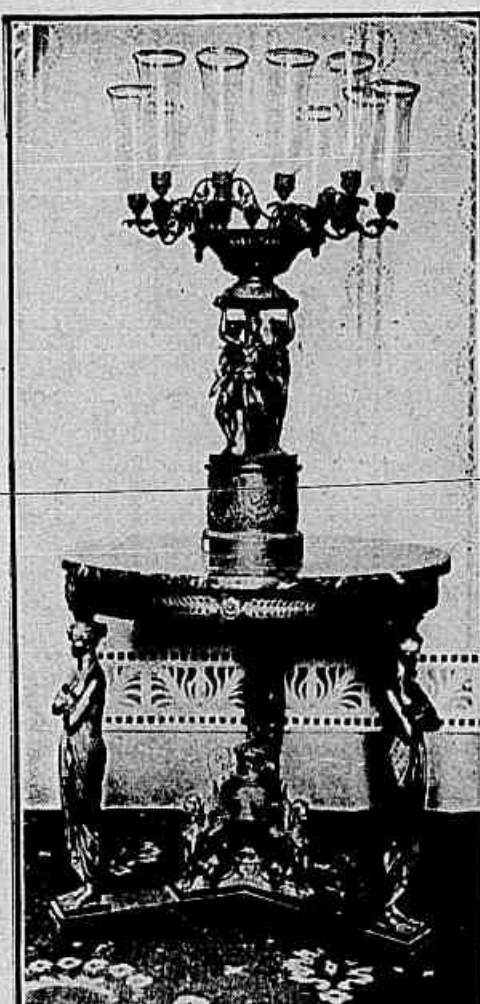
*Compõe-se dos srs. João do Rego Barros, Bernardino Bastos Dias, Galeno Martins, Eugenio Gudin, Laudelino Freire, Quintino Bocayuva, Conde de Affonso Celso, José Marianno Carneiro da Cunha, Escragnolle Doria, Affonso de Taunay, José Custodio Velloso, Simoens da Silva, Raymundo de Castro Maia, Carlos Americo dos Santos, Fernando de Guerra Duval, Raul Barreto e José dos Santos Liborio a commissão promotora da Exposição. Nella estão representados, a par dos principaes colleccionadores de arte, os eminentes directores do Museu Historico do Archivo Nacional e do Museu Paulista, descendentes do grande artista francez da Missão contratada pelo Conde da Barca para inaugurar no Brazil o cultivo das artes, o filho de um dos implantadores da Republica e o presidente do Instituto Historico. A politica, com todas as suas prevenções, é alheia a este emprehendimento patriotico, mas de facto esta exposição assignala um renascimento salutar do espirito tradicionalista. O Brasil integra-se no amplo movimento que avassala todos os povos de estirpe latina do continente. Os que analysam superficialmente este movimento receiam que elle contrarie as vivazes e impetuosas aspirações de progresso e os proprios sentimentos nacionalistas das populações americanas, em grande parte producto de cruzamentos ethnicos heterogeneos, mas assimilados pela preponderancia dos elementos nativos e pelas forças imponderaveis e incoerciveis da tradição e da lingua.*

*Esses analystas desconhecem ou despresam os factores invariaveis e imperiosos que sempre regeram a formação e evolução das nacionalidades. O preconceito que mantem viva a memoria do periodo colonial restringe e obscurece o campo de visão desses sociologos. A civilização indoeuropéa, de que somos representantes e continuadores na America, obedeceu sempre ao mesmo rythmo evolutivo. As velhas nações da Europa — a Inglaterra, a França, a Hespanha e Portugal — foram colonias vassalas de Roma, e essa circumstancia nunca foi por ellas invocada com a significação pejorativa com que algumas das suas filhas americanas, depois de conquistarem a soberania, evocam a servidão em que suppostamente viveram, sob o dominio das antigas metropoles. Ha muito que os Estados Unidos renunciaram a esse falso preconceito. Chegou a vez da Argentina e o Chile renunciarem com a mesma dignidade a esse resentimento injustificado. As populações coloniaes sobre que se exercia o poder metropolitano eram oriundas das metropoles suseranas. A soberania abrangia-as com legitimidade, como parte integrante do imperium submetida á sua jurisdição.*

Armario de mogno, em estylo Imperio, com applicações em bronze cinzelado, dourado a fogo. Apparentemente de fabricação ingleza. Pertenceu á sala de musica do paço da Boa Vista. Exemplar da mais rara belleza pela pureza classica do estylo e pelo seu valor historico. Sobre os capiteis das columnas, as armas do Reino Unido de Portugal e Brasil, reproduzidas tambem nos puxadores de bronze das gavetas. (1815 - 1822).

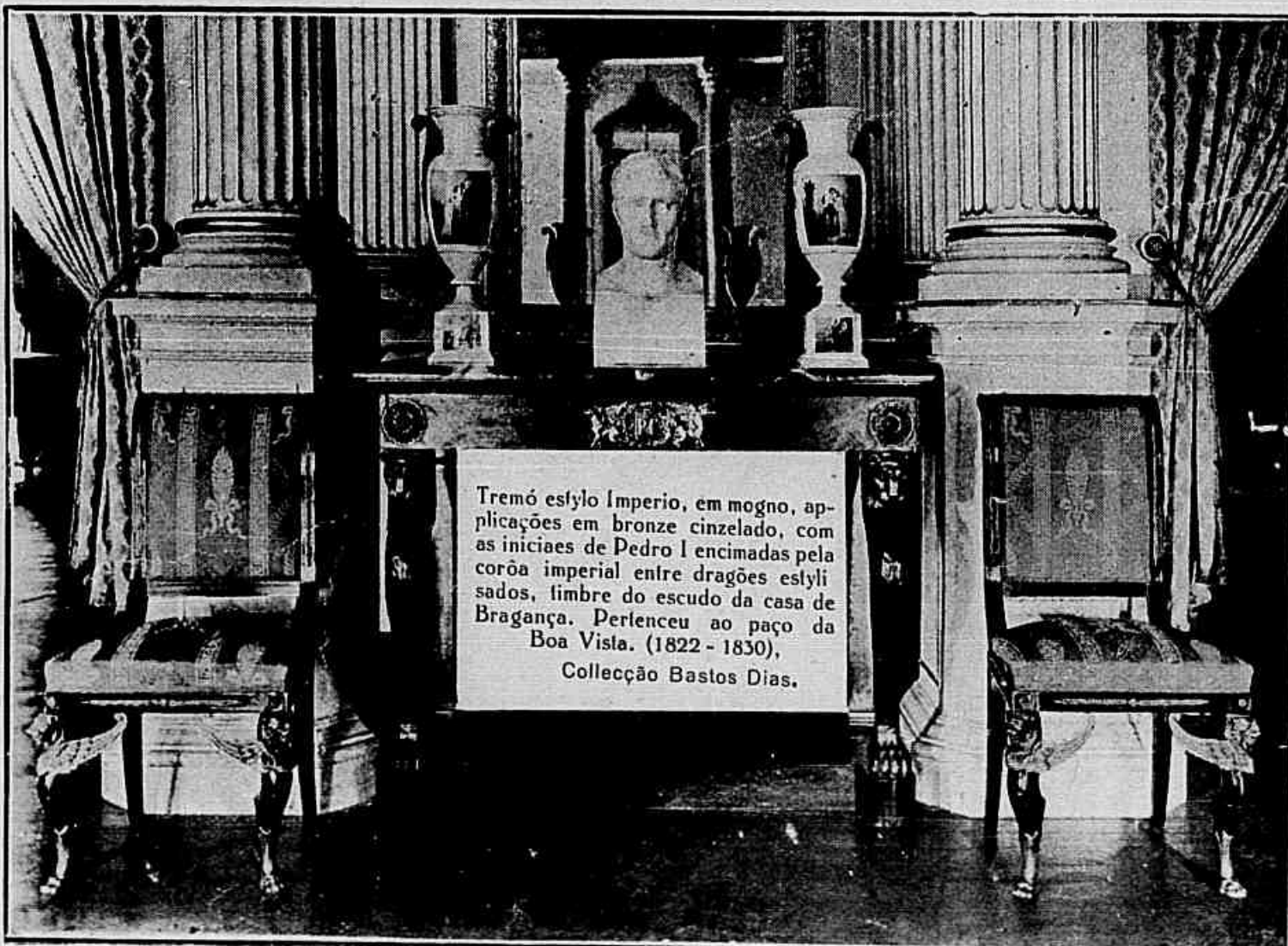
Collecção Bastos Dias.

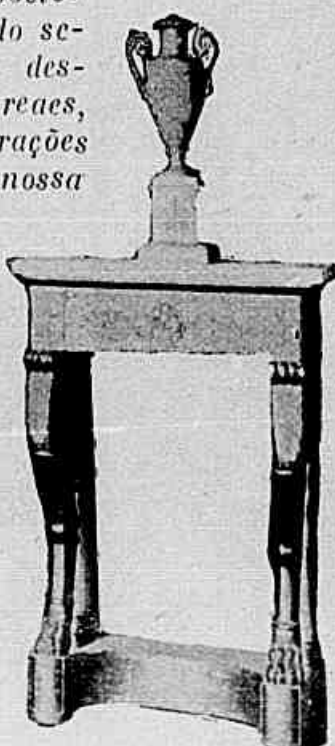
*No dia em que a accumulação dos elementos nativos preponderou, as colonias americanas emanciparam-se e foram nações tão autonomas e soberanas como as mães que as tinham gerado. Porem a emancipação, nas familias como nas nações, não implica a abolição dos laços ancestraes. A autonomia não eliminou das nações européas para com Roma e das nações americanas para com a Inglaterra, a Hespanha e Portugal as influencias indestructiveis de que se tornaram as beneficiarias. A' distancia de dezesete seculos da sua emancipação, as nacionalidades da Europa central e occidental ainda se proclamam as filhas da civilização romana, como hoje a Argentina e o Chile, leaders dos povos hispanicos do continente, saudam na Hespanha a Madre Patria, sem sacrificio da altiva consciencia da sua soberania e sem que esse sentimento embarace a originalidade da sua evolução social e politica. E' certo que Francia, no seu delirio nativista, decretou que a lingua hespanhola passasse a chamar-se lingua paraguaya; mas a escola onde se educaram os dois Lopez não deixou adeptos e toda a familia hispanica americana venera contemporaneamente na lingua castelhana o seu foral de nobreza, não obstante as modalidades prosodicas por que passou o idioma na sua transplantação transoceanica.*

*A exposição retrospectiva do Club dos Diarios, promovida por uma commissão em que se acham representados o Archivo Nacional, o Instituto Historico e Geographico e o Museu Paulista, constitue o mais eloquente attestado da independencia em que coexistem o culto do passado e a integral autonomia das idéas e das forças propulsoras da actualidade. Esta exposição celebra um acontecimento official que refez a continuidade historica do Brasil, reintegrando a nacionalidade no realidade da sua evolução. Não é o regimen imperial que a Republica restaura com a revogação do banimento e a transladação dos despojos do Imperador e da Imperatriz, mas a propria historia da Patria. O Imperio cumpriu a sua missão, como anteriormente a cumprira a Metropole. Para esta chegará tambem o dia da Justiça, que já raiou para a Hespanha no culto das suas altivas e gratas filhas americanas. Cada vez mais, os vivos são governados pelos mortos. O presente não é mais do que uma herança do passado, acrescida pelos juros accumulados do labôr humano ininterrupto. Estes retratos de reis, de principes e de estadistas, estas reliquias sumptuarias da sociedade brasileira do seculo XIX, estes despojos de palacios reaes, este espolio das gerações que precederam a nossa certificam-nos que a existencia nacional se prolonga brilhantemente no passado e não é uma improvisação sem base, ameaçada de desmoronar-se por falta de alicerces. Percorrendo as salas do Club dos Diarios dir-se-hia que caminhamos pelas paginas da Historia, á vista dos antepassados, que parecem fitar-nos com o olhar immovel*

Mesa do mais puro estylo Imperio, notavel pela belleza das figuras de bronze dourado a fogo, que supportam o tampo de acajou e marmore. Ao centro, entre a tripode, uma urna de bronze rodeada de tres esphinges. Possivelmente da mesma proveniencia da pequena console da 1.ª gravura.

Collecção Bastos Dias.

Sobre a mesa, peça de bronze cinzelado, estylo Imperio, primitivamente uma floreira ou fructeira, a que foram adaptados braços em zinco, para velas, que a converteram num candelabro.

Collecção dos herdeiros do pintor Aurelio de Figueiredo.

Tremó estylo Imperio, em mogno, applicações em bronze cinzelado, com as iniciaes de Pedro I encimadas pela corôa imperial entre dragões estylisados, timbre do escudo da casa de Bragança. Pertenceu ao paço da Boa Vista. (1822 - 1830).

Collecção Bastos Dias.

Pequena «console», estylo Imperio, de mogno, com ornatos de bronze cinzelado e as iniciaes da Imperatriz Maria Amelia e de Pedro I. Proveniente do paço da Boa Vista.

Collecção J. C. Velloso.

dos quadros e das estatuas. Sahimos destas salas com um mais consciente orgulho do que somos, mais instruidos sobre o que fomos, mais convencidos do que seremos.

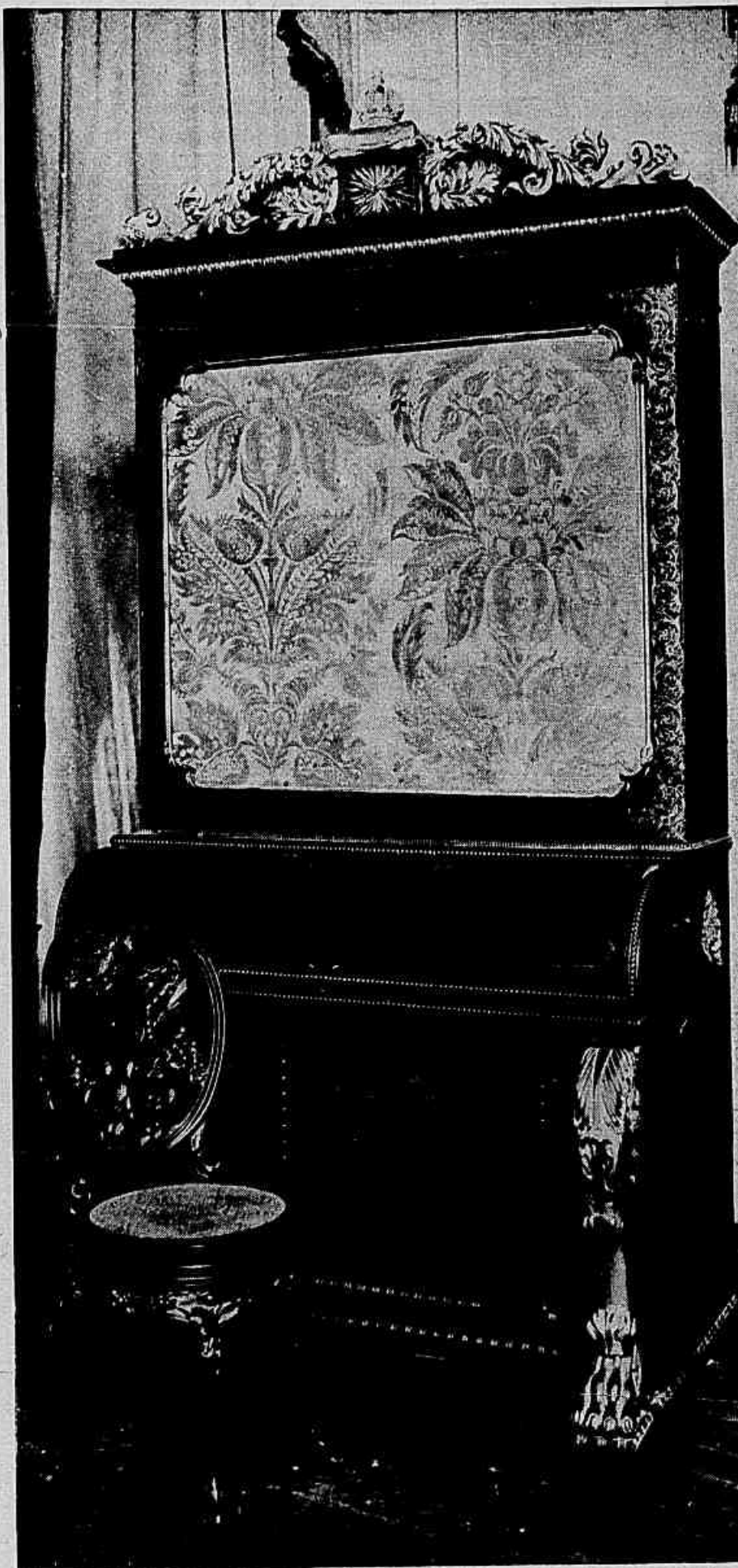
Aquelles grandes mortos, que alli se cultuam, não intervirão nos nossos mesquinhos conflictos e nas nossas desavenças, mas as suas sombras conversam com os que sabem pensar. Aquelles espectros fallam-nos das injustiças que soffreram e, encarando o nobre semblante de José Bonifacio de Andrada e de Pedro II, a meditação energica do retrato de Feijó, as feições de auctoridade aristocratica de Caxias, a candura maternal do rosto da Imperatriz, a bonhomia tão brasileira de D. João VI, a marcialidade tão portugueza do impulsivo Pedro I, a nobreza physionomica das principaes figuras da nossa galeria politica, desses cultos humanistas que no parlamento souberam entrelaçar á eloquencia o brilho da cultura classica— não é possivel ser indifferente á lição moral que dessas imagens recebemos.

Poltrona de mogno, estylo Imperio, com ornatos de bronze cinzelado, dourado a fogo. Proveniente do Paço da Boa Vista

Collecção Bastos Dias

E' por entre essas gloriosas reliquias e esses gloriosos espectros, evocadores de um seculo de Historia, que conduziremos os leitores da Revista da Semana nesta serie de artigos dedicados á Exposição Retrospectiva dos Tres Reinados.

Infelizmente, não encontramos nos salões do Club dos Diarios senão um pallido reflexo da côrte brasileira de D. João VI. As pompas da côrte improvisada do primeiro reinado não deixaram vestigios senão na obra dos memorialistas e dos historiadores. Os mais sumptuosos adornos do Paço da Cidade, como as tapeçarias e as baixellas, regressaram aos palacios da Ajuda, da Bemposta, de Mafra e de Queluz. Aqui ficaram os coches de gala, vandalicamente destruidos, e a bibliotheca de Diogo Barbosa. No mobiliario que nos legou o Imperio, os exemplares mais antigos remontam á epoca napoleonica, são acquisições feitas em Londres e Paris, mas que se harmonisam por isso mesmo, chronologicamente, ao estylo contemporaneo do reinado brasileiro de D. João VI. O estylo classico, adaptado ás artes decorativas pela Revolução Franceza, evoluiu atravéz do Directorio, do Consulado e do Imperio, prolongado ainda nos reinados de Luiz XVIII e Carlos X, quando de todo se abastardou. Paris, mesmo no delirio revolucionario, conservou o sceptro da Moda. As rainhas de todas as côrtes da Europa vestiram-se como Josephina— embora com menos bom gosto — e se os reis não se vestiram como Napoleão é porque só o genio das batalhas podia envergar aquella libré da Gloria, ineditamente singella, para destacar entre os uniformes sumptuosos dos marechaes. Todas as fidalgas do sequito de Maria I e de Carlota Joaquina desembarcaram no Rio de Janeiro com as tunicas, os peplums, os decotes, os turbantes e as toucas decretadas pela moda das Tulherias. No mobiliario, porém, a influencia do estylo inglez— que simplificára a rocaille D. João V,-oriunda de Versailles — não fôra ainda desthronada

Poltrona com espaldar e braços de talha dourada, do fim do seculo XVIII. Possivelmente do antigo mobiliario do Paço da Cidade, no tempo de D. João VI. Proveniente da sala do Conselho de Estado, no mesmo Paço

Piano com caixa de Boule e ornatos em bronze cinzelado e dourado a fogo, com as armas do Brasil-Reino. Pertenceu á Imperatriz Leopoldina.

Collecção dos herdeiros do pintor Aurelio de Figueiredo, genro do Barão de Capanema

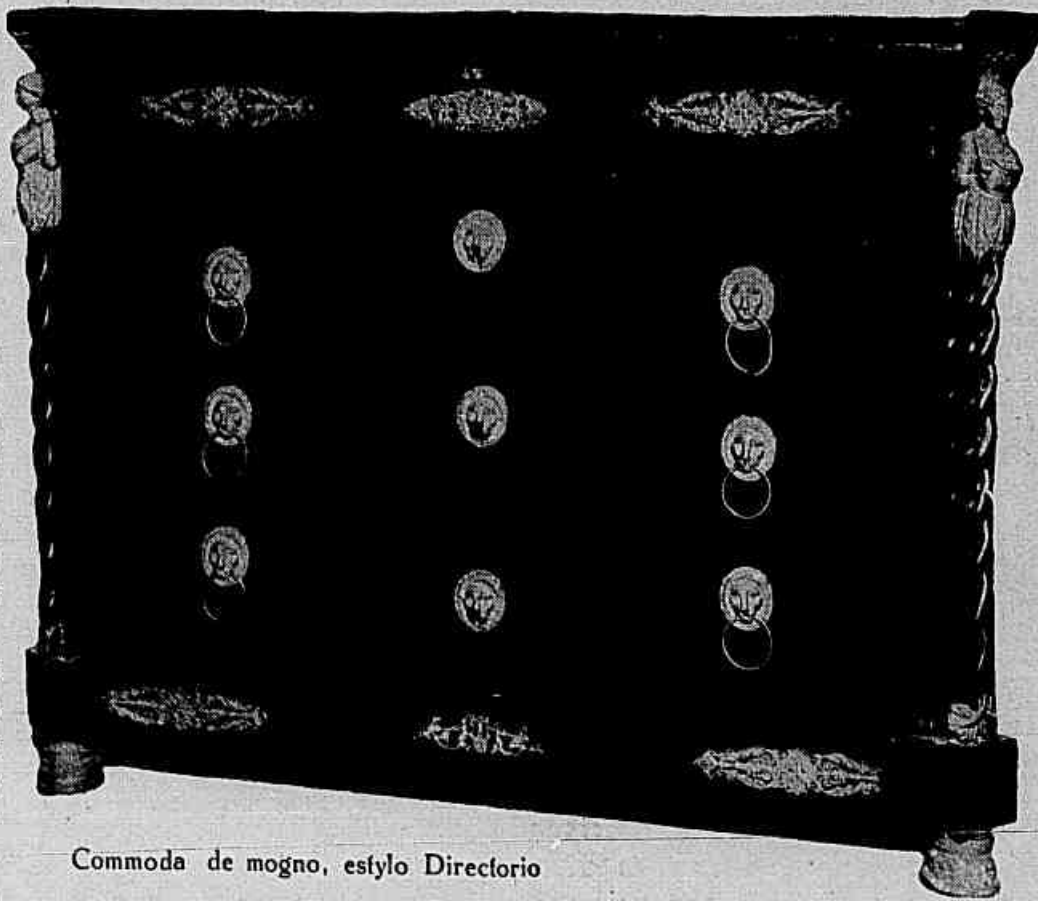
na decoração é na arte produzindo os especimes que erroneamente se denominaram de estylo D. João VI (que nunca existiu) e que se filiam no estylo anglo-luso do tempo de D. Maria I. O apparecimento dos moveis Imperio nos salões do Paço da Cidade, do palacio da Bôa Vista e da fazenda de Santa Cruz data da queda de Napoleão. Os magnificos tremós com as iniciaes de Pedro I, hoje na collecção preciosissima do sr. Bastos Dias, são contemporaneos da Independencia. Pouco anterior é o piano, com caixa de Boule da collecção da herdeira do pintor Aurelio de Figueiredo, e que pertenceu á Imperatriz Leopoldina. Com a chegada ao Rio da Missão Artistica Franceza, corrigem-se os anachronismos de que ainda estava saturada a arte de decoração. O estylo Imperio é o estylo da moda, que vigorará até depois da abdicação de Pedro I. A elle pertencem os mais bellos e puros exemplares do mobiliario exposto, como o precioso armario da collecção Bastos Dias, com as armas do Reino Unido cinzeladas nos puxadores de bronze das gavetas e no entablamento superior dos capiteis das columnas. Este mesmo armario apparece no desenho de Taunay, que reproduz a sala de estudos do Imperador e das Princezas em 1834, e que pelos motivos ornamentaes se deduz haver pertencido ao mobiliario da sala de musica do paço da Boa Vista. Com uma lucida intelligencia, os benemeritos organizadores da Exposição de Arte e Historia dos tres Reinados, cuja alma activa e emprehendedora é o sr. João Rego Barros, reuniram no salão de entrada as principaes peças de mobiliario Imperio. O estylo é uma certidão de edade. Esses accessorios da vida domestica das primeiras decadas do seculo XIX reconstituem o ambiente da vida brasileira do tempo da Independencia. Bastaria juntar-lhes, como decoração mural, os desenhos e pinturas de Debret e Taunay, para se organizar uma sala de museu, technica e artisticamente modelar.

Esse grande Museu Historico, abrangendo os quatro seculos da existencia historica da nacionalidade, e creado desde 1883, annexo ao Archivo Nacional, só espera do apoio official e da cooperação particular o incremento indispensavel para se tornar numa realidade — mas já antecipadamente o podemos visionar neste emprehendimento da iniciativa particular.

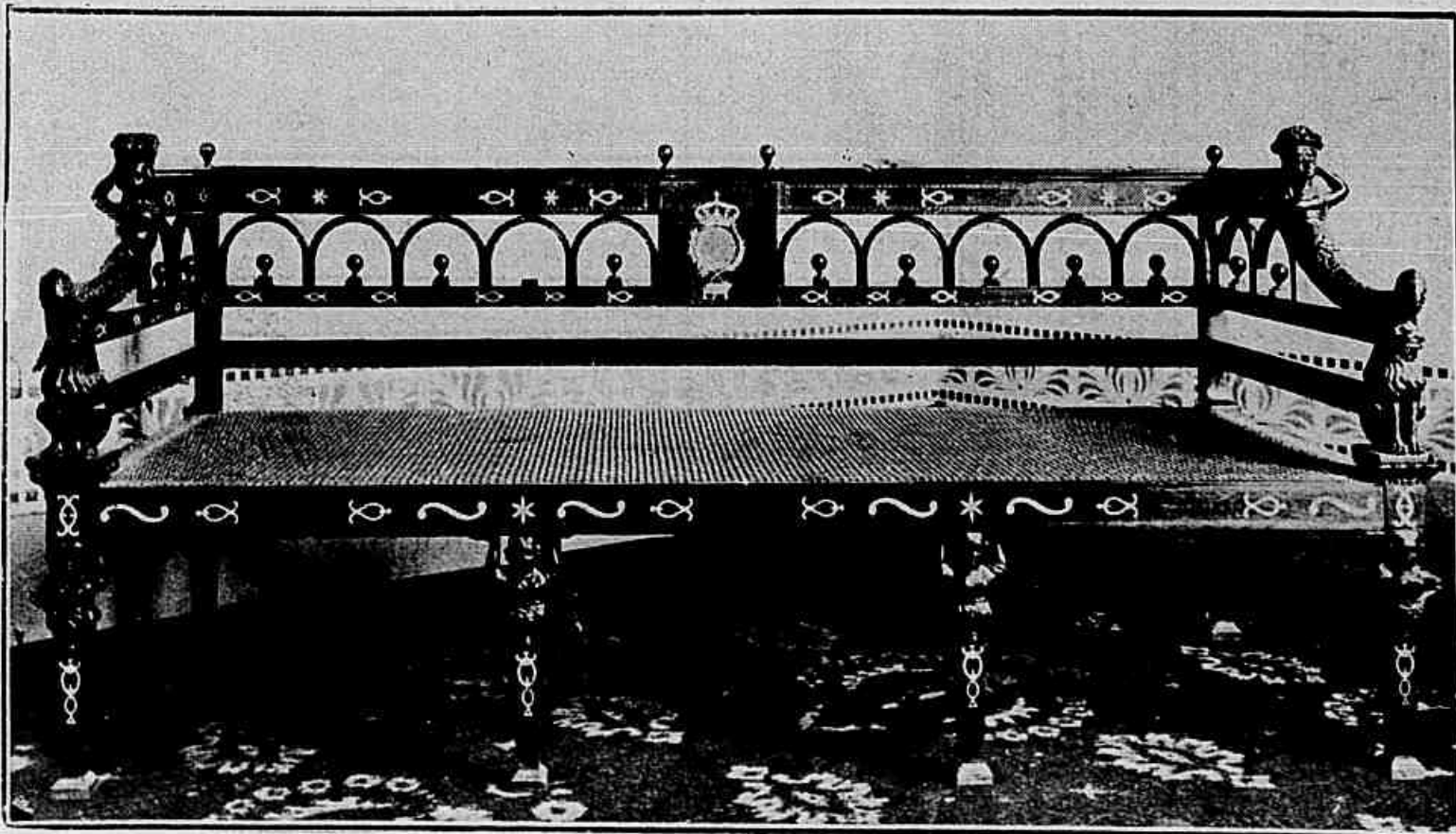
Tamborete de mogno, estylo Imperio. Proveniente, com as restantes peças da mesma mobilia, do Paço da Boa Vista

Collecção Bastos Dias

Os salões do Club dos Diarios converteram-se num templo, onde deve entrar-se com respeito e de onde se sahirá com mais consciente orgulho de cidadão.

Propõe-se a Revista da Semana a dedicar a este grande emprehendimento de arte uma série de artigos em que ficarão registados e descriptos os principaes objectos expostos. Tentaremos, assim, um esboço do inventario artistico nacional, que abrangerá mais tarde o Museu Historico, do Rio de Janeiro, e o Museu Paulista. Os thesouros de arte em posse da Egreja— de onde teem sido desviados tantos objectos preciosos — serão assumpto de outra série de estudos, comprehendendo as esculpturas da escola mineira do Aleijadinho, a ourivesaria sacra, as esculpturas de Manuel Ignacio da Costa, de Felix Pereira, de Bento Sabino dos Reis, as pinturas de José Joaquim da Rocha, fundador da Escola da Bahia, de Souza Coutinho, auctor da Coroação de D. João VI, de José Theophilo de Jesus, discipulo de Pedro Alexandrino e Vieira Lusitano, de Franco Velasco e Gomes Tourinho, e as obras dos entalhadores Moitinho, Roque e Pereira de Mattos. A arte é a mais elucidativa interpretação do passado— e vale a pena investigar se elle merece a antipathia desdenhosa com que o estão tratando os demolidores da tradição.

Commoda de mogno, estylo Directorio

Collecção Rego Barros

O Brasil, muito ao contrario do que se procura fazer crêr, é, entre todas as nações do continente, aquella que possue um patrimonio historico de maior realce. O sr. Oliveira Vianna, na obra admiravel de sagacidade analytica, verdadeira obra-prima de methodização scientifica da sociologia historica, dedicada ao estudo das Populações Meridionaes do Brasil, resuscitou com um realismo palpitante os aspectos de civilisação avançada de que se revestiu a vida nacional desde as ultimas decadas do seculo XVII. A exposição do Club dos Diarios documenta um periodo desse passado, que é um titulo de gloria e de honra.

Canapé de téca, com embutidos de marfim. Obra da India Portugueza. Ao centro o escudo de armas de Portugal, do tempo de D. João VI. Proveniente do paço da Boa Vista.

Collecção J. C. Velloso

# NOTICIAS E COMMENTARIOS

RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1921

## A "Revista da Semana" aos seus leitores

*A obra dos homens, como o homem, evolue e transforma-se. A essa lei de transformação permanente obedecem as alterações consideraveis por que passa a* Revista da Semana *no presente numero, primeiro de um novo periodo na existencia da decana das actuaes publicações illustradas brasileiras.*

*As grandes metamorphoses provocadas pela convulsão do velho mundo não se limitaram á politica: invadiram a economia, influiram sobre a moral, crearam condições de tal modo diversos á existencia das sociedades humanas, que bem pode dizer-se que a humanidade começou vivendo uma nova vida, guiada por novos e ainda indecisos ideaes.*

*Parecerá, á primeira vista, que a esphera de acção das Revistas illustradas permaneceu, entre nós, demasiado restricta para que possa invocar-se, sem redundancia, a influencia de todos aquelles agentes transformadores. Porém o contrario succede. Circulando por todo o Brasil, com leitores disseminados por todos os Estados, dispondo de uma tiragem superior á da maioria das folhas diarias, constituindo um incomparavel vehiculo de opiniões e de informações, que se espalham e insinuam semanalmente pelo vasto territorio da Republica, á* Revista da Semana *faltavam apenas as condições com que a dotamos presentemente para exercer a funcção de coordenadora e transmissora de uma synopse hebdomadaria dos successos da vida brasileira no momento em que a sua evolução se apresenta animada de novas e propulsoras energias.*

*Se um Jornal ou uma Revista é um instrumento de aferição do progresso de um povo, ninguem poderá explicar que ao progresso vertiginoso do Brasil, ás transformações que nelle se operaram, á ascendencia que elle adquiriu no mundo correspondesse uma publicação paralysada em moldes antiquados, submettida a um programma anachronico, subtrahida á lei geral da evolução.*

*Neste periodo de vinte annos, que conta de existencia a* Revista da Semana, *o Rio de Janeiro alterou-se profundamente nos aspectos e nos habitos, acompanhando, senão precedendo, como leader da civilisação, os progressos de todo o Brasil. O commercio, a industria e a agricultura desenvolveram-se em proporções grandiosas. Novas fontes de receita jorraram na cornucopia da opulencia nacional. Levando a sua bandeira de Liberdade á contenda européa, hasteando-a na Liga das Nações, o Brasil conquistou uma posição de destaque no mundo, que lhe permittiu progredir na obra de propaganda universal da sua cultura e da sua civilisação, propulsionado pela politica de Rio Branco e pelo apparecimento sensacional de Ruy Barbosa na conferencia da Haya.*

*A* Revista da Semana *está, agora, em condições de servir melhor os seus leitores, de lhes proporcionar maiores atractivos, uma informação mais completa, um texto mais variado, uma illustração mais abundante, cumprindo com outro desafogo e efficacia um programma que abrangerá progressivamente a ampla esphera educativa e instructiva que em toda parte foi atribuida á imprensa illustrada.*

*Reformando-se e renovando-se, a* Revista da Semana *conserva os seus sentimentos de respeito por todas as forças e prestigios tradicionaes, cultuados neste numero, considerando que a Patria não existe apenas no espaço, mas tambem se prolonga no tempo.*

*O primeiro e indeclinavel dever de um orgão da imprensa, na ordem moral, é o culto reverente da Patria. O patriotismo da* Revista da Semana *não se exprimirá com clamores e ameaças; não será um patriotismo truculento. Não se ama o que se teme. Queremos o Brasil mais amado do que temido. Não o mostraremos armado de raios, mas acolhedor e tolerante, apoiado á espada da Justiça, não á espada da Guerra; uma nação coroada de estrellas, não de coriscos; fallando pela voz harmoniosa do seu hymno, não pela voz assustadora do trovão.*

*A* Revista da Semana *afastará das suas paginas o echo das dissenções politicas, as luctas de partidos e de personalidades, o alarido das polemicas e das altercações. Professaremos a unica politica do Patriotismo, que paira acima das paixões cegas e dos interesses ferozes.*

*Do vocabulario da* Revista da Semana *serão, como até agora, eliminadas todas as expressões que servem á offensa, á injuria e á calumnia. Não serão as suas columnas invadidas pelo odio, a inveja e a intolerancia. Não queremos castigar o erro, mas exaltar a virtude. A todas as acções nobres e elevadas dispensaremos o incondicional louvor. Nenhuma acção má aqui encontrará estimulo. Não concorreremos para dilatar a publicidade do crime e para viciar o leitor na depravação do escandalo. Queremos ser lidos com sympathia e agrado.*

*Pretendemos que a* Revista da Semana *possa entrar sem prevenção nos lares os mais puros. Não temos outros interesses particulares a defender que não sejam os da nossa honra profissional. Uma Revista que não tem relações com o escandalo, com o crime, com o odio, com a inveja corre o risco de ser insipida? Esforçar-nos-hemos por tornar atrahentes a honestidade, a polidez, a benevolencia e o bom senso. Preferiremos não ser sensacionaes a ser escandalosos.*

*Dentro d'este programma alimentamos a esperança de que progrediremos na confiança e na sympathia dos nossos leitores, e que saberemos harmonisal-o com as condições de interesse palpitante e permanente que constituem o penhor mais seguro do exito para uma publicação no genero da* Revista da Semana.

«Um dia, como eu houvesse pedido a Victor Hugo algumas palavras em prol dos escravos, o Immortal escreveu: «O Brasil tem um Imperador, e este é mais que um soberano, é um homem». Meu espirito republicano reflectiu e eu concordei com o Genio».

*José do Patrocinio*

## O Largo do Paço, actual praça General Osorio, e o caes Pharoux, ao tempo do nascimento de Pedro II

(Desenho de Debret).

## O Brasil na Suecia

A baroneza Palmstierna, esposa do ministro dos Negocios Estrangeiros da Suecia, e o ministro do Brasil Dr. Almeida - Brandão.

Na excursão offerecida pelo Governo Sueco aos Ministros Estrangeiros afim de visitarem os principaes centros industriaes, offereceram os Barões Palmstierna um chá na sua residencia de Rætvik, provincia de Dalecarlia, a mais pittoresca da Suecia.

## A carta de despedida de Pedro I, dirigida a Pedro II, seu filho

«Meu querido filho e meu Imperador — Muito lhe agradeço a carta que me escreveu. Eu mal a pude ler porque as lagrimas eram tantas que me impediam de a ver; agora que me acho, apesar de tudo, um pouco mais descançado, faço esta para lhe agradecer a sua, e para certificar-lhe que em quanto vida tiver as saudades jamais se extinguirão em meu dilacerado coração.

«Deixar filhos, patria e amigos, não pode haver maior sacrificio; mas levar a honra illibada, não pode haver maior gloria. Lembre-se sempre de seu pae, ame a sua e a minha patria, siga os conselhos que lhe derem aquelles que cuidarem na sua educação, e conte que o mundo o ha de admirar, e que me hei de encher de ufania por ter um filho digno da patria. Eu me retiro para a Europa: assim é necessario para que o Brasil socegue, o que Deus permita, e possa para o futuro chegar áquelle gráu de prosperidade de que é capaz. Adeus meu amado filho, receba a benção de seu pae que se retira saudoso e sem mais esperança de o ver».

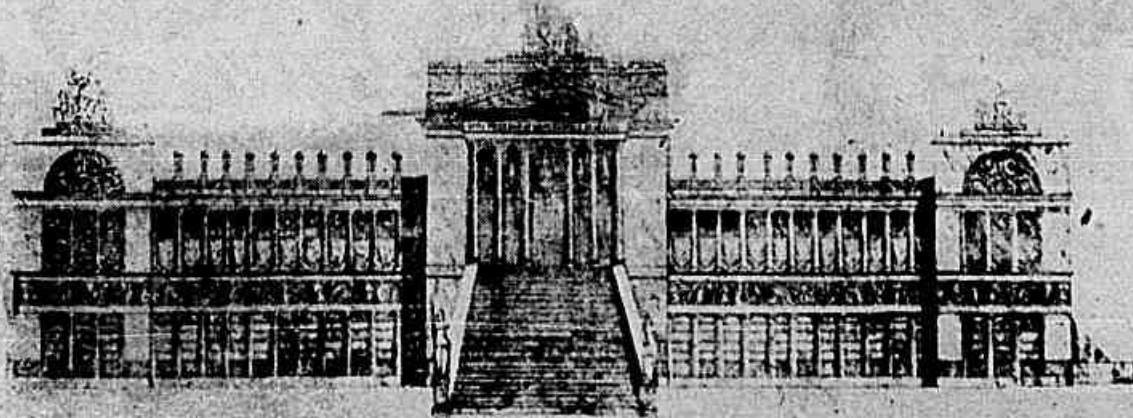
Bordo da Náu Warspite, 12 de Abril de 1831

*D. Pedro de Alcantara.*

## O Rio de Janeiro na epoca da coroação de Pedro II

Anno XVI. Terça feira 20 de julho de 1841. N.º 182.

JORNAL DO COMMERCIO.

O IMPERADOR D. PEDRO II. NO DIA DE SUA COROAÇÃO E SAGRAÇÃO

VARANDA DA COROAÇÃO

O «Jornal do Commercio» de 20 de Julho de 1841

*Offerece bem curiosa e edificante leitura o numero do decano da imprensa brasileira em que se descrevem as ceremonias da coroação e sagração do Imperador Pedro II. Elle constitue um complexo e vivo documento dessa epoca remota, da qual de certo não existem testemunhas capazes de contar o que viram.*

*Trata-se de um numero extraordinario do* Jornal do Commercio *que foi vendido, avulso, a 320 réis (uma pataca). O papel custava então muito menos do que hoje; da mão de obra, nem é preciso fallar; e a materia desse numero caberia, á larga, em duas paginas do actual* Jornal do Commercio, *que custa 200 réis, com vinte*

trinta e mais paginas, de texto compacto.

Essa differença accusa naturalmente os progressos que se realizaram no campo typographico e que assim permittiram ás emprezas jornalisticas dar muito mais por menor preço; mas tambem de certo significa alguma coisa o facto de—numa epoca assim como a actual em que tudo encarece enormemente, todos os artigos ou objectos de necessidade dobraram, triplicaram de valor no mercado — só os jornaes não poderem tornar-se um bocadinho mais caros...

Dessa edição de 20 de Julho de 1841 fez-se uma tiragem especial, impressa a ouro, para ser vendida a 2$000 réis o exemplar.

No theatro de S. Francisco, representou-se, nessa noite, o Othello, de Shakespeare, rematando o espectaculo «huma das melhores farças»; e no théatre Français, Salle S. Januario, o espectaculo (20me. representation du troisiéme trimestre) compunha-se das peças Les Malheurs d'un amant heureux, les Deux Ménages e la Visite a Bedlan, ao todo seis actos. Não havia, pelos modos, outros theatros funccionando no Rio de Janeiro. Não deixa, porém, de causar certa melancolia — passar os olhos pelos annuncios dos nossos theatros de hoje e pensar que, naquelle tempo, uma companhia brasileira representava habitualmente Shakespeare e os classicos...

Na secção dos annuncios, destaca-se o de Mme. Augusta Lenoir, «modista de Paris, muito conhecida pelo bom gosto e perfeição dos seus chapéos, toucas, berés, turbantes, vestidos para baile e tudo o mais que pertence ao ornato de uma senhora». Mme. Lenoir communicava ao respeitavel publico da Côrte que tinha á sua disposição — o estabelecimento ficava na rua da Ajuda — um novo sortimento de vestidos e chapéos de Paris «muito ricos». Como se vê, a Cidade-Luz era já então a fornecedora do luxo e das elegancias com que se adornavam as cariocas. E aquella Mme. Lenoir foi talvez a primeira «andorinha» — andorinha que, a julgar pelo numero das suas imitadoras, fez verão.

Na mesma columna, annunciava-se o «Superior Rapé Princeza do Rio de Janeiro, com pouca differença do de Lisboa». Hoje, qualquer annunciante diria «muito superior». A ultima novidade literaria era o «romance poema» D. Sebastião, o Encantado que se vendia na casa J. Villeneuve & Comp., por 1$280 reis (quatro patacas). Tinha sahido á luz o 3º. numero, Anno V, do Museu Universal, em cujo attrahente summario figuravam as Aventuras dum Charlatão, uma secção de charadas, o Romanceiro do Candido; *havia illustrações: «huma valsa escripta com figuras humanas» e «huma machina de guerra imaginada por Roberto Valturio».* O Museu Universal *era o* Eu sei tudo *da epoca. Entre as folhinhas annunciadas, salienta-se a que tem por titulo* A mulher do Simplicio *e que, «depois de huma variedade de noticias apreciaveis, tem, entre outros, estes versos:»*

De Pedro a coroação,
Tão brilhante e tão faustosa,
Assignale aos Brasileiros
Huma data venturosa.

Este grande enthusiasmo,
Este prazer tão ridente,
Mostram que todo o Brasil
Com Pedro exulta contente.

Ao commercio, em maior parte,
Se deve tanto fervor,
Da coroação he elle
Que faz do throno esplendor.

*Porem a nota mais expressiva da sociedade de então, e que tão singularmente documenta os escrupulos da imprensa, é a rectificação do tratamento de Senhoria, que por equivoco se deu no* Jornal *ao procurador da Corôa, a quem de direito competia o tratamento de Excellencia... Oh, os meticulosos e polidos jornaes de 1841!*

*A descripção da Varanda Imperial da Coroação occupa quasi duas columnas em corpo 6 do* Jornal. *Na noticia se lê que «este monumento provisorio, com 14.000 palmos quadrados, differe em tudo daquelle que foi construido para a sagração do Imperador D. João VI em 1817: quadrupla mão d'obra, triplice riquesa, brevidade na execução e a quarta parte do custo provão que a civilisação no Brasil tem feito grandes progressos». Os quadros lateraes da galeria Amazonas representavam «os dois maiores factos da independencia do Brasil: o grito do Ypiranga, composto pelo architecto Araujo Porto-Alegre e executado pelo sr. Reis Carvalho e Motta; e o 9 de Janeiro, do pincel de Porto-Alegre. Na galeria do Prata figuravam Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brasil; o guerreiro e politico fluminense Salvador Corrêa de Sá; Gusmão, o inventor dos balões aerostaticos; Alexandre de Gusmão, ministro de D. João V; Amador Bueno; o poeta Gonzaga; Hyppolito, o redactor do Correio Brasiliense; José de Oliveira, «o maior dos pintores brasileiros, autor do tecto da Igreja de S. Francisco»; o Padre Antonio Vieira, e muitos outros heroes e homens celebres da nação.*

## O primeiro projecto da transladação dos despojos mortaes do Imperador

No momento em que, no dizer eloquente do sr. Ruy Barbosa, «*a Nação Brasileira vae receber nos braços os restos mortaes de D. Pedro II*», é de justiça recordar a tentativa que, na sessão do Senado de 7 de Julho de 1906, fez para a realização do mesmo objectivo o senador Coelho Lisboa, que a morte arrebatou antes do dia da reparação que pretendera antecipar de quatorze annos.

Senador Coelho Lisboa

Era assim redigido o projecto de lei defendido pelo illustre republicano historico:

O Congresso Nacional decreta:

*Art.* 1.º Fica o Governo Federal autorizado a mandar a Lisboa um navio de guerra para transladar para o Rio de Janeiro os corpos de D. Pedro d'Alcantara e de D. Thereza Christina, ex-imperadores do Brasil, entendendo-se para tal fim com quem de direito.

*Art.* 2.º Fica o Governo egualmente autorizado para mandar construir um Pantheon, onde sejam depositados, 25 annos *post mortem*, os restos mortaes dos homens illustres do Brazil.

*Art.* 3.º Para a execução desta lei fica o Presidente da Republica autorizado a fazer as necessarias operações de credito.

*Art.* 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 7 de Julho de 1906. — *Coelho Lisboa. — C. Barata Ribeiro. — Alvaro Machado. — Pires Ferreira. — J. Catunda. — J. Joaquim de Souza. — Raymundo Arthur. — Belford Vieira. — Oliveira Figueiredo. — Alfredo Ellis. — Braz Abrantes. — Siqueira Lima. — Ferreira Chaves. — J. L. Coelho Campos. — Virgilio Damasio.*

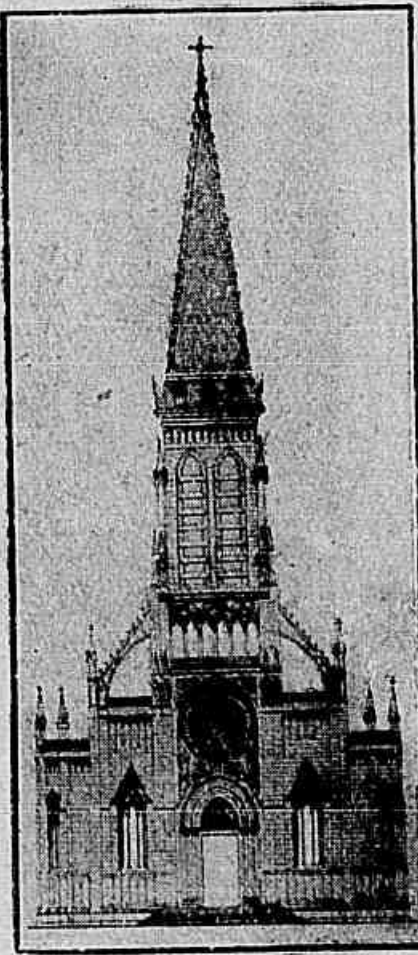
Por uma coincidencia singular, é um estadista parahybano que, collocado na Presidencia da Republica, renova em mensagem ao Congresso os votos que o senador da Parahyba, treze annos antes, formulara no discurso em que defendeu o seu projecto de lei, pelo qual eram conferidos ao governo os precisos poderes para realizar a transladação dos despojos imperiaes. Desta vez, coube ao deputado sr. Francisco Valladares a iniciativa de interpretar num projecto de lei os votos da mensagem presidencial e a ventura de vel-o triumphar. Aliás, em 1906, como em 1920, o sentimento popular sanccionou a generosa iniciativa do senador Coelho Lisboa, mas essas manifestações não commoveram os embaixadores dos Estados. A commissão de legislação e justiça do Senado, num parecer assignado pelos srs. Antonio Azeredo e Sá Peixoto, fulminou o projecto, allegando que D. Pedro II fôra desterrado... porque, desistindo do auxilio concedido pelo governo provisorio e julgando-se com direito á sua dotação annual, demonstrou não reconhecer a legitimidade do movimento nacional de 15 de Novembro... O parecer considerava desnecessaria qualquer resolução legislativa sobre a transladação, por falta de lei que a prohibisse, nem haver desterro para cadaveres... Nesses termos, a remoção competia á familia, não tendo o governo jurisdição para nella intervir, tanto mais que não seria talvez possivel realizar-se a transladação sem respeitar os direitos que á familia assistiam de acompanhar os restos mortaes do Imperador e da Imperatriz...

Não ha como um dia depois do outro.

## Onde descansarão na eterna paz os restos mortaes de Pedro II e Thereza Christina

Abside da cathedral de Petropolis, onde ficarão depositados os restos mortaes do Imperador e da Imperatriz.

Foi no mez de Abril de 1883 que se constituiu, sob o alto patrocinio da Familia Imperial, uma commissão que emprehendeu a construcção de um majestoso templo, que seria a Cathedral da cidade de Petropolis. A commissão era presidida pelo Barão do Cattete. O Imperador e a Imperatriz abriram a subscripção com os donativos de cem e cincoenta contos, respectivamente. A planta do templo era do engenheiro architecto Caminhoá. Iniciadas em Maio de 1883, as grandiosas obras pararam no fim de 1892, tendo-se despendido até essa data cerca de 450 contos. Recomeçaram em 1899, paralysando-se, de novo, em 1901, para proseguirem agora com mais acceleramento, esperando-se que, dentro de quatro annos, a cathedral possa ser entregue ao culto.

E' nesse majestoso templo que por desejo expresso dos sobreviventes da Familia Imperial serão depositados mais tarde os ataudes de Pedro II e da sua augusta consorte, guardados num monumento tumular que será construido a expensas da sra. Baroneza de S. Joaquim.

Projecto de fachada da cathedral em construcção.

## Os theatros do Rio em 1830

*Um official allemão, que viveu no Rio de Janeiro durante o reinado de Pedro I, assim descreve com pittoresco realce a infancia do nosso theatro:*

*«Entre as casas de diversões destaca-se o theatro de* Dom Pedro de Alcantara, *na praça da Constituição, que foi construido, attendendo aos rigores do clima quente, com respiradoiros de todos os lados, com a forma cylindrica e metro e meio de diametro. E' de muito gosto o interior do theatro, rivalisando o camarote imperial em elegancia e magnificencia com os melhores camarotes principescos da Allemanha. As decorações e machinismos ainda estão na infancia, sendo a orchestra muito pobre. O repertorio é bastante reduzido, quasi que unicamente constando de operas que se repetem constantemente. Ha alguns bons cantores e dansarinos, entre os quaes se destaca um castrado italiano pela sua voz verdadeiramente digna de admiração. Ha sempre bailados nos theatros, executados com uma maestria merecedora dos maiores elogios. A arte verdadeira e grande e o verdadeiro artista encontrariam aqui sómente um circulo muito limitado de conhecedores. Agradam somente as peças ligeiras e apparatosas, que deslumbrem a vista. As de molde elevado e profundo, que prendem o coração e a cabeça ao mesmo tempo, proporcionando aos iniciados os maiores gosos, não encontrariam acceitação. Os caracteres vigorosos de Hamlet e Wallenstein appareceriam em scena sem obter applausos. Cousas ligeiras, todavia, simulacros de operas, acompanhados por artificios theatraes, fazem furor.*

*«Existe o* Theatro Fluminense, *situado na rua do Valongo, e um terceiro na Villa Real da Praia Grande, no outro lado da bahia. Estas duas casas de diversões são bastante pequenas e o culto a Thalia bem pouco puro, indo-se ao theatro não para admirar as peças, porem antes para se cortejar as lindas espectadoras. O amor nelle instalou o seu throno, desbancando Thalia e Melpomene.*

*«O caracter nacional francez aqui tambem não se desmentiu. Mantem-se um* Théatre Français. *A rua do Ouvidor, onde moram quasi exclusivamente franceses, fornece o pessoal de scena. São actores e actrizes os caixeiros, contra-mestres e modistas. Grande Racine, se teu espirito immortal por aqui apparecesse, não reconhecerias as tuas obras-primas, de tal modo as estropiam!»*

## Pedro II e Victor Hugo

Uma das paginas de *Les carnets de Victor Hugo*, a que o academico Barthou dedicou um estudo publicado na *Revista dos Dois Mundos*, é consagrada á visita que, a 22 de Maio de 1877, fez ao auctor da *Nossa Senhora de Paris* o Imperador do Brasil.

A pagina do diario do poeta genial, reproduzida por Louis Barthou, é interessantissima, como vae vêr-se:

«Nove horas da manhã. Visita do Imperador do Brasil. Longa conversação. Nobilissimo espirito. S. M. viu sobre uma mesa *L'Art d'être grand-pere*. Offereci-lhe o exemplar e tomei da penna.

— «Que ides escrever?» — perguntou-me o Imperador. — «Dois nomes: o vosso e o meu» — respondi. — «Nada mais! Era precisamente o que ia solicitar-vos».

Escrevi: «*A D. Pedro de Alcantara, Victor Hugo*».

— «E a data?» — disse o Imperador.

Acrescentei então: «22 *de Maio de* 1877».

— «A que horas jantaes?» — perguntou-me o Imperador. Qualquer destes dias virei jantar comvosco, se me consentis».

Respondi:

— «No dia em que V. M. quizer.

A conversa alongou-se. Fallando dos reis e dos imperadores, elle dizia: «*os meus collegas*...» De uma vez, referiu-se aos «*seus direitos*», mas logo, como corrigindo-se, commentou: «*Mas eu não tenho direitos, apenas um poder, que me foi conferido pelo acaso do nascimento*».

Deixou-me ás 11 horas. Fallou-me sempre de um modo tão grave e elevado que, ao nos separarmos, eu lhe disse:

— «Sire, sois um grande cidadão».

Ao apresentar-lhe Jorge, eu dissera:

— «Sire, apresento meu neto a Vossa Majestade».

O Imperador disse á creança:

— «Meu filho, aqui ha só uma majestade: é Victor Hugo».

23 de Maio

Levei ao *Grand Hotel* a minha photographia, onde estão tambem Jorge e Joanna, e na qual escrevi esta dedicatoria: «*Áquelle que tem por antepassado Marco Aurelio*».

29 de Maio

Entrando em casa encontrei o imperador, que vinha jantar commigo. Estava acompanhado do Visconde do Bom Retiro, a quem me apresentou dizendo:

— «Trago-vos um amigo».

A' sobremesa brindei ao meu «hospede illustre». Elle respondeu ao meu brinde.

Retirou-se á 1 hora da noite».

## O casamento do cozinheiro da Legação do Brasil em Pekim

O cortejo nupcial passando na rua Hei Tsung Pu Kutung.

ULTIMOS MODELOS

N.º 1 — Vestido de *foulard capucine*; barras de setim preto e faixa do mesmo tecido.

N.º 2 — Tunica tendo a parte de cima plissada e a de baixo de renda, filó ou filet bordado e cinto de seda preta e saia do mesmo tecido.

## A moda actual

*Mais que nunca está em voga a robe-chemise desenhando apenas a cintura ou então descendo esta muito abaixo do seu lugar natural. Na moda actual, tudo se alonga; a cintura, as mangas, as saias, e infelizmente... tambem... as facturas. Porque a esperança da baixa dos preços com que se contava foi uma illusão e é preciso... ou transformar os vestidos do anno passado ou resignar-se a pagar muito caro os vestidos novos. A falar verdade, os do anno passado não estão muito fóra de moda, salvo porém os paniers 1830, as saias a vertugadin Luis XIII e o pouf 1880, que tentam renovar. Só os vestidos, que mostram uma ampleur muito visivel, serão do estylo Segundo Imperio, com a saia alargada, mas sem arco, por ruches ou fofos; berthes cobrem os hombros, as cinturas bem baixas. Estes vestidos, que ficarão exclusivamente o apanagio dos vestidos da noite, serão tanto mais interessantes quanto mais compridos forem; alguns entre elles chegam até o tornozelo e, depois da extrema curteza ao anno passado, elles darão ás moças que os puzerem uma apparencia de estarem phantasiadas com vestidos das suas tetaravós.*

*As riquezas passam, os rebanhos perecem, os amigos morrem, nós mesmos morremos. Uma só coisa não morre: é a lembrança de uma vida honesta.*

## O collar

*E' um dos ornamentos primitivos, a joia que se encontra mais geralmente nas estatuas antigas de todos os paizes. Nos tempos prehistoricos, homens e mulheres usavam no pescoço conchas, dentes de animaes ou de silex, perfurados, enfiados num cordão flexivel: mais tarde o collar de ambar foi considerado como um amuleto, tradição que se conservou até nós. Emfim, desde o principio da historia, encontra-se o ouro e a prata empregados no collar, tanto para os homens como para as mulheres. Quando estas não podiam ter joias de tão alto valor, usavam contas de vidro e perolas falsas. As egypcias tinham preferencia pelo escarabéu mystico. Na edade media viam-se muitas correntes de ouro passadas pelo pescoço e collares esmaltados.*

*Foi insignia de muitas ordens de cavalleria, das quaes as mais conhecidas são a Toison d'Or e o Saint Esprit. Os collares, usados tanto pelos homens como pelas mulheres, eram então de proporções enormes, extremamente pesa-*

**ULTIMOS MODELOS**

N.º 1 — Toilette em *panécla* marfim; em volta da golla e das mangas um viez de azul vivo.

N.º 2 — Vestido de *crêpe de Chine* côr de prata, debruado e bordado de preto e pousado sobre uma saia de setim preto, faixa do mesmo setim.

## Conselhos sociaes

**A educação das filhas**

*A moça sahe da primeira infancia. Emquanto o rapaz n'esta edade recebe directamente a impulsão paterna, a filha continua a ficar sob a influencia materna. Ella deverá fazer-se mais esclarecida e mais vigilante ainda. O primeiro cuidado da mãe será impedir que, pela educação, pelo meio onde será posta, pelos exemplos que terá sob os olhos, a sua filha conceba esperanças acima de sua fortuna e condição. E' bom acostumar desde cedo a governar qualquer cousa, a fazer contas, a ver a maneira de fazer compras e saber como cada cousa póde ser aproveitada.*

*Acostumae vossas filhas a não supportarem nada desarrumado, não consentindo a menor desordem em casa: fazei-lhes observar que nada contribue mais para a economia e a limpeza do que manter sempre cada cousa no seu logar. Esta regra não parece quasi nada, entretanto vai longe se exactamente observada. Antigamente era questão de controversia saber se a educação das filhas deveria ser completado por uma instrucção solida. Nossos paes viam com sarcasmo aquellas que sabiam alguma cousa. Hoje é admittido que uma instrucção bem dirigida é muito util a todas as classes de mulheres, quer sejam chamadas a tirar partido do seu saber para viver, para vigiar o seu interior e dirigir seu filhos ou simplesmente para entreter e brilhar numa conversação.*



*dos e sobrecarregados de enfeites. Mas a primeira bella epoca do collar é o XVI seculo, quando as elegantes os usavam de todos os feitios, de todos os comprimentos; os menores, carcans, apertavam justos o pescoço. O seculo antes foi todo das perolas: a rainha Anna d'Austria usava um soberbo collar de perolas que figurou depois nas joias da corôa: o seculo XVIII foi todo dos diamantes. O famoso collar da Rainha, que era maravilhoso e que causou um tão grande escandalo, marcou o apogéo e o fim do collar de diamantes. Hoje os collares de perolas, quando são perfeitos pela igualdade e a pureza das perolas, não teem rival e attingem preços exorbitantes: teem uma attracção irresistivel.*



N.º 1 — Vestidinho em *crepon* branco; as borboletas bordadas com linha brilhante côr de cereja.

N.º 2 — Vestido em *linon mauve*; as borboletas são bordadas com linhas azul, vermelha e preta.

Essas mesmas borboletas pódem ser aproveitadas para guarnecer *stores*, pannos ou almofadas, podendo ser feitas em branco com pontos abertos ou recortadas e applicadas sobre tecidos de côres differentes.

**O regime**

*Os medicos que prohibem o vinho têm numerosos adeptos, que fielmente se restringem ao uso da agua. E' uma questão de regime. Uma grande maioria de pessôas acha-se, na actualidade, submettida a um regime, só podendo comer umas certas comidas e beber umas certas bebidas.*

*Quando uma dona de casa conheça o regime de seus convidados, facil se lhe tornará compôr um menu especial em que elles poderão encontrar os alimentos que lhes é permittido comer. O caso, porém, complica-se sempre que haja muitos convidados submettidos a regimes diversos.*

*Em referencia aos liquidos, a linha de conducta da dona da casa torna-se mais facil, porque sempre se pode ter em casa aguas mineraes, leite, cerveja, chá.*

*Todo o convidado submettido a qualquer regime não deve embaraçar nem confundir os seus hospedes, desde o momento que estes ignoram o seu regime: deve antes infringil-o ou alteral-o, comendo pouco e escolhendo de preferencia os pratos que mais lhe pareçam aproximar-se d'aquelles que são prescriptos para seu uso.*

*Como a bôa educação manda que não se insista com os convidados, obrigando-os a comer ou a beber, facil será aos mesmos tirarem-se de apuros: e assim, se o convidado beber agua, não devemos teimar em offerecer-lhe vinho, mas offerecer-lhe-hemos, simplesmente, agua mineral.*

MENU DO ALMOÇO

| | |
|---|---|
| SARDINHAS FRITAS | SALADA DE COUVE-FLOR |
| FRANGO COM ARROZ | PUDIM DE CRÊME |
| BIFES A VAPOR | BISCOITOS ALLEMÃES |

### SALADA DE COUVE FLOR

*Bem lavada a couve-flor ferve-se numa panella grande, de maneira que a agua a cubra completamente.*

*Quando á pressão se desfaça, retira-se do lume a panella, escorre-se a agua e deita-se-lhe agua quente para que não endureça. Tira-se a couve-flor com cuidado, cortam-se lhe as folhas inferiores ou rama, que se picam muito miudas com uma cebola e salsa, e misturam-se batendo-as em azeite, vinagre e sal. Estende-se parte d'este picado no fundo da saladeira e sobre elle colloca-se a couve-flor, pondo por cima o resto do picado. Serve-se quente ou fria, á vontade.*

### BIFES A VAPOR

*Cortem-se os bifes, ou de vitella ou de vacca, mas prefira-se o lombo: depois de cortados e batidos, tem-se preparado um picado de carne como de ordinario, e deita-se um pouco em cada bife; enrolam-se cada um de per si, e atam-se com uma linha: depois deita-se, numa panella propria para banho-maria, rodellas de cebola muito degadas, salsa, pimenta, azeite, um pouco de manteiga, trez colheres d'agua e duas de vinho do Porto branco. Collocam-se em cima os bifes que vão a cozer sem se destaparem, até estarem promptos, e servem-se com puré de batatas.*

### PUDIM DE CREME

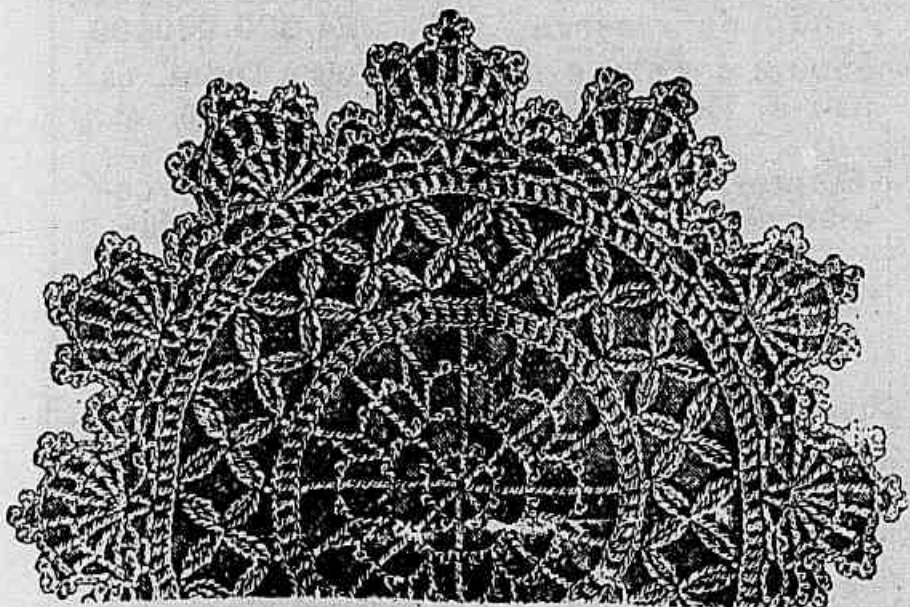
*Põe-se um litro de leite, com assucar que adoce, a ferver até reduzir um terço: emquanto ferve, deita-se-lhe duas colheres de assucar queimado; deixa-se esfriar e junta-se-lhe dez gemmas muito bem batidas; mistura-se bem, passa-se por uma peneira e vai ao fogo em banho-maria. Fôrma forrada com assucar queimado.*

### BISCOITOS ALLEMÃES

250 grammas de manteiga
250 grammas de farinha de frigo
125 grammas de amendoas moidas
1 colherinha de fermento inglez
4 ovos

*Bate-se a manteiga com o assucar, junta-se-lhe os ovos, a farinha com o fermento e por ultimo as amendoas. Assa-se em taboleiro de forno. Forno regular. Depois de frio, corta-se em losangos.*

*Gostando-se, póde-se pôr uma pitada de canella na massa.*

ROSETA DE CROCHET

Esta roseta, feita em linha fina, faz uma bonita terminação para pannos de aparador ou formando uma cercadura sobre uma toalha de mesa em linho liso ou *granité*.

## Galões, fitas e bordados

*As fitas são empregadas, mais do que nunca, como guarnição: usam-se em faixa, em enormes laços retendo os apanhados dos vestidos, em rosetas e guarnições de toda a especie. A fita encerada não cessou de agradar: é mesmo empregada para bordados. Os bordados são menos pesados, o ponto de alinhavo substitue o ponto de cadeia, do qual se fez um verdadeiro abuso ultimamente. O estylo egypcio, com os seus lotus, os seus ibis e as suas esphinges, parece ter tentado um grande numero dos desenhistas de bordados. Para os costumes e os vestidos ligeiros, os galões encerados e as* bandes *feitas em pontos grandes de* Cornelly, *muitos juntos, dão um effeito brilhante com a diversidade dos seus tons.*

*Com uma bonita fita, o que não se faz? laços, cocardes, enormes poufs e muitas vezes, alongando-se, forma-se a cauda do vestido. Porque a cauda reviveu nos vestidos da noite. A's vezes é formada por um manto de côrte atirado sobre um vestido curto ou, mais frequentemente, é a pequena cauda molle feita de uma, de duas ou de tres tiras estreitas cahindo mais sobre o lado, na maior parte das vezes, do que nas costas.*

BORDADO SOBRE FILO'

Este bordado é muito ligeiro e simples de fazer, e guarnece muito bem as cortinas ou cortinados. Em filó côr de barbante, bordado com linha branca, ou de côr viva, fica muito bem para saleta ou sala de jantar, e todo branco para sala de visitas



# Conselhos Praticos

## Limpeza dos crepes

*Fabricam-se agora crêpes impermeaveis, que supportam a chuva; entretanto, para a limpeza, o crêpe não deve nunca ser molhado. Quando está amollecido por muito uso ou pela humidade, basta humedecel-o com espirito de vinho e enrolal-o num cabo de vassoura humedecendo-o a cada volta. Póde-se substituir o espirito pelo leite; mas então deve-se passar uma esponja rapidamente e cuidadosamente depois de ter humedecido igualmente todo o crêpe: assim elle recobra a sua rigidez e uma bella côr.*

*Outro processo, para os crêpes que mancham com agua. Passar e repassar o tecido bem esticado por cima do vapor d'agua e seccal-o, dependurando-o longe do fogo. Se o crêpe tiver sido manchado com a chuva, estende-se sobre uma mesa prendendo-o solidamente com um peso. Colloca-se em seguida debaixo da mancha do crêpe um pedacinho de seda preta e, com o auxilio d'um pincel molhado em tinta preta commum, humedece-se a mancha; depois enxuga-se depressa com um pedaço de seda. A gotta de tinta secca logo e a mancha desapparece.*

## Receita para limpar os couros e conserval-os

*Muitas vezes um vestido, mesmo pouco usado, perde o seu brilho: para dar-lhe de novo um bom aspecto, faz-se o seguinte. Depois de o ter sacudido e escovado bem para tirar toda a poeira, dependura-se o vestido e passa-se por todo elle uma esponja humedecida com neufaline e em seguida enxuga-se com uma toalha um pouco grossa. Depois de todo limpo, molha-se a esponja ou então um panno em agua ligeiramente gommada (alguns pedaços de gomma arabica que se desmancham em agua) e molha-se a fazenda pelo avesso.*

*Quando estiver secca, passa-se a ferro pelo avesso.*

## Limpeza dos vestidos pretos em setim, em surah, taffetás, etc.

*Se o couro está manchado, faz-se uma mistura de nove partes de alcool e uma de glycerina, molha-se com essa mistura um pedaço de flanella e com elle se esfrega energicamente a parte manchada. Se o couro estiver reseccado, convem molhal-o com uma esponja e, antes d'elle seccar de novo, passar por cima um pouco de vaselina ou uma ligeira camada de oleo de baleia. Os corpos oleosos entreteem a flexibilidade e a belleza dos couros, e impedem que elles se rasguem e se arranhem.*

### Para perfumar a roupa

*Fazer ferver, com a roupa que se poz em barrela, um rosario de raizes de iris. A roupa guardará um cheiro suave de violeta.*

*Pode-se servir indefinidamente do mesmo rosario de raizes de iris.*

### Para conservar a flexibilidade das botinas cujo verniz foi molhado

*Primeiro pôr dentro das botinas panno para fazer uma especie de fôrma que absorverá a humidade do calçado e, com uma esponja molhada, tirar a lama, depois enxugar com um panno secco. Esfregal-as no dia seguinte com uma pomada preta especial para este fim, tirar os pannos que estão dentro e pôr outros seccos e embrulhar as botinas em papel de seda branco.*

*Com esses cuidados as botinas conservarão a sua flexibilidade e o verniz não rachará.*

### Para tornar o calçado impermeavel

*Fazer derreter em partes iguaes gordura de porco, sebo e cera amarella, juntar n'essa mistura azeite de azeitona e essencia de terebenthina na proporção de 100 grammas por libra. Estender esta pomada ainda quente sobre as botinas com um pedaço de flanella e esfregar vigorosamente para que ella penetre no couro.*

## PRECEITOS DE HYGIENE

### Propriedades do abacate

*Além de ser uma fructa nutritiva e saborosa, gosa de propriedades notaveis, que são conhecidas de poucas pessôas. Segundo um jornal americano, a casca d'esta fructa possue propriedades vermifugas: a dose que se dá ás creanças que soffrem de vermes é de 8 a 10 grammas de casca fresca e de 4 a 6 se está secca. O caroço torrado usa-se vulgarmente para combater a dysenteria e o cozimento do caroço crú para combater as molestias do couro cabelludo. Com o succo do caroço marca-se a roupa de modo indelevel: moidos, misturados com um pouco d'agua, formam cataplasmas com que se curam panaricios. O Dr. Grossourdy recommendou o oleo extrahido da polpa da fructa para acalmar a dôr dos gottosos, friccionando-se com elle a parte enferma. O chá feito com folhas de abacateiro é muito efficaz para combater o acido urico.*

### Cortes

*O tratamento dos cortes pequenos consiste em lavar a ferida com agua limpa e aproximar as carnes fixando-as com ponto falso ou sparadraps. As carnes assim reunidas não tardarão a adherir, a menos que no corte se tenha introduzido um corpo extranho, o que se deve cuidar de verificar em primeiro lugar. E' sempre bom preservar a ferida do ar e das impurezas que a poderiam inflamar: para esse fim, enrola-se um panno embebido numa mistura d'uma parte de tintura d'arnica para duas d'agua, ou então cobre-se com uma camada leve de colodium. Se o corte apresenta alguma gravidade e que a hemorragia seja abundante, deve-se, sem hesitar, chamar o medico. Emquanto se espera a sua chegada, é preciso pôr o dedo sobre a ferida, de maneira a tapal-a inteiramente, e assim se impedirá o sangue de correr. Este meio é infallivel e muito necessario, pois se a arteria estivesse cortada seria impossivel parar o sangue d'outro modo e se tornaria de ultima gravidade deixal-o correr por muito tempo.*

*Se o ferimento resulta de um golpe ou d'uma queda, no caso de não ser abundante o sangue, é preciso lavar a ferida, e pôr compressas com a mistura d'agua e de arnica, ou de agua simples e agua oxygenada.*



*Se desejassemos só ser felizes, não seria tão difficil; mas queremos ser mais felizes do que os outros: e isso é quasi sempre difficil, porque julgamos os outros mais felizes do que elles são na realidade.*

MONTESQUIEU.



## CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Honrados com a confiança e distincção que nos foi dispensada pela illustre direcção da *Revista da Semana*, entregando-nos a redacção desta secção, pensamos de nosso dever serem as suas primeiras linhas de agradecimento aos jornalistas que estão á testa dos destinos da *Revista*.

O fim principal que temos em vista tratar no espaço insignificante de menos de uma columna não nos permittirá ventilar questões que demandem maior estudo e longas considerações em um só numero, pois seremos forçados a responder com brevidade ás consultas que nos forem dirigidas durante a semana e, assim, a quasi nada ficará reduzido o nosso espaço.

Não será isso, porém, que nos fará dedicar menos attenção nem menor esforço para a todos satisfazer, esperando desde já que nos sejam relevadas as faltas que por ventura commettermos.

E' nosso intuito tratar, entre outros, dos seguintes assumptos:

*Historia pregressa da odontologia.*
*A cirurgia dentaria no Brazil.*
*A odontologia como a encaram e como deve ser encarada.*
*Os dentes das creanças.*
*A importancia da hygiene bucco-dentaria infantil.*
*Assistencias dentarias escolares.*
*A hygiene bucco-dentaria no adulto.*
*O valor da cirurgia dentaria em medecina legal.*
*Os cirurgiões-dentistas brasileiros e a emancipação do ensino odontologico official.*
*Assistencias dentarias publicas.*
*A importancia do serviço dentario nas classes armadas.*
*A miseria organica em face das molestias da bocca e dos dentes.*
*Os dentes, a saude e a esthetica facial.*

Vê, pois, o amavel leitor, que não nos afastamos da verdade se dissermos que cada um d'elles nos obrigará, talvez, a tomar-lhes o precioso tempo em tres ou quatro numeros consecutivos.

ALEXANDRINO AGRA.

# Consultorio da Mulher

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher. — Dirigir correspondencia para a rua Paysandú, 111. Rio de Janeiro.

GLORIA — *A pasta e o pó de dentes são preparados antigos, que servem á limpeza, mas não bastam á conservação dos dentes. A sciencia prophylatica moderna combate de preferencia as causas de ordem microbiana, que atacam e destroem os dentes. O* Dentifricio Radio-Activo *é resultado de longas experiencias de auctoridades odontologicas inglezas. Foi adoptado pelos dentistas mais notaveis da Europa. Aconselho-lhe seu uso diario. Tres ou quatro gottas em meio copo de agua garantem uma escrupulosa desinfecção da bôca. O* Dentifricio Radio-Activo *possue um agradavel aroma.*

MME. JENIS — *Não deve lavar seu cabello com o* Sylkale. *Esse meu sabonete e fabricado para clarear, amaciar e alimentar a pelle. O* Sabonete *descolora o cabello e deposita residuos gordurosos nas raizes. Para lavar efficazmente o seu cabello, desembaraçal-o da caspa e de todas as impurezas, empregue o* Shampoo-Powder. *Cada pequena caixa deste preparado, contendo a quantidade necessaria para tres lavagens da cabeça, custa 2$000 réis. A lavagem com o* Shampoo-Powder *transmitte á cabeça uma agradavel impressão de frescura aromatica. O cabello fica solto, macio e fôfo.*

PAULISTANA — *Uma apparencia juvenil raramente pode harmonisar-se com um cabello precocemente encanecido. Porém tingir o cabello tornou-se uma operação muito delicada e até perigosa. Quasi todas as Tinturas aproveitam na sua composição o nitrato de prata e outras substancias toxicas, que queimam o cabello, alteram a vista, provocam cephalagias dolorosas, havendo mesmo casos de intoxicações graves. A minha* Tintura Vegetal Liquida *permitte restaurar, sem perigo, a côr natural do cabello. Não só ella é inoffensiva, como contem substancias tonicas, que promovem o vigor e o crescimento do cabello. Numerosas clientes minhas, que tinham o cabello queimado e deteriorado pelas tinturas nocivas, hoje possuem um cabello abundante e sedoso. A* Tintura Vegetal Liquida *colora o cabello sem lhe atacar a vida, sem acção destruidora sobre o seu delicado organismo. Encontra á venda a* Tintura *nos tons preto, castanho, castanho claro, louro e cendré.*

VERA E MARGARIDA — *Já experimentaram a* Loção Adstringente*? E' o melhor correctivo contra os effeitos do sol. Não só contrahe os poros dilatados pela transpiração, refrescando e tonificando a pelle, como a clareia e lhe transmitte uma côr saudavel e juvenil. Adoptem a* Loção Adstringente *como fixativo do* Pó de Arroz Hygienico *(branco ou rosa) e, sempre que voltem da rua, de uma mais ou menos longa exposição ao sol, appliquem a* Loção, *para limpar e refrescar o rosto.*

COQUETTE — *O* Rouge Poziomka *é inoffensivo e de uma fixidez absoluta.*

CLIENTE AMIGA, Juiz de Fóra — *Depois de ter feito a massagem com o meu* Crême de Massagem *comprehenderá porque é elle differente dos Crêmes que tem usado. Sentirá a sua acção immediata na maciez e belleza da sua pelle, na fortificação dos tecidos, no gradual desapparecimento das rugas.*

ADELINA CAMOYO — *Porque, aos 40 annos, conformar-se com os estragos da pelle? O presistente tratamento hygienico da sua cutis transformará por completo esse conjuncto de imperfeições. A epiderme é um delicado organismo que precisa de ser cuidado. O rosto, exposto ao sol, á poeira, ao frio, ao vento e á humidade, exige attenções especiaes. E' por isso que o rosto envelhece mais depressa que outra qualquer parte do corpo. Os pannos, as rugas, os cravos, os pontos negros são pequenas disformidades que se corrigem e evitam. Os perfumes, os maquillages e os pós de arroz não são remedios. Peça o prospecto de meus preparados na* Casa das Fazendas Pretas, *na* Perfumaria Avenida *ou na* Casa Bazin *e guie-se pelas instrucções que ahi lerá. Se prefere, posso mandar-lhe pelo correio esse prospecto.*

SELDA POTOCKA.

*Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos :* RAMOS SOBRINHO & C. *(Rua da Quitanda)*, PERFUMARIA SILVA, *(Rua do Theatro)* CASA DAS FAZENDAS PRETAS, CASA BAZIN, PHARMACIA ORLANDO RANGEL, PERFUMARIA AVENIDA *(Avenida, esq. Assembléa)* PHARMACIA GRANADO *(Rua Primeiro de Março, 14).* — A' BRASILEIRA, *(Largo de S. Francisco).* — 1.º BARATEIRO, *(Avenida Rio Branco).* — PHARMACIA ARAUJO PENA FILHO, *(Rua da Quitanda).* — *Em Petropolis, no estabelecimento de modas de* MME. PONGETTI *(Rua 15 de Novembro, 285).* — *Em S. Paulo, na* CASA LEBRE. — *Em Bello Horizonte,* NARCISO & C. *(Rua da Bahia, 1221).* — *Em Juiz de Fóra,* ARAUJO SANTOS & CARVALHO *(successores de* CYRILLO CARVALHO & C. — *Em Victoria,* CRUZ SOBRINHO & C. — *Na Bahia,* MANSO & C. — *No Recife,* A ROSA DOS ALPES. — *Em Maceió,* J. LAGES. — *Em Ouro Preto,* J. B. MENDES. — *No Rio Grande do Sul,* PALAIS ROYAL. — *Em S. Luiz do Maranhão,* A MARIPOSA e NOTRE DAME. — *Em Porto Alegre,* CASA QUEIMADA. — *Em Campos,* CASA LAMY. — *Em Campinas,* CASA CAZUZA. — *Em Fortaleza,* XAVIER PINTO & IRMÃO. — *Em Aracajú,* AO PREÇO FIXO. — *Em Pelotas,* A' TORRE EIFFEL. — *Em Ribeirão Preto,* VALERIANO T. DOS REIS. — *Em Lavras (E. de Minas),* A BRASILEIRA. — *Em S. José do Rio Pardo,* A CENTRAL. — *Em Barbacena,* A FILIAL (SOUZA MARQUES & C.). — *Em Ponte Nova,* A BRASILEIRA. — *Em S. José do Paraizo,* SALLES & IRMÃO. — *Em Mináos,* LOJA JACINTHO. — *Em Mococa,* J. MOREIRA e SALLES AZEVEDO & C. — *Em Bagé,* J. L. VAZ & C. *(Rua General Osorio).* — *Em Cachoeira de Itapemirim,* A NOVA ESPERANÇA. — *Em Parahyba do Norte,* A RAINHA DA MODA. — *Em Curytiba,* A CARIOCA. — *Em Corumbá,* NICOLA SCAFFA. — *Em Palmyra,* PHARMACIA CENTRAL. — *No Pará,* PERFUMARIA CENTRAL. — *Em Santos,* MIGUEL GUERRA. — *Em Uruguayana,* BEREHEGARAI. — *Em Franca,* BENJAMIN STEMBERG. — *Em Conde de Araruama,* RIBEIRO & FILHOS. — *Em Caxias,* GUIMARÃES SILVA & C. — *Em Barretos,* CONDE & ALMEIDA. — *Em Bebedouro,* RICARDO M. MACHADO. — *Em Leopoldina,* WERNECK & C. — *Em Taubaté,* JOAQUIM AUGUSTO CABRAL. — *Em Sobral,* EUCLYDES SABOYA & C. — *Em Cruz Alta,* CASA MONTENEGRO. — *Em Uberabinha,* TEIXEIRA COSTA & C. — *Em Cuyabá,* CASA MARTINIANO. — *Em Theophilo Ottoni,* J. PONGIRUM. — *Em Sta. Luzia de Carangola,* PHARMACIA DUTRA. — *Em Uberaba,* JOÃO GABARRO & CARVALHO. — *Em Therezina,* APHRODIZIO THOMAZ DE OLIVEIRA. — *Em Patrocinio,* SALAZAR & C. — *Em Santa Victoria do Palmar,* CASA PREÇO FIXO. — *Em Quissaman,* CARNEIRO & SOUZA.

*Depositarios geraes para todo o Brasil :* COSTA PEREIRA & C. — *Rua da Quitanda,* 55.

## Como Eva se veste no começo do anno de 1921

SABBADO, 8

# Revista da Semana

Segundo numero commemorativo da transladação do Imperador e da Imperatriz.

# A' VENDA

## Brevemente

# ALMANACH EU SEI TUDO

**O mais minucioso, o mais completo, o mais instructivo, o mais bello dos almanachs ate' hoje publicados em nosso idioma.**

**Preço 5$000 réis.**

**Tiragem 100.000 exemplares**

Off. Graph. Aureliano Machado & C.